

# VOZES

## Questões e inquietações atuais sobre infâncias e crianças

AUTOR (ES): **NEPSID** 22 / FEV / 2017

Nos últimos anos a área da infância e os olhares para as crianças têm sido objeto de estudos, pesquisas, programas, debates e publicações. Muita informação e formação vêm sendo veiculadas, voltadas para educadores, pais, gestores e outros profissionais que lidam com crianças e com a infância nos mais diversos grupos, culturas, ambientes e situações.

Porém, inúmeras questões e dúvidas acompanham os profissionais que estão na escola, na família, nas organizações, nos espaços públicos, lúdicos e tantos outros.

Queremos ouvir suas inquietações e perguntas para, a partir dos seus depoimentos, criar canais de diálogo, reflexão e compartilhamento!

Participe desta pesquisa preenchendo o formulário a seguir:

<https://docs.google.com/forms/d/1RfEcts5AyBL9dLOfiJuQ7PeR5ZvD-rwoinNcKkbPkda/edit>

Compartilhe na sua rede!

## Publicação: Quem está na escuta?

AUTOR (ES): **MIB** 24 / OUT / 2016

*Publicação organizada pela equipe editorial do Mapa da Infância Brasileira (MIB) reúne em artigos de pesquisadores de áreas diversas olhares singulares para a escuta das crianças.*

# QUEM ESTÁ NA ESCUTA?

DIÁLOGOS, REFLEXÕES E TROCAS DE ESPECIALISTAS QUE DÃO VEZ E VOZ ÀS CRIANÇAS



A publicação Quem está na escuta? – Diálogos, reflexões e trocas de especialistas que dão vez e voz às crianças sinaliza caminhos, constrói pontes e abre atalhos para uma temática bastante cara nos dias de hoje: a importância em ouvir, observar e dialogar com o universo da criança. Quem está na escuta? será lançado inicialmente em formato virtual, no dia 1º de novembro, na plataforma colaborativa do Mapa da Infância Brasileira (MIB). Reúne artigos de pesquisadores que atuam em diferentes áreas. Quem abre a discussão, numa entrevista exclusiva, é Manuel Jacinto Sarmiento, professor em Sociologia da Infância da Universidade do Minho, de Portugal. Ele trata da participação infantil na cidade e da representação da infância nos dias de hoje no texto intitulado Retrato em positivo. Para Sarmiento, é urgente estabelecer uma relação recíproca, de fala e de escuta, entre adultos e crianças.

Assim como Ariadne, a educadora e antropóloga Adriana Friedmann, idealizadora do Mapa da Infância Brasileira, aponta caminhos em A arte de adentrar labirintos infantis. Escutar as crianças, diz a pesquisadora, é como fazer uma viagem ao território da infância. No percurso pelos universos infantis, o viajante descobre diversidade de linguagens, costumes, sabores, cheiros, músicas, danças, brincadeiras, histórias e paisagens. Assim, ao

escutar e descobrir o que as crianças têm a dizer, novos mundos e repertórios descortinam-se à frente do adulto.

Para ouvir as crianças, no entanto, é preciso estar atento à Poética da infância. Nesse artigo, os professores e pesquisadores Severino Antônio e Katia Tavares tratam de uma educação em que as crianças possam pensar, sentir e se expressar poeticamente. Os autores defendem que as crianças, principalmente as pequenas, exercitam espontaneamente um pensamento mitopoético, em que tudo fala, assim como se transforma em tudo.

Em Tessitura de vínculos em campo, os documentaristas David Reeks e Renata Meirelles, coordenadores do projeto Território do Brincar, abordam as relações entre pesquisador e criança em momentos de encontros marcados pelo espontâneo, num banho de rio ou compartilhando brincadeiras. Contam que há uma busca genuína em revelar-se como pessoa, antes mesmo de se mostrar em papéis como pesquisador, educador ou fotógrafo na missão de dar voz às crianças. A “fala” da criança, aliás, extrapola a oralidade. E, assim, os gestos infantis expressam verdades do humano.

Dos gestos aos olhares. Radiografando uma espécie de etnografia literária e poética, a jornalista e documentarista Gabriela Romeu, uma das idealizadoras do Infâncias, traça perspectivas da observação em Narrativas do olhar (notas de um diário). Com que olho eu olho? Numa multiplicidade do visível, a pesquisadora empresta olhos de diferentes personagens da literatura para experimentar escutar longe e espiar além, provocando deslocamentos e desestabilizando certezas nos processos.

Os sentidos de ouvir foram também ampliados. A arte-educadora Lindalva Souza, coordenadora do Vozes da Infância Brasileira (VIB), traça rotas diversas para uma escuta lúdica, que incluem criação de mapas, construção de objetos, oficina de desenhos e brincadeiras de faz de conta. Para compartilhar as muitas formas de “ouvir” meninos e meninas de diversas iniciativas de São Paulo, o convite é percorrer o texto Cartografia de uma escuta sensível.

Mas há ainda mais rotas e caminhos para trilhar: outras experiências de escuta infantil ao longo das páginas são ricas fontes de inspiração. E, para quem ainda tiver fôlego, vale seguir a jornada com referências de livros, sites e filmes que fomentam a discussão.

A publicação é organizada pelo Mapa da Infância Brasileira, cuja missão é articular, mobilizar e criar sinergias entre os diversos atores e iniciativas voltados para as crianças no Brasil.

# Entidade de estudantes realiza turismo social pela cidade de São Paulo

AUTOR (ES): **ROSA DOS VENTOS** 13 / OUT / 2016



Já ouviu falar sobre Turismo Social?

O Rosa dos Ventos é um projeto que começou há 15 anos atrás. Estudantes de turismo da Escola de Comunicações e Artes, faculdade da Universidade de São Paulo, procuravam aplicar seus conhecimentos em sala de aula na prática. Para isso, cresceu a ideia de planejar roteiros e atividades para desenvolver habilidades artísticas e culturais com crianças com menos oportunidades, trabalhando a partir de questões sociais pertinentes aos jovens em vulnerabilidade social, como a democratização do conhecimento e direito ao lazer.

Atualmente o Rosa conta com passeios pela cidade de São Paulo levando os pequenos para conhecer lugares como o MASP e contando um pouco sobre a história do famoso museu localizado na Avenida Paulista. Um sonho do Rosa é expandir o trabalho para outros centros que fazem parte da cultura do país e assim, impactar cada vez mais jovens.

Viagens e passeios podem ser instrumentos de sensibilização, educação e integração e direito de todos!

# Entidade de estudantes realiza turismo social pela cidade de São Paulo

AUTOR (ES): **ROSA DOS VENTOS** 13 / OUT / 2016



Já ouviu falar sobre Turismo Social?

O Rosa dos Ventos é um projeto que começou há 15 anos atrás. Estudantes de turismo da Escola de Comunicações e Artes, faculdade da Universidade de São Paulo, procuravam aplicar seus conhecimentos em sala de aula na prática. Para isso, cresceu a ideia de planejar roteiros e atividades para desenvolver habilidades artísticas e culturais com crianças com menos oportunidades, trabalhando a partir de questões sociais pertinentes aos jovens em vulnerabilidade social, como a democratização do conhecimento e direito ao lazer.

Atualmente o Rosa conta com passeios pela cidade de São Paulo levando os pequenos para conhecer lugares como o MASP e contando um pouco sobre a história do famoso museu localizado na Avenida Paulista. Um sonho do Rosa é expandir o trabalho para outros centros que fazem parte da cultura do país e assim, impactar cada vez mais jovens.

Viagens e passeios podem ser instrumentos de sensibilização, educação e integração e direito de todos!

# Grupo de Ação Escuta de Crianças convida iniciativas a ouvirem suas crianças sobre o que querem para suas cidades

AUTOR (ES): **GRUPO DE AÇÃO ESCUTA DE CRIANÇAS** 05 / SET / 2016

No dia 26 de Agosto, 120 organizações da sociedade civil - entre ONGs, coletivos, escolas, centros de saúde, fundações e institutos, empreendedores sociais e ativistas da infância - estiveram reunidos no Seminário 'Vamos ouvir as crianças' realizado pelo Grupo de Ação 'Escuta de Crianças' do MIB, na Umapaz, em São Paulo.

Este grupo de ação está integrado por: Instituto Alana, Cidade Escola Aprendiz, Mapa da Infância Brasileira - MIB, Projeto Infâncias, Associação Brasileira de Brinquedotecas, Movimento Boa Praça, Instituto Elos, Instituto Cinco Elementos, Criadeiras, Doutores da Alegria e Território do Brincar.

O encontro foi muito potente e inspirador e acreditamos na força e na importância deste movimento para escutar as crianças das diversas regiões e equipamentos das cidades para saber o que querem e sonham para seus territórios.

Em conjunto e, a partir das palestras inspiradoras e co criação coletiva, levantamos alguns princípios norteadores para a realização destes processos de escuta.

A ideia é que qualquer ator social ou iniciativa que tiver interesse em se somar a este movimento - que irá encaminhar aos futuros prefeitos das

idades o conjunto de vozes e 'falas' das crianças escutadas, possa desenvolver estes processos de escuta com cuidado e ética.

Nesta página, é possível acessar:

- Princípios para a escuta de crianças
- Roteiro para elaboração dos relatórios de escuta
- Os vídeos do Seminário

Os materiais e produções dos processos de escuta poderão ser encaminhados para o e-mail [escutas@nossarua.com.br](mailto:escutas@nossarua.com.br) até dia 12 de Outubro.

Nosso grupo de ação fará uma primeira leitura para pensar na forma de sistematizar estes registros e produções.

E pensaremos na possibilidade de fazermos a 'leitura' destes materiais em um possível novo encontro presencial.

Frisamos a importância de cada organização solicitar autorizações, tanto para os adultos responsáveis quanto para as crianças, documentos que ficarão de posse de cada organização.

Achamos que unir esforços na divulgação e fortalecimento deste movimento entre os vários atores e organizações da infância é o caminho para realmente dar força, vez e voz aos diversos grupos de crianças do nosso país.

Vídeo do Seminário - Parte I

Vídeo do Seminário - Parte II

# Museus do mundo todo ao alcance das mãos.

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 25 / AGO / 2016

The game that will turn  
your kids into  
art lovers !

SCORE: 5

39.8 Sec



**MY** museum **SPEEDART**

Se pensamos em grandes museus ao redor do mundo, o MoMa, de Nova Iorque, e o Louvre, de Paris, não costumam ser esquecidos. Visitá-los é um deleite para os olhos e para a alma, permitindo uma imersão de adultos e crianças no universo de obras e artistas consagrados que marcaram ou mudaram os rumos da história da arte. Mas se não é possível conhecê-los “ao vivo”, que tal saber mais sobre eles por meio de aplicativos elaborados para crianças?

O MoMa Art Lab, disponível apenas para IOS e em versão em inglês (o que não impede as crianças de realizar as atividades!), permite a criação de músicas, a elaboração de desenhos individuais e em grupos, o acesso à informações e à experimentação de técnicas usadas por artistas. O app ainda apresenta obras de Henri Matisse, Alexander Calder, Elisabeth Murray, entre outros. Os trabalhos produzidos pelas crianças podem ser salvos e até compartilhados (a ferramenta de compartilhando pode ser ativada ou desativada pelos pais).

Já o My Museum SpeedArt, que tem versão em português e também está disponível apenas para IOS, traz o Louvre para nossas mãos. Por ele, as crianças podem conhecer inúmeras obras, tendo o desafio de remontá-las, como num quebra-cabeça, jogando contra o tempo. Em outro desafio, a tarefa é encontrar a maior quantidade de obras num limite de tempo. Em outro, a proposta é localizar e devolver o rosto de reis e rainhas franceses para seus devidos retratos.

E é brincando e jogando que as obras desses museus se desvendam às crianças, rendendo diversão e aprendizagem! Vale lembrar, como sempre fazemos por aqui, que a interação das crianças com esses aplicativos, bem como com as tecnologias de forma geral, não deve ocupar um tempo significativo de sua rotina diária.

<http://www.todacriancapodeaprender.org.br/>

# Como escutar o que as crianças têm a dizer sobre a cidade?

AUTOR (ES): **CIDADE ESCOLA APRENDIZ** 16 / AGO / 2016



“Como escutar o que as crianças têm a dizer sobre a cidade?”

É em torno dessa provocação que acontecerá o seminário *Se essa rua fosse minha...* Vamos ouvir as crianças?, que será realizado no próximo dia 26/8 (sexta-feira), das 9h às 17h30, na Universidade do Meio Ambiente e Cultura de Paz (UMAPAZ – Avenida Quarto Centenário, 1268, portão 7A – São Paulo/SP).

O evento pretende estimular a participação social de crianças na construção de ambientes urbanos, apontando que “o acesso à cidade é fundamental na formação, na educação e desenvolvimento integral das crianças. Assim como é fundamental, para uma cidade, que nela vivam e por ela circulem crianças”.

Para tanto, o evento tem como objetivo o desenvolvimento de uma metodologia de escuta infantil em conjunto, reunindo pessoas de instituições de diversas regiões da cidade – que atuem junto às crianças em escolas, comunidades, bairros, praças, parques, ruas, condomínios, cortiços e hospitais – para contribuir na realização da escuta junto às crianças de seus respectivos territórios.

O seminário contará com um debate e um almoço coletivo, além de dinâmicas de cocriação de estratégias de escuta, que contarão com a participação de Renata Meirelles (Território do Brincar), Rodrigo Rubido (Instituto Elos), Wellington Nogueira (Doutores da Alegria) e Adriana Friedmann (Mapa da Infância Brasileira).

Além da vontade de ouvir o que as crianças sentem, pensam e desejam para o lugar onde vivem, os organizadores do encontro querem que o novo prefeito de São Paulo, a ser eleito em outubro, escute e leve em consideração as ideias, sugestões e propostas das crianças para a metrópole.

Para além de garantir um espaço de escuta e participação das crianças no planejamento urbano, o seminário propõe intervenções de meninos e meninas para tornar a cidade mais acolhedora e democrática. Em Rosário, cidade argentina que sediou a última edição do Congresso Internacional de Cidades Educadoras, instâncias participativas como o Conselho de Crianças e o Congresso de Jovens dão voz e vez para essa faixa etária da população contribuir com o dia a dia da cidade, projetando novas formas de governança.

Para participar, é necessário cadastrar sua iniciativa na plataforma do Mapa da Infância Brasileira e preencher a ficha de inscrição.

## De braços abertos: foi assim que o MIB foi acolhido no Rio de Janeiro



Há alguns meses tive a honra de ser convidada, pela querida Adriana Friedmann, para ser embaixadora do Mapa da Infância Brasileira no Rio de Janeiro. O convite veio, acredito eu, por conta de minha trajetória pessoal e profissional em nome dos direitos de nossas crianças no país e também pela minha característica pessoal de saber e gostar de tecer redes. Colocar pessoas em contato e, em nome de uma causa nobre, é comigo mesmo! E foi a partir desse honroso convite que comecei a pesquisar nomes de pessoas, organizações e iniciativas que estavam de alguma forma fazendo barulho por, com e pelas crianças aqui na cidade maravilhosa e que desenhamos o primeiro encontro do MIB no Rio. Articulamos uma lista de 80 convidados que, desde o primeiro email responderam positivamente ao encontro e a reunião de saberes e fazeres. A adesão foi tamanha que chegamos a ter que mudar o local do evento para comportar os convidados.

Depois de muitas trocas virtuais com esse grupo diverso de atores podemos dizer oficialmente que, na penúltima Quinta- mais precisamente dia 19 de Maio, o barquinho do MIB ancorou em águas cariocas num encontro potente com esses que trabalham em prol de uma infância plena (que passavam por mães ativistas, acadêmicos, educadores, jornalistas, bailarinos, pediatras, diretores de institutos e fundações entre outros). O evento aconteceu debaixo de muita água- para nos abençoar- já que a noite não poderia ter sido mais chuvosa- o que, segundo muitos, de alguma forma faz com que os cariocas e fluminenses desejem não sair debaixo das cobertas. Mas, curiosamente, não

foi isso que aconteceu nessa noite já que mesmo com o temporal a maioria dos convidados esteve presente com corpo e alma -o que surpreendeu a todos- e tornou nosso encontro ainda mais especial, pois quem ali estava era porque queria trocar e transformar.

Nosso barquinho foi acolhido pelo Espaço Envolvimento da Gávea, uma escola transformadora que começou seu trabalho com educação infantil no Quintal de uma casa no mesmo bairro por duas pedagogas Joana Figueira de Melo e Juliana Baldaque- uma dupla de jovens empreendedoras- que desejava transformar a educação. A escolha do lugar foi proposital. A ideia era estarmos dentro de um espaço que começou pequeno, mas sempre sonhou grande e que nos remetesse as crianças, suas linguagens e quereres- que estavam ali contempladas em suas expressões artísticas pelas paredes da escola. De fato foi muito bonito ver a roda de conversa acontecer inspiradas pela voz de nossas crianças- motivo maior de nosso encontro.

O evento contou com a presença da Adriana Friedmann que pode nos apresentar a plataforma e sua potência colaborativa. Todos os mais de 40 presentes puderam então conhecer essa ferramenta única de articular e convocar atores ligados à infância no país e se reconhecer como parte dessa comunidade- o que foi mais bacana. Depois da fala de Adriana cada um dos presentes teve um curto tempo para se apresentar e assim iniciou-se uma troca. O convite para os atores conhecerem a plataforma, suas possibilidades e potências e principalmente convidá-los a inscrever suas iniciativas e trabalhos por lá foi feito. A ideia é que daqui para frente o Rio de Janeiro possa aparecer no Mapa como um território potente com tantas ideias e iniciativas bacanas em prol das crianças.

No final do caloroso encontro muitos me perguntaram os reais objetivos e desdobramentos daqui para frente. Vamos lá...No fundo o primeiro objetivo era colocá-los em contato com a plataforma colaborativa e, também, uns com os outros para que desse encontro novas redes e iniciativas possam surgir e, principalmente, lideradas por novos atores respondi eu. Primeira tarefa cumprida então. Porém, a ideia é que, agora que a rede foi tecida e os atores estão em contato, que possam se articular e tecer ideias, iniciativas e projetos que floresçam nos temas já desenvolvidos por cada um dos presentes (saúde, educação, corpo, cultura, escuta/participação/infantil, pesquisas, campanhas, natureza, cinema) ou tantos outros.

A rede é colaborativa e, como bem disse Daniel Becker no dia do encontro, nosso maior desafio parece ser falarmos sobre a infância e as iniciativas em torno dela para cada vez mais pessoas e para aquelas menos sensibilizadas. Extrapolar os muros é preciso. Por isso nossa esperança é que a plataforma possa levar os fazeres e saberes cariocas para novos mares e locais inspirando e tecendo novas oportunidades. Avante Rio!



MIB Rio



MIB Rio1



MIB Rio2

Estiveram presentes:

1. Angela Brant (Cruzada do Menor)
2. Fernanda Villela (Jardim João de Barro)
3. Liria Knutti (Essencial Creche Escola)
4. Alice Noujaim (LabEducação)
5. Angela Borba (Papo de Pracinha)
6. Carolina Mariotto (Escola Nova)
7. Daniel Becker (Pediatría Integral)
8. Christiana Caldas (Educação em Construção)

9. Joana Figueira da Mello (Espaço Envolvimento)
10. Pedro Werneck (Instituto da Criança)
11. Bianca Barros (Movimento Down)
12. Mariana Carvalho (Espaço Cria)
13. Vanessa Passos (Escola Sá Pereira)
14. Ricardo Andrade (Vila Sésamo e Sá Pereira)
15. Leonor Toledo (Infoc- PUC-RIO)
16. Paula Rocha (Instituto Dynamo)
17. Alessandra Scilla (Projeto Rocinha)
18. Christiana Tavares (Guia do Rio com Crianças)
19. Tatiana Silva (Espaço Brincante)
20. Ana Dillon (Imagens em Movimento)
21. Marcia Stein (Escolas)
22. Flávia Parente (Educação em Construção)
23. Ana Lucia Leibrunder
24. Denise Domingues
25. Pablo Mandelbaum (Instituto Árvore)
26. Camila Leite
27. Bebel Niccioli (Brincadeiras Musicais)
28. Fabiana Ribeiro (Movimento Paratodos)
29. Ana Lucia Leite (Jardim do Joá)
30. Lucas Brazil (Brinquedotecas)
31. Chris Nicklas (Amantareh)
32. Thais Dantas (Instituto Alana)
33. Mariana Koury (Cecip)
34. Adriane Ogeda (Unirio)
35. Fabrícia de Carvalho (Quintal de Estrelas)
36. Andrea Jabor (Arquitetura do Movimento)
37. Ale Duarte (Sintonizando com Crianças)
38. Luis Vicente Barros (Puc-Rio)
39. Fátima Serra (CEAT)
40. Daniela Guedes (ACT promoção da saúde)
41. Carla Maia (Cores Playgym)
42. Maria Inês Delorme (Uerj)
43. Felipe Albino (Instituto Moleque Mateiro)

Lais Fontenelle Pereira, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Rio e autora de livros infantis, é especialista no tema Criança, Consumo e Mídia. Ativista pelos direitos da criança frente às relações de consumo, foi Psicóloga do Instituto Alana por uma década e hoje presta consultoria em temas ligados a infância, educação e consumo, além de manter uma coluna mensal no Portal Outras Palavras.

## Vamos espalhar 10.000 sonhos para as crianças?

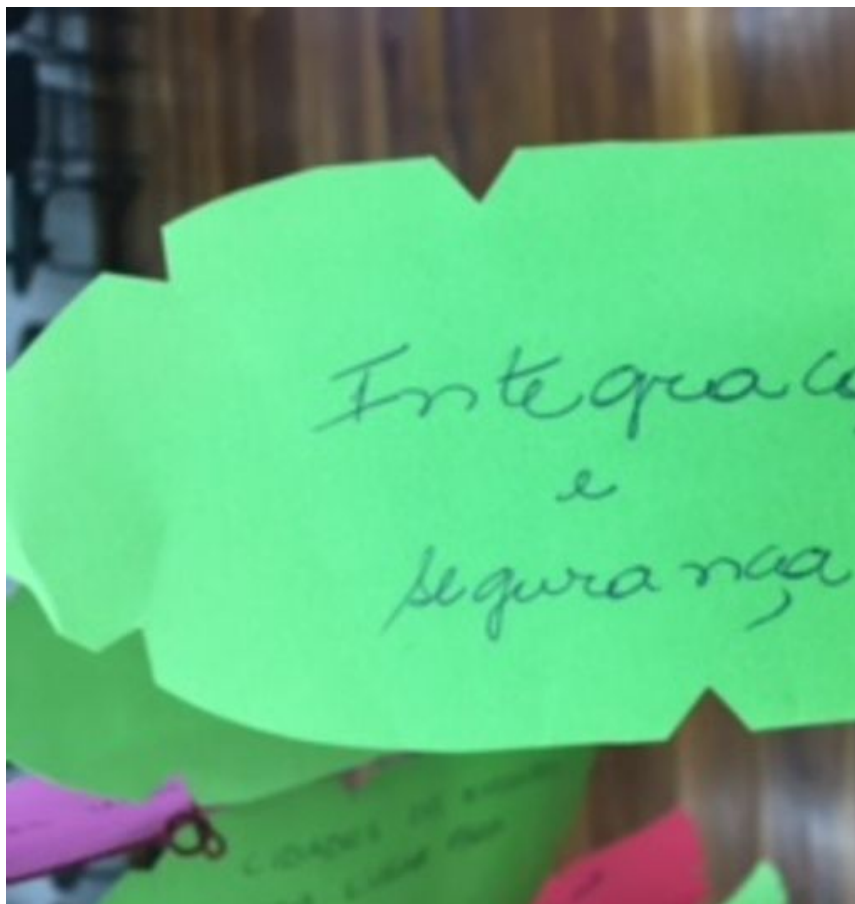
AUTOR (ES): **MIB** 07 / JUN / 2016



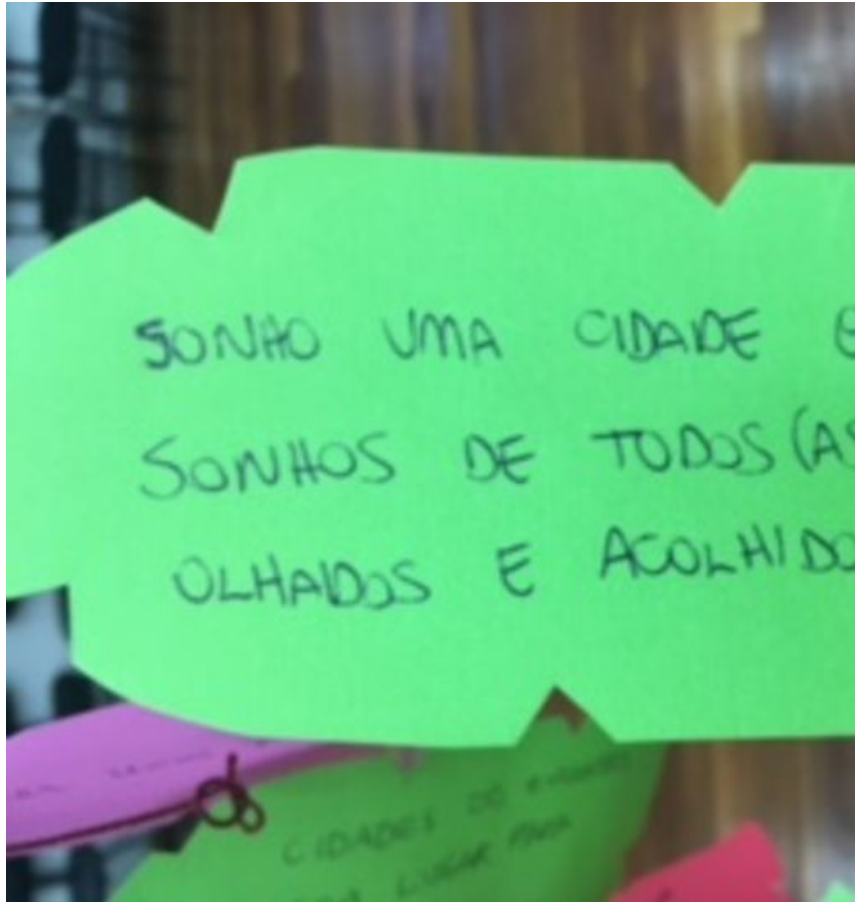
Baú dos Sonhos! Vamos espalhar 10.000 sonhos (ou desejos) para as crianças do Brasil?

Os sonhos podem vir na forma de palavras, frases, poesias, imagens... Partilhe seu sonho nesta mensagem e contribua com este baú.

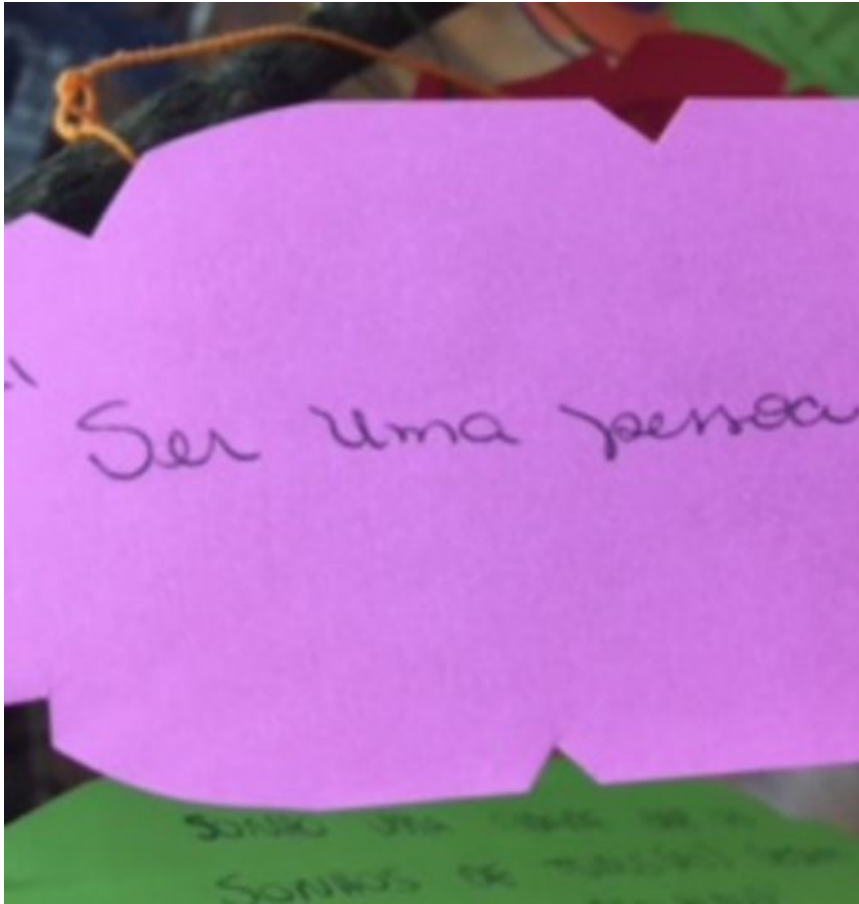
Sonhos coletados no segundo Encontro com as Infâncias: As Crianças e a Cidade, realizado dia 21 de maio, na sede da UMAPAZ:



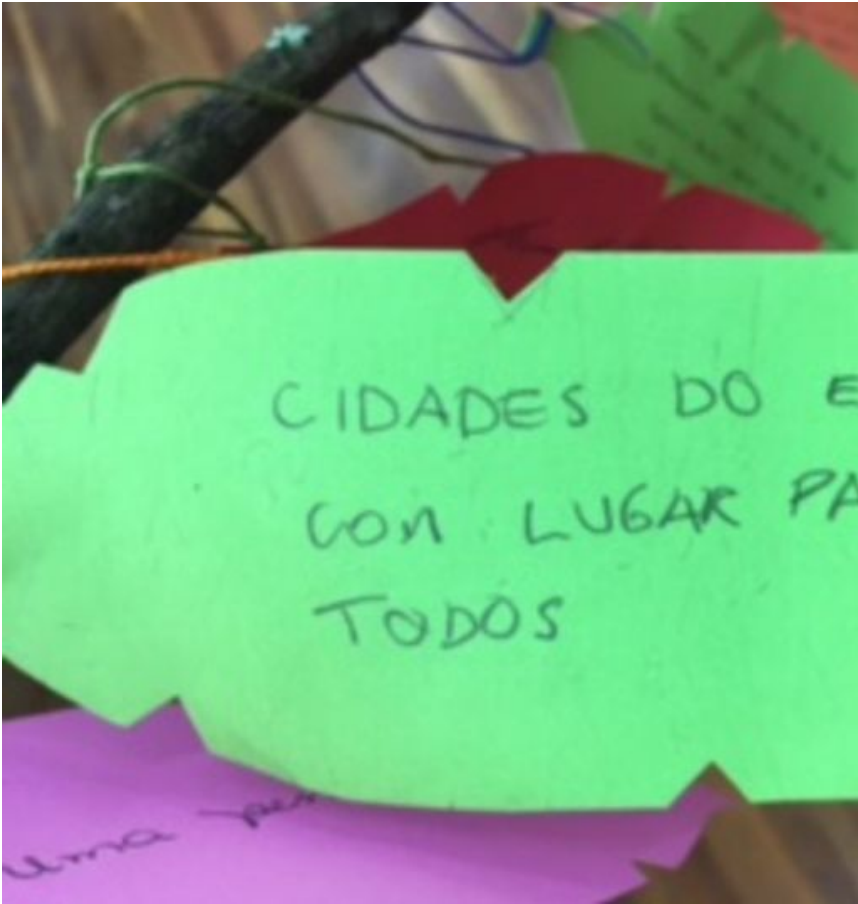
Sonho1



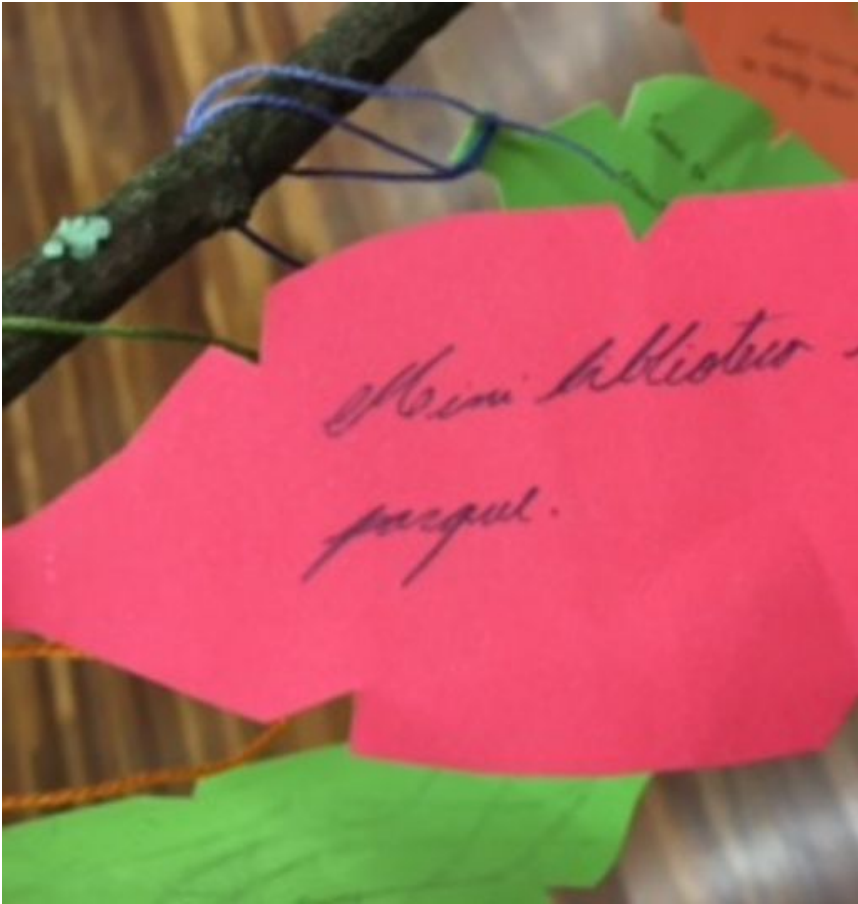
Sonho2



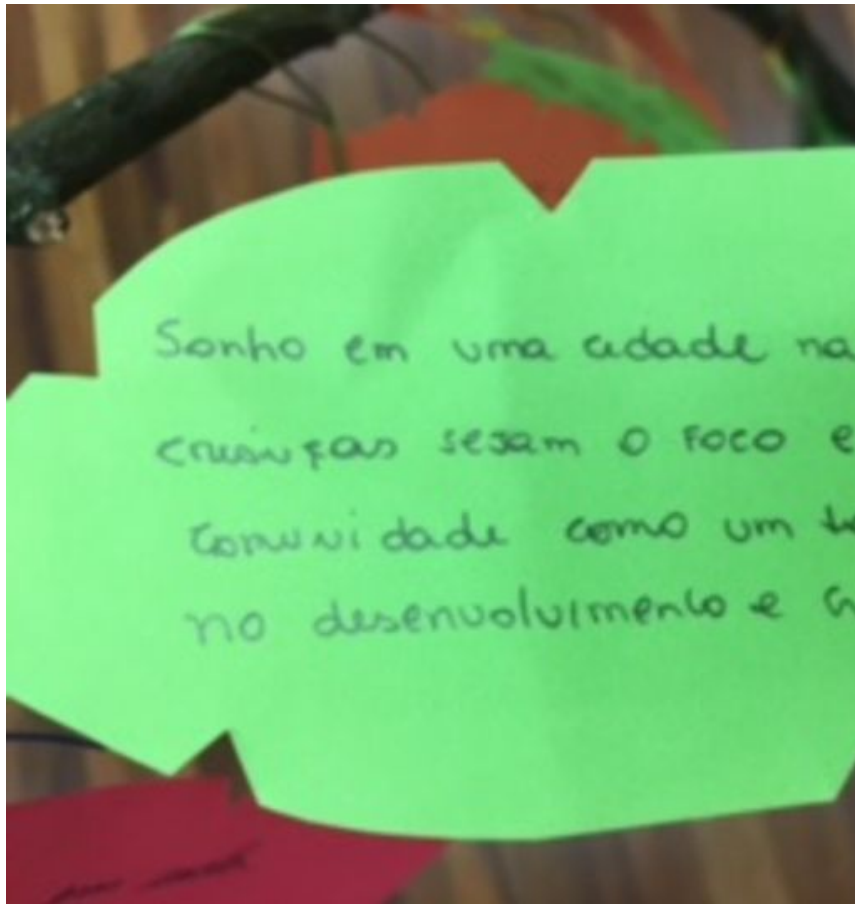
Sonho3



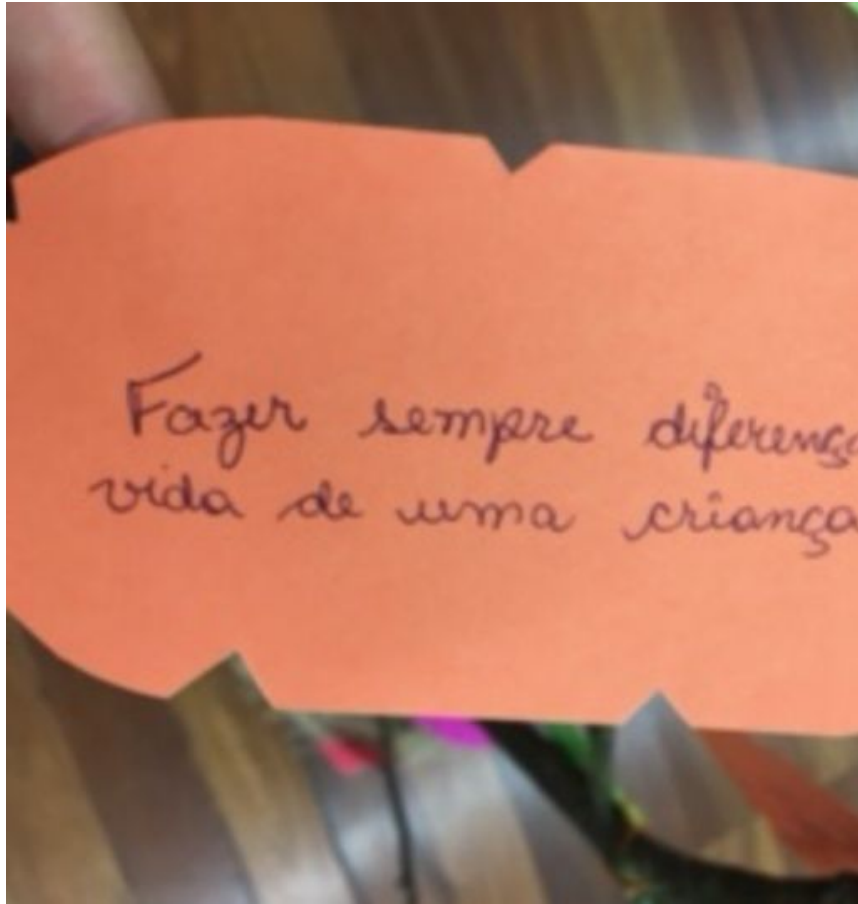
Sonho4



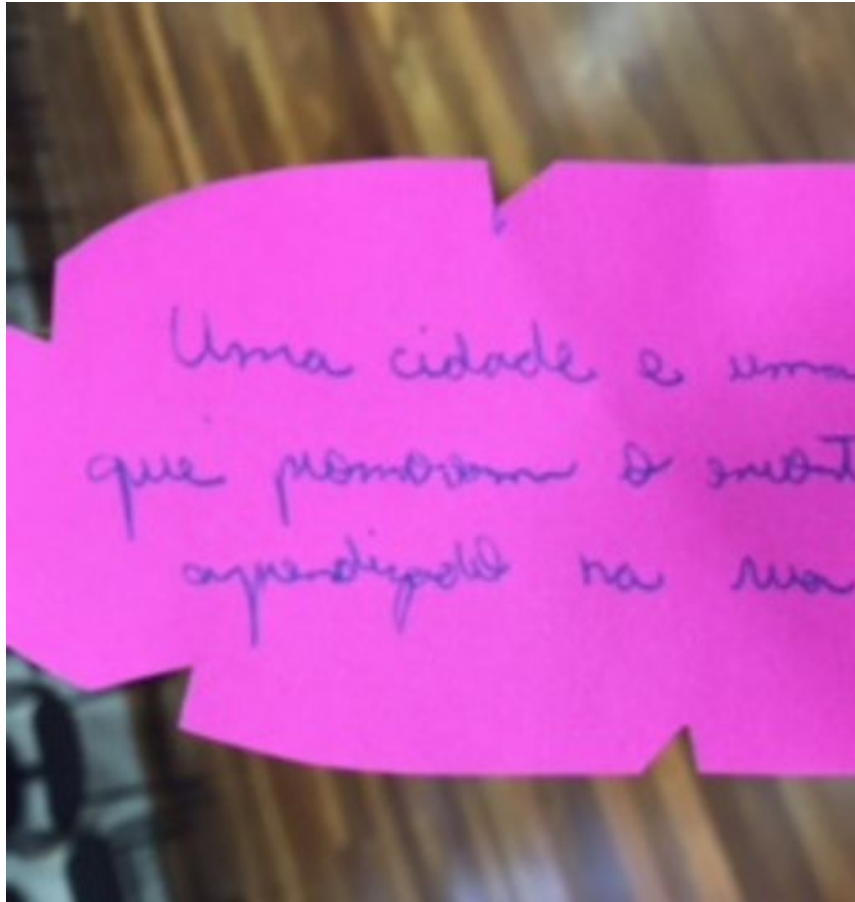
Sonho5



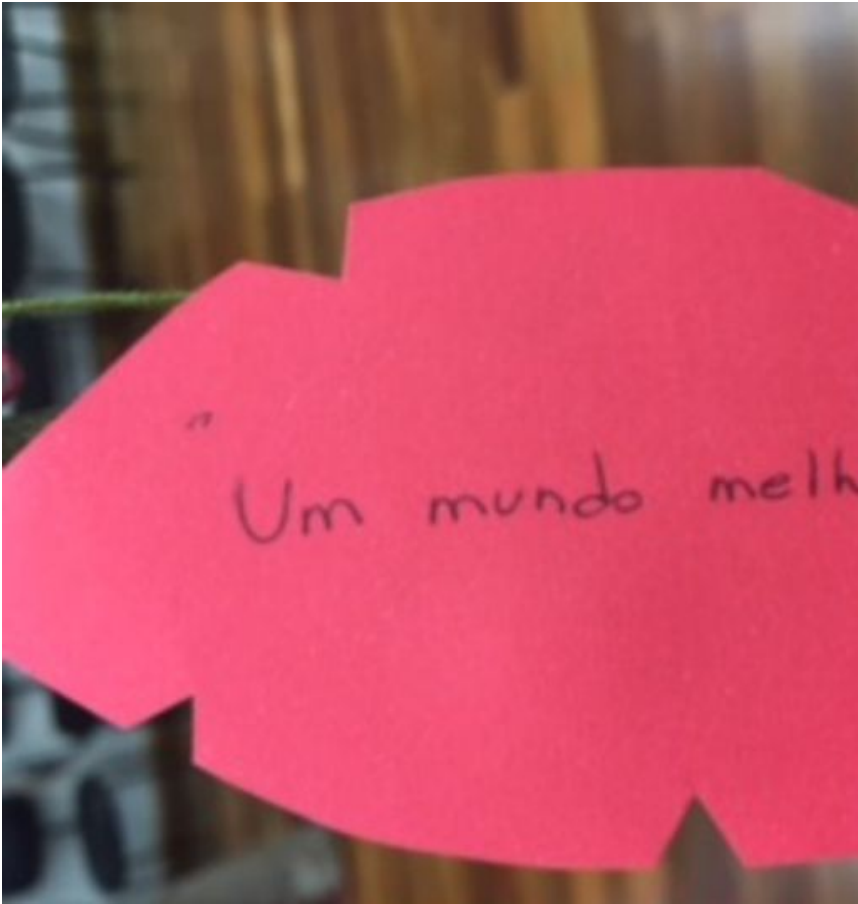
Sonho6



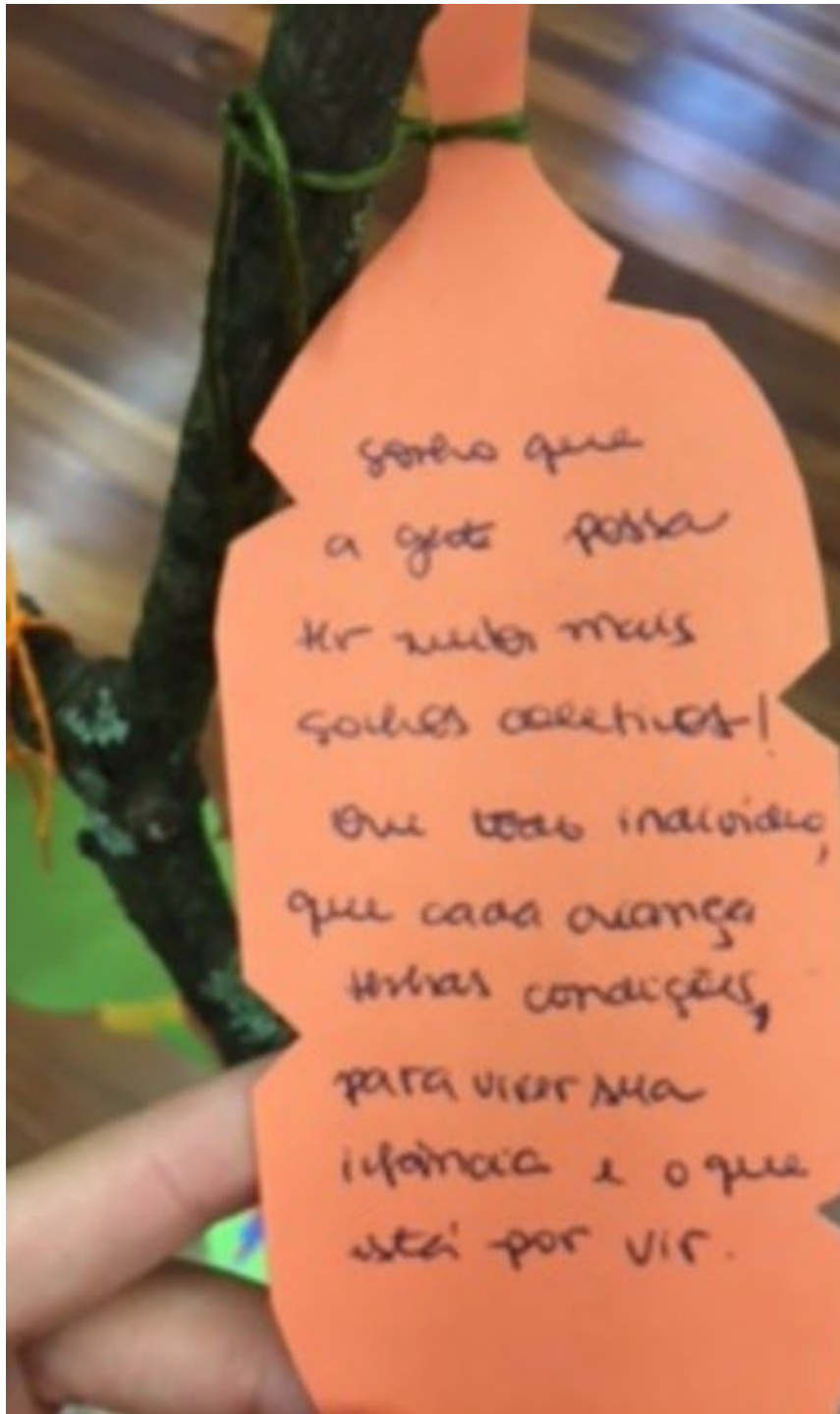
Sonho7



Sonho8

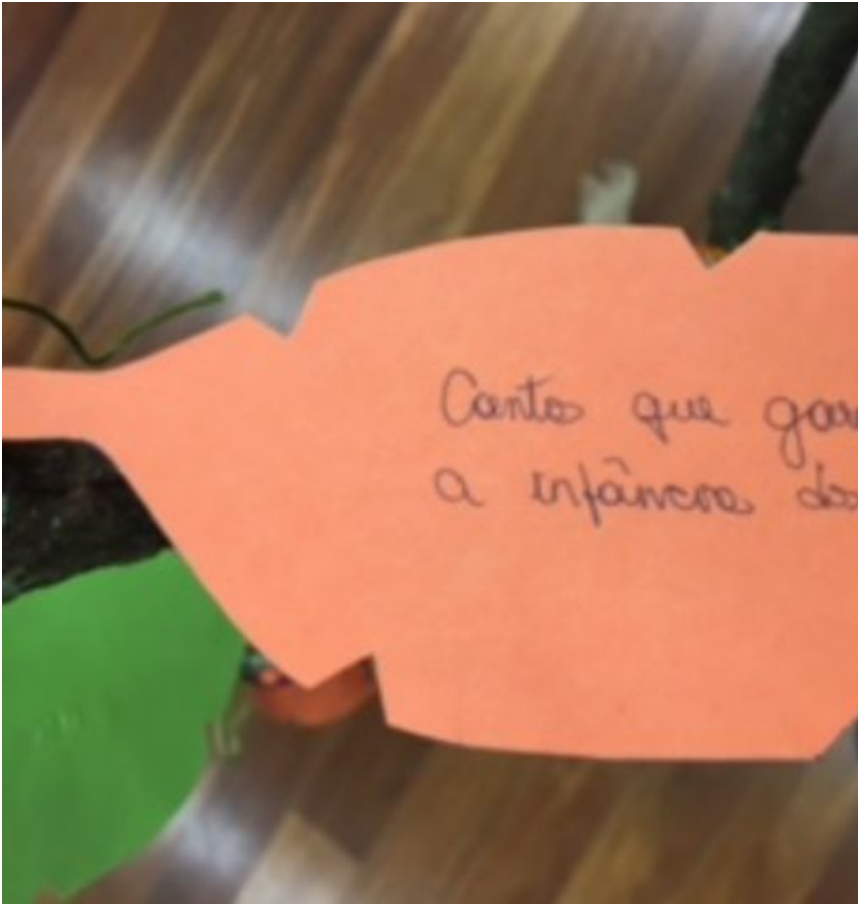


Sonho9

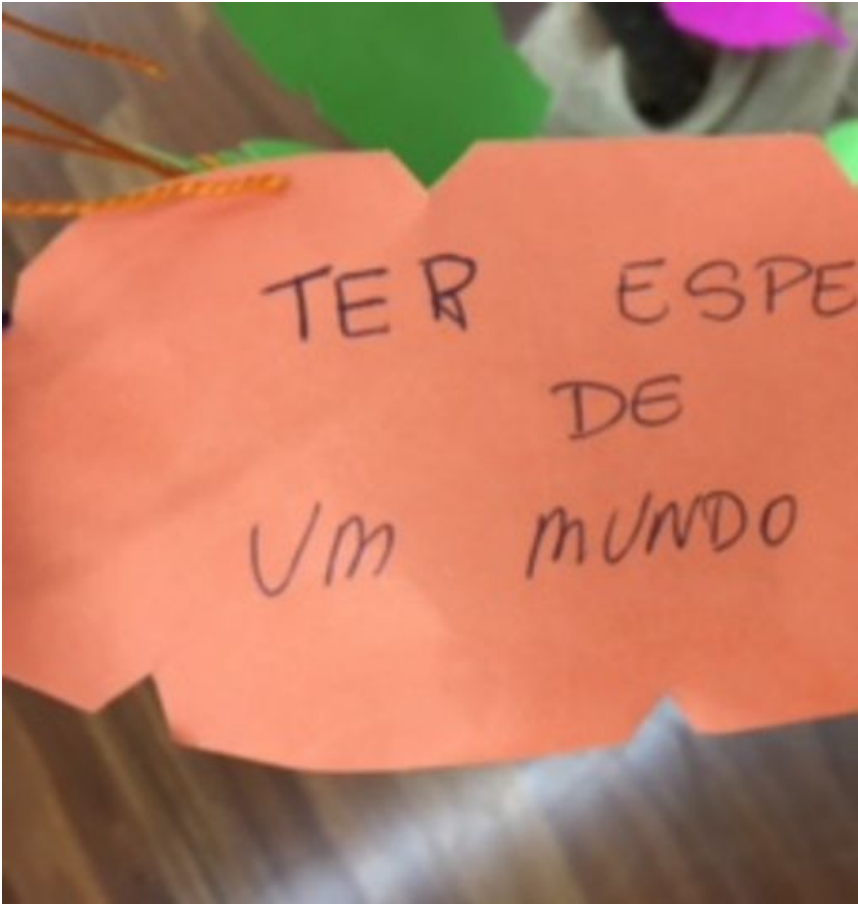


Sonho que  
a gente possa  
ter muita mais  
soltes coletivas!  
Que todo indivíduo,  
que cada criança,  
tenha condições,  
para viver sua  
infância e o que  
está por vir.

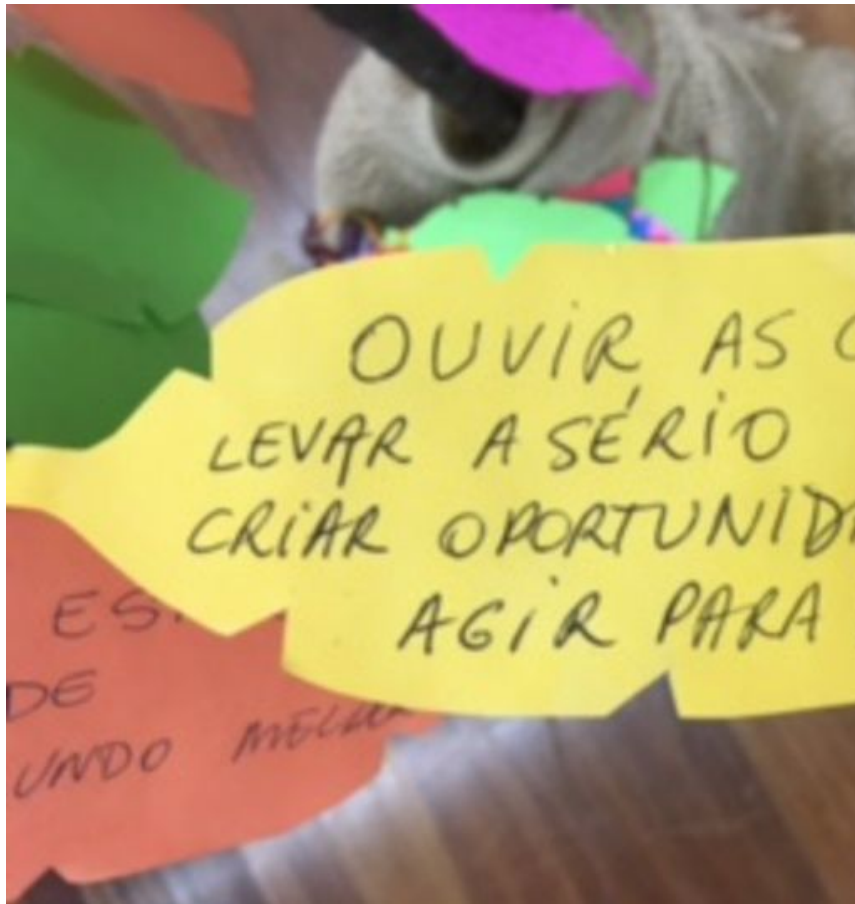
Sonho10



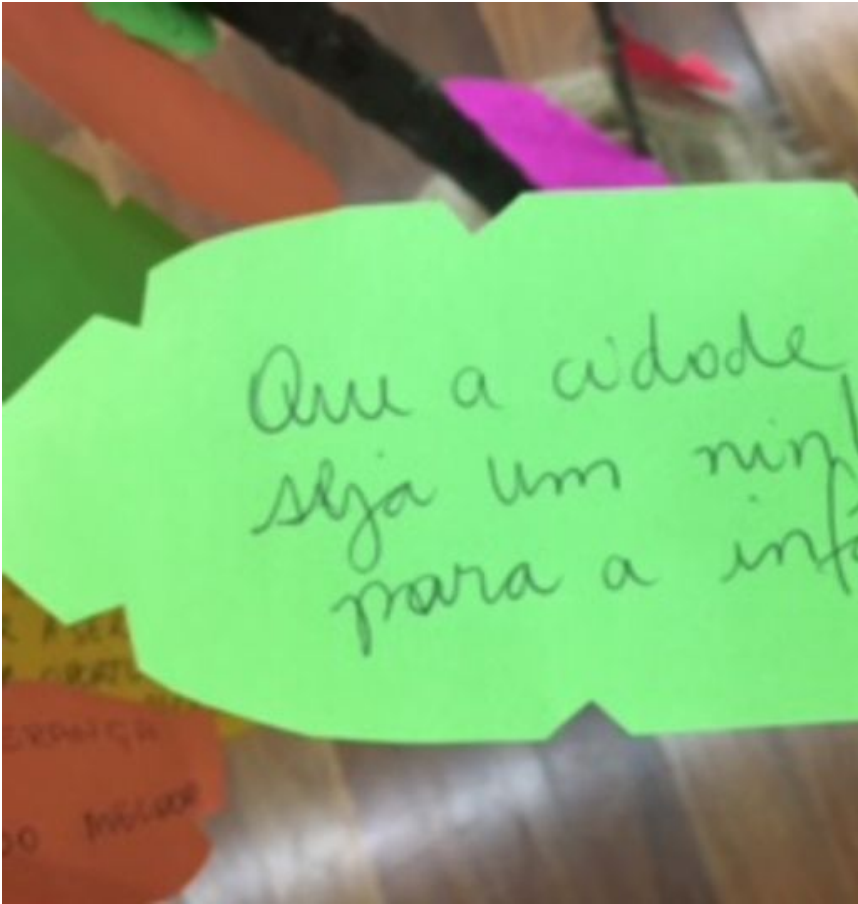
Sonho11



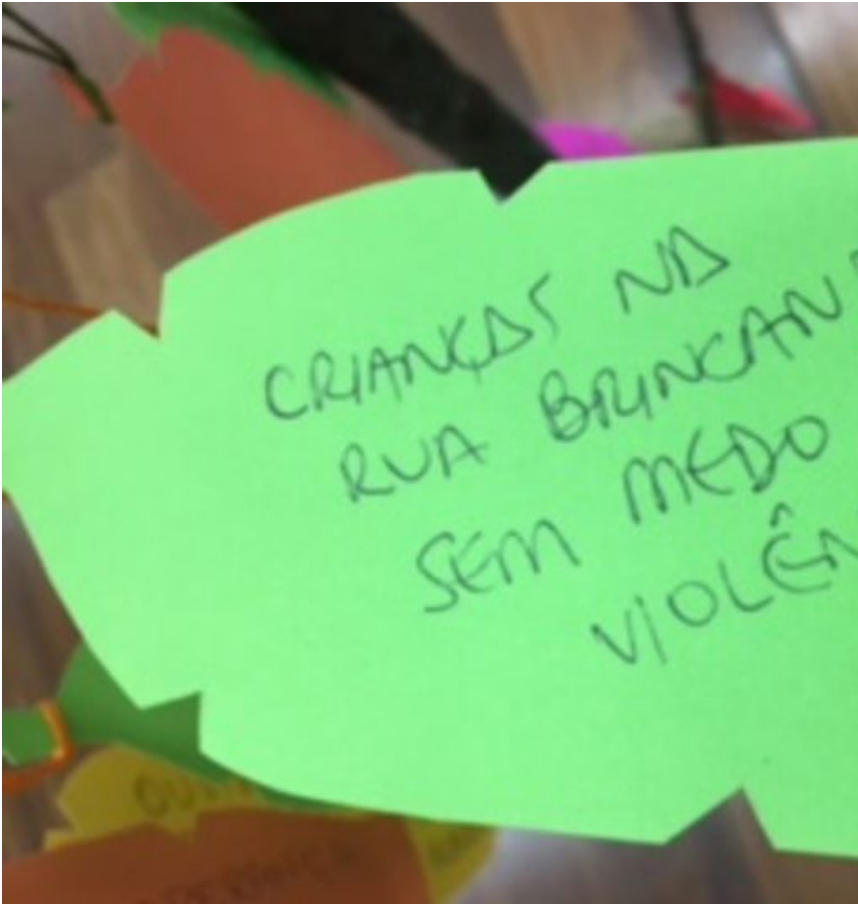
Sonho12



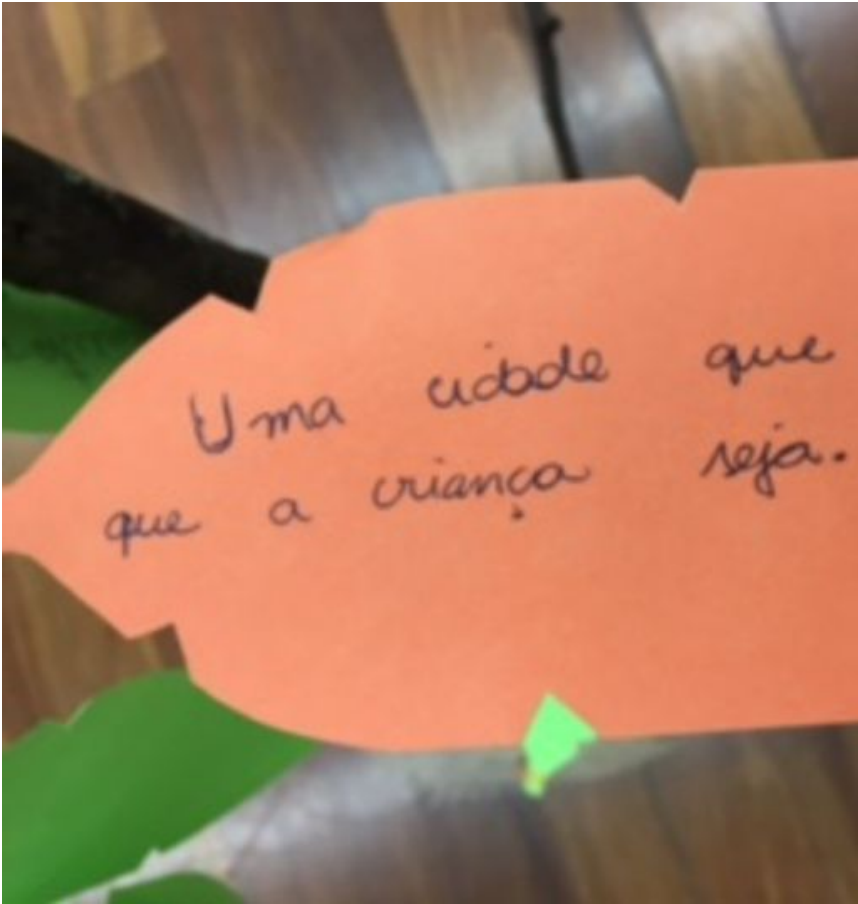
Sonho13



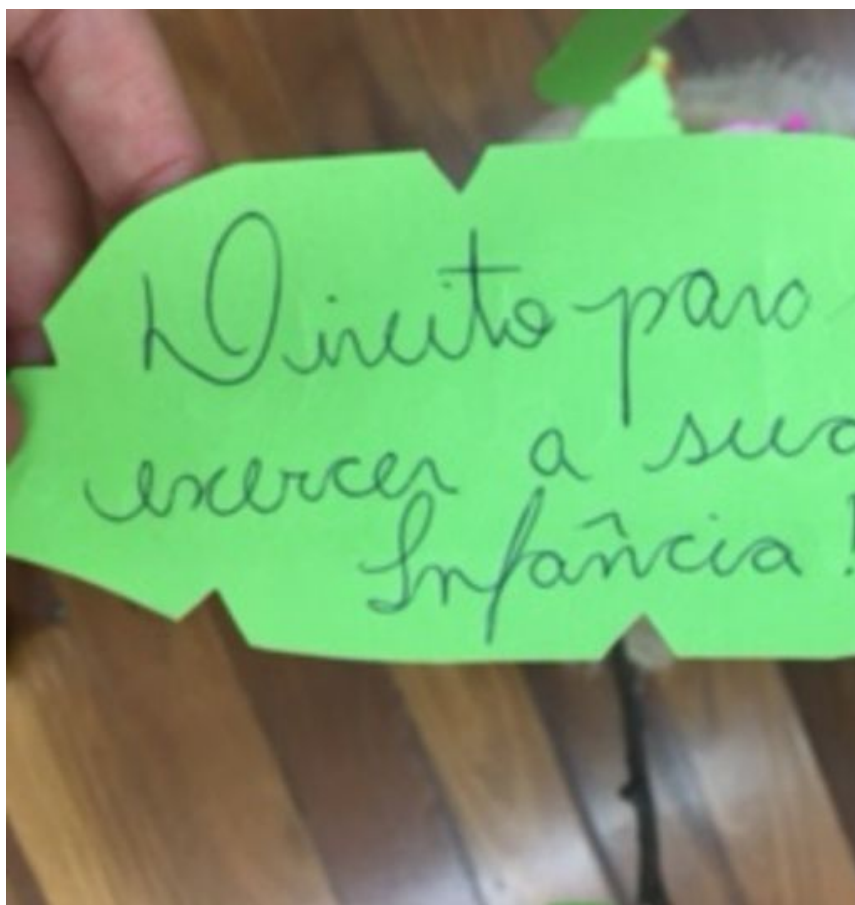
Sonho14



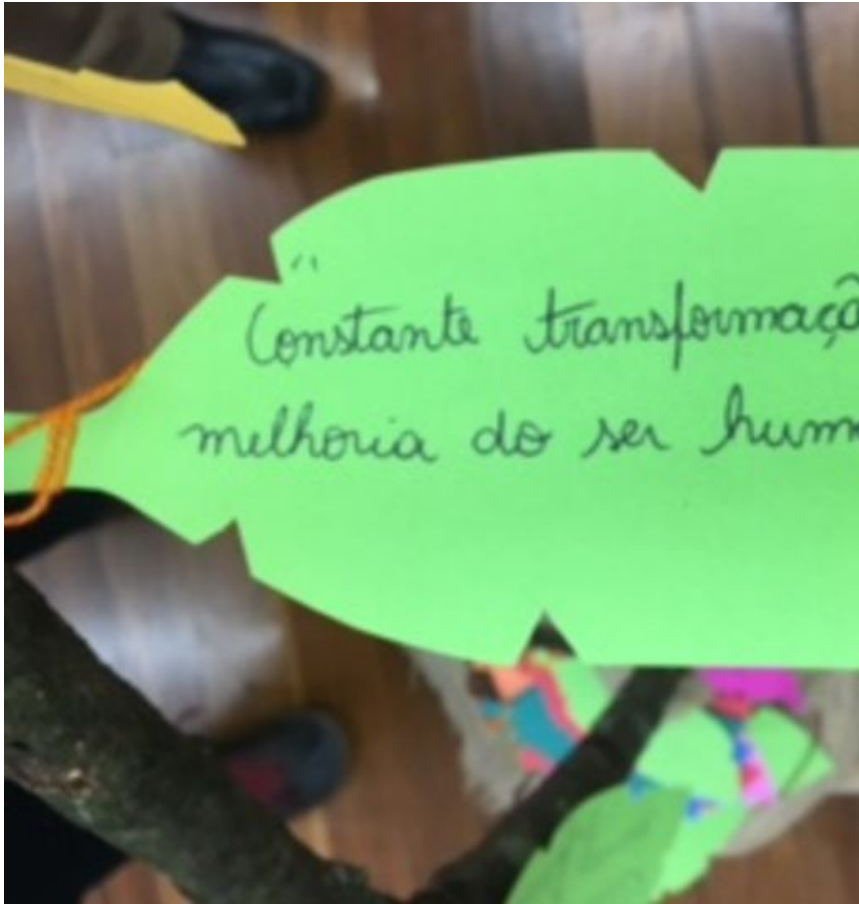
Sonho15



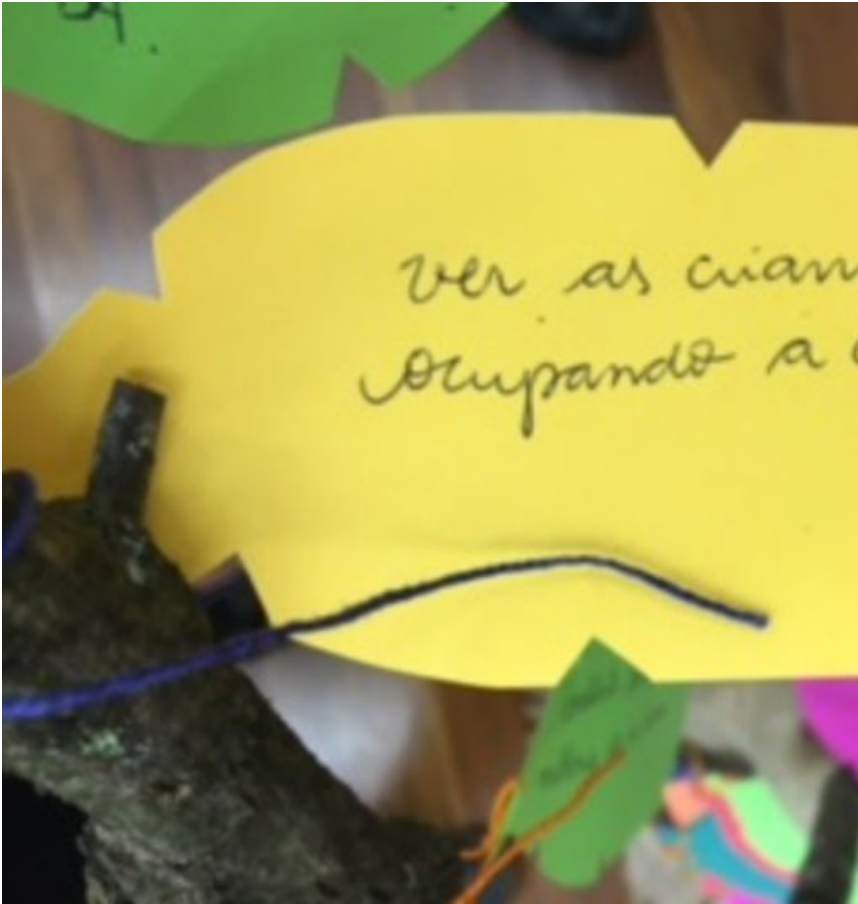
Sonho16



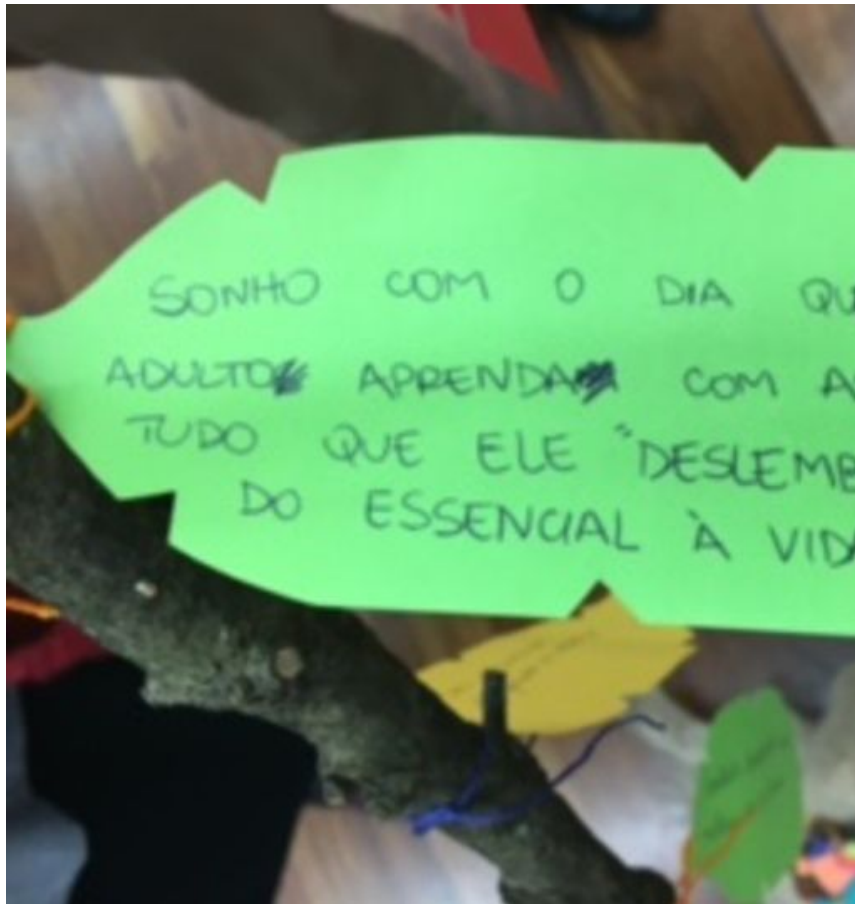
Sonho18



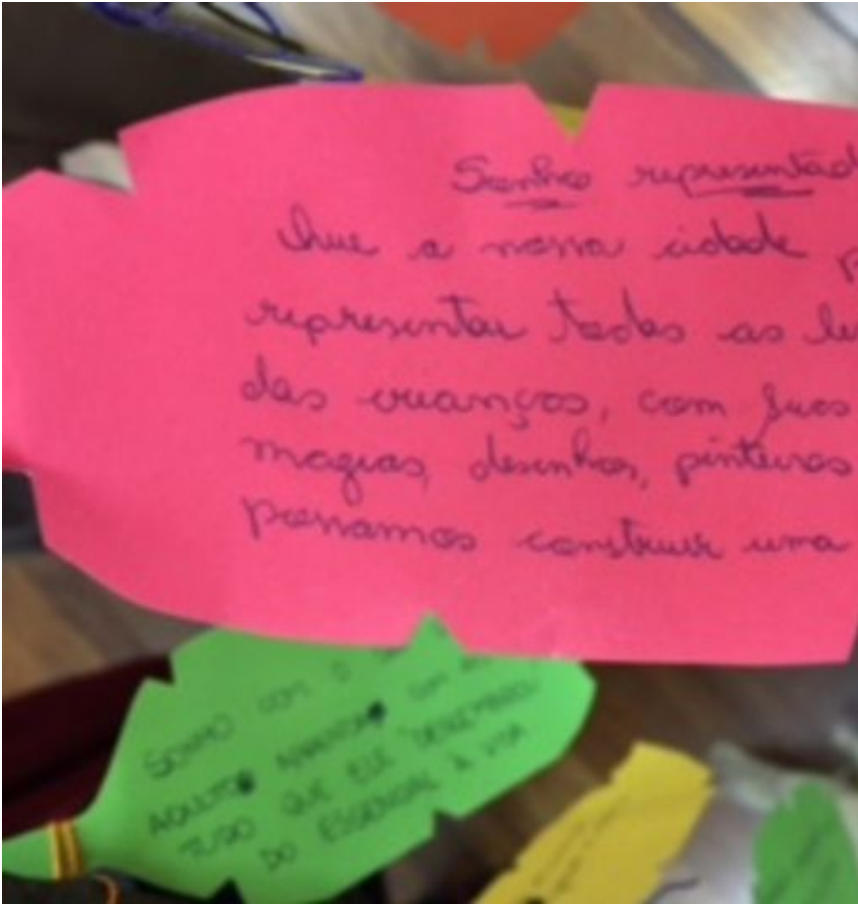
Sonho19



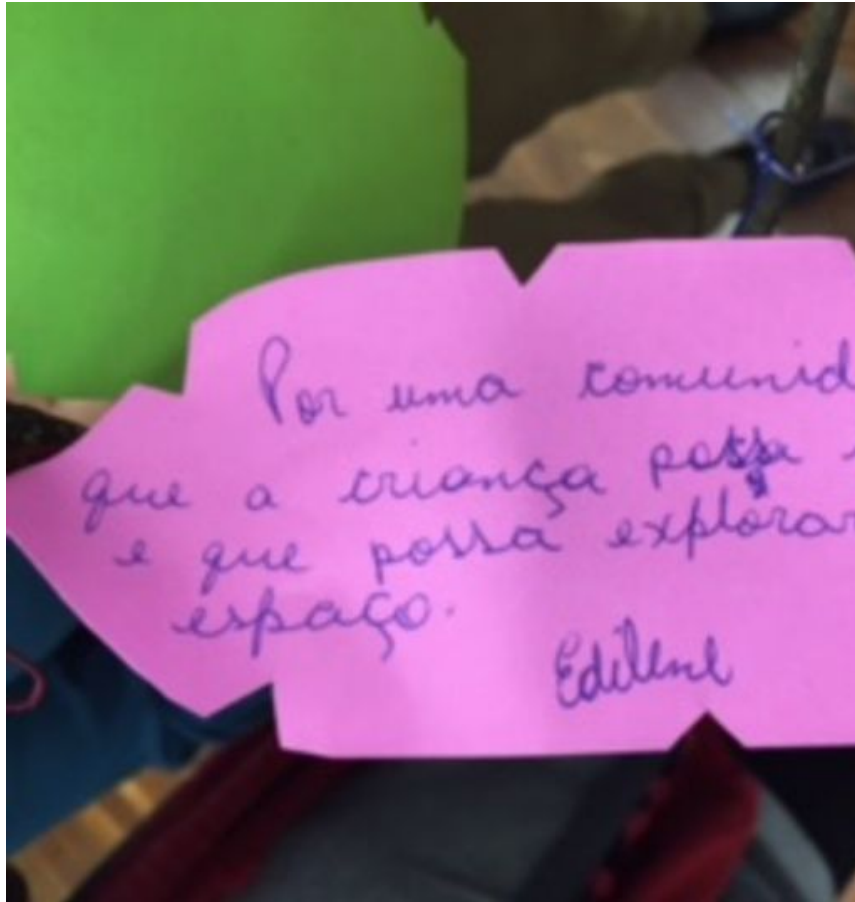
Sonho20



Sonho21



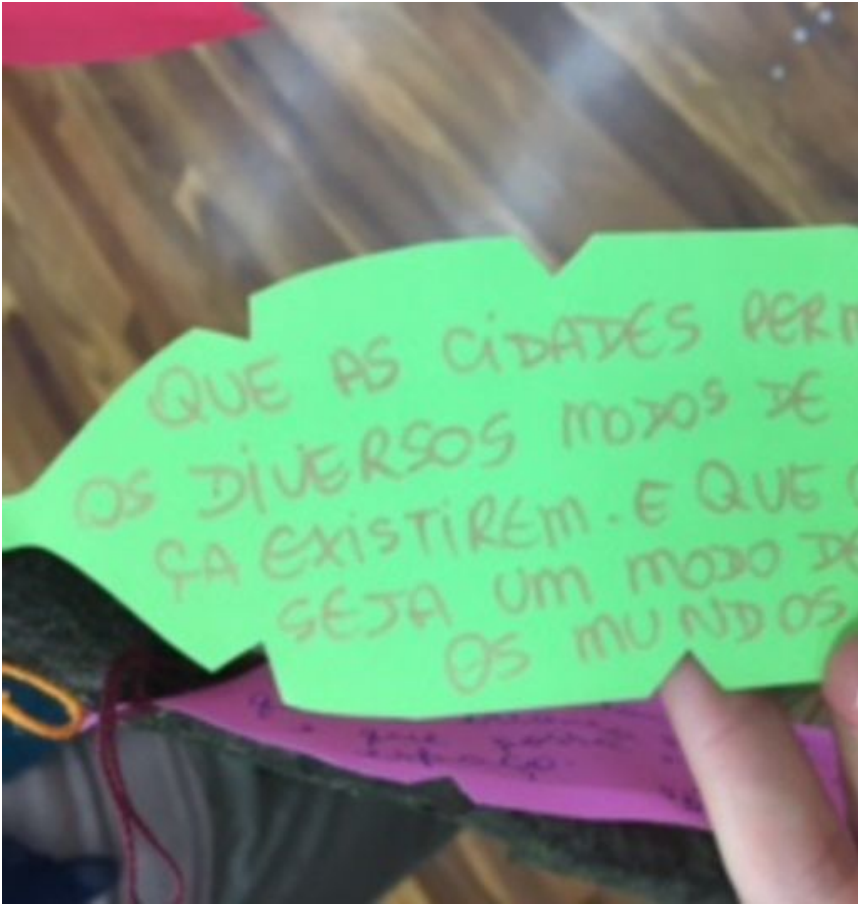
Sonho22



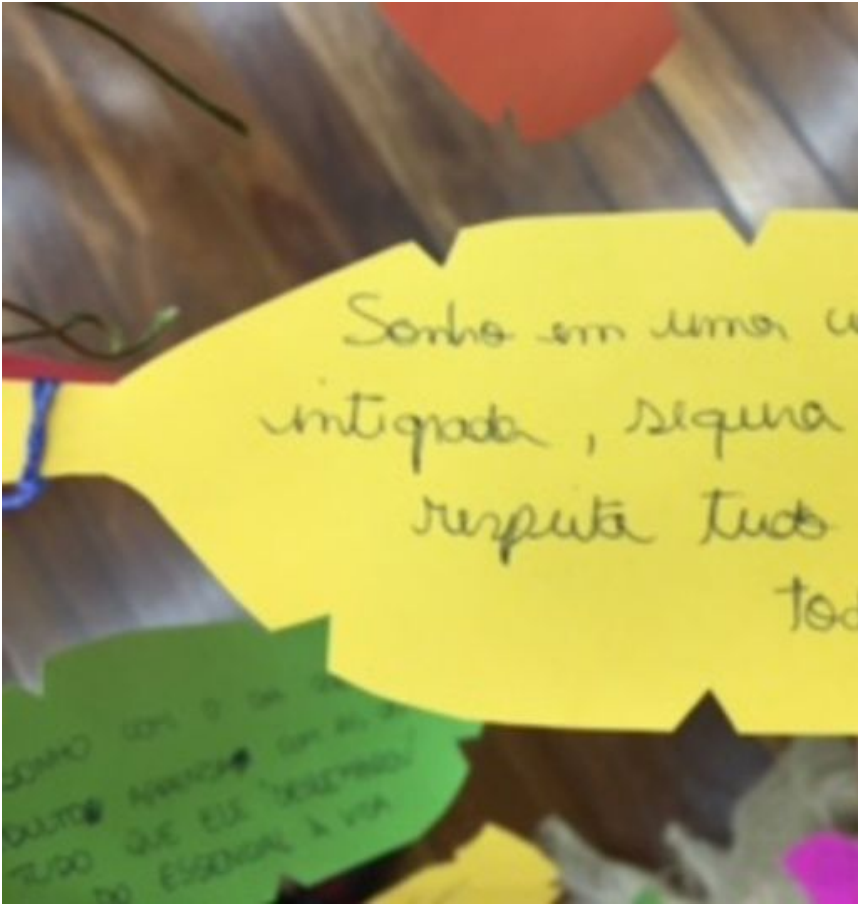
Por uma comunidade  
que a criança possa  
e que possa explorar  
espaço.

Edilene

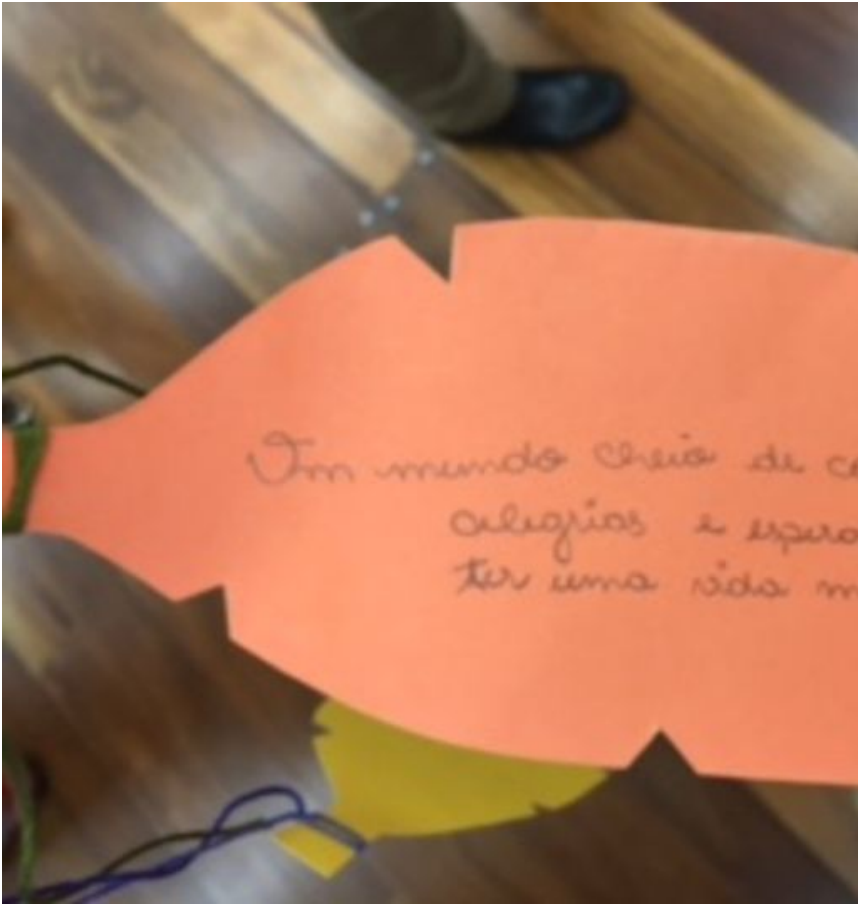
Sonho23



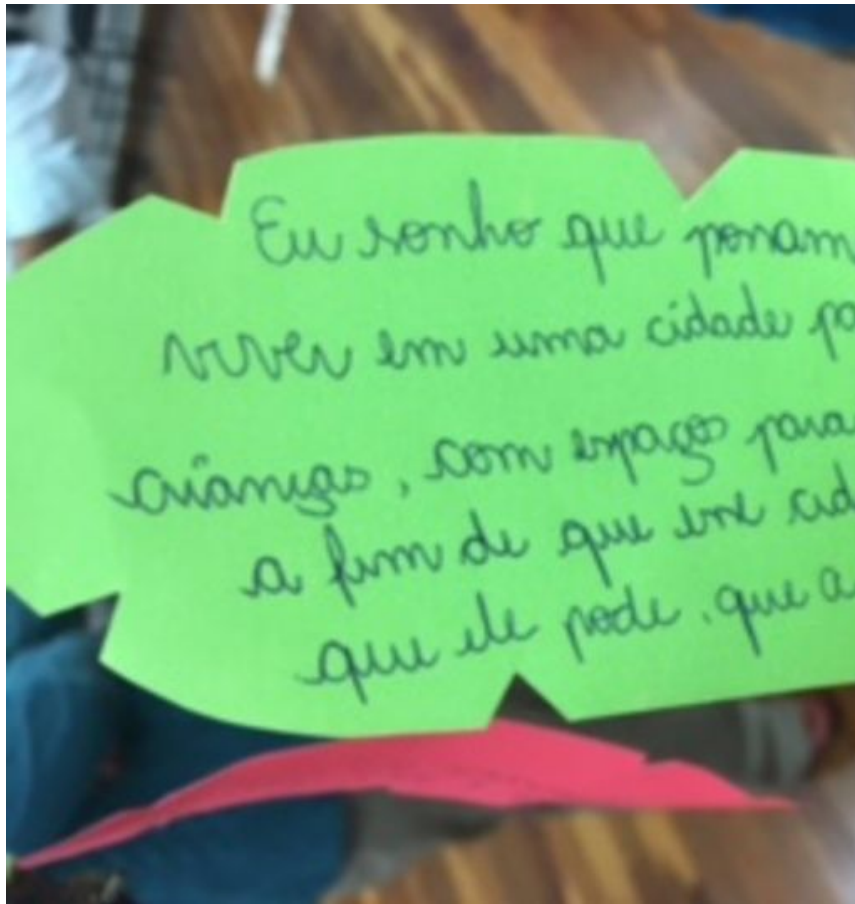
Sonho24



Sonho25



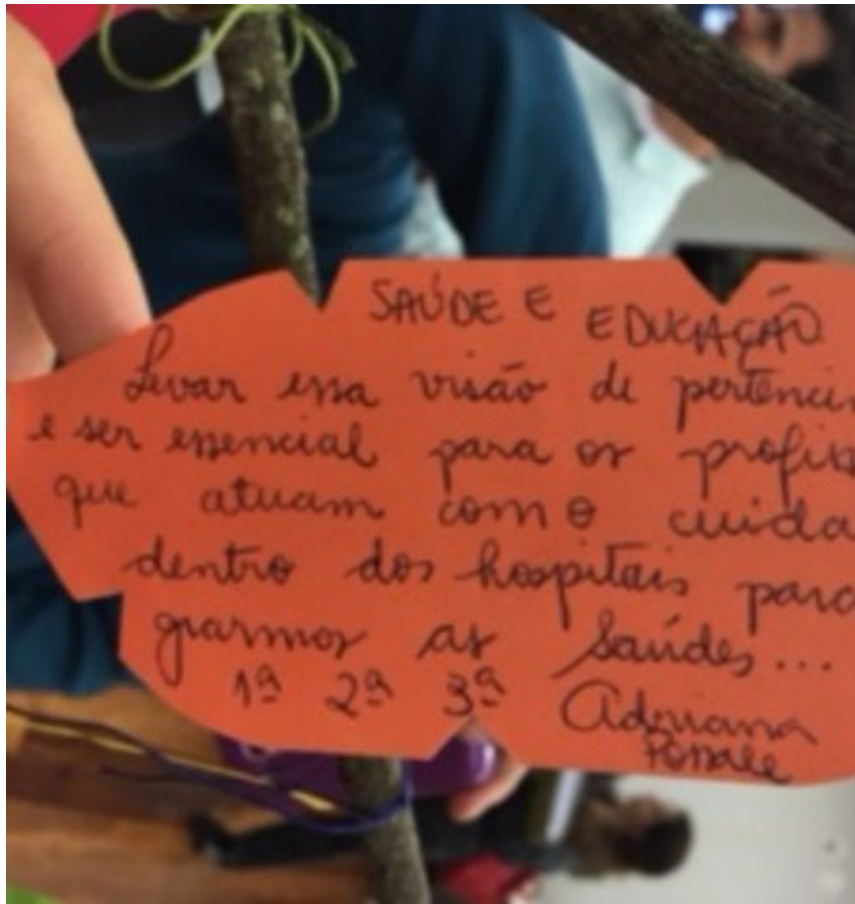
Sonho26



Sonho27

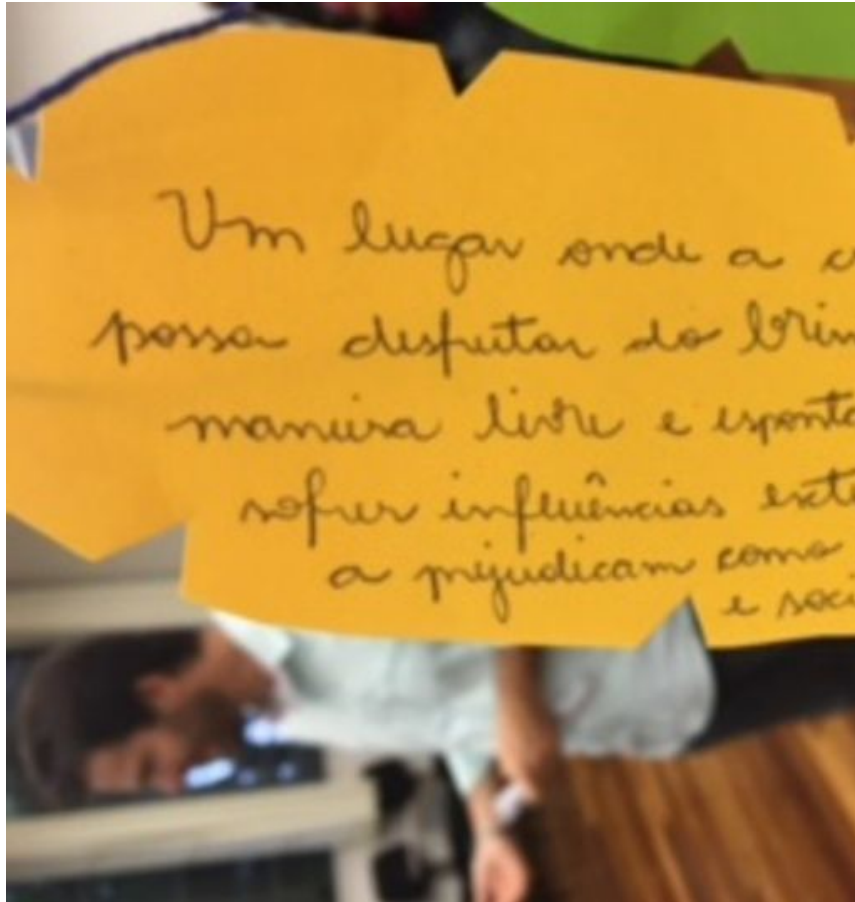
Encorajar o buscar  
a comunidade e/ou  
para que todos pa  
, realizem o seu  
comuns.

Sonho28

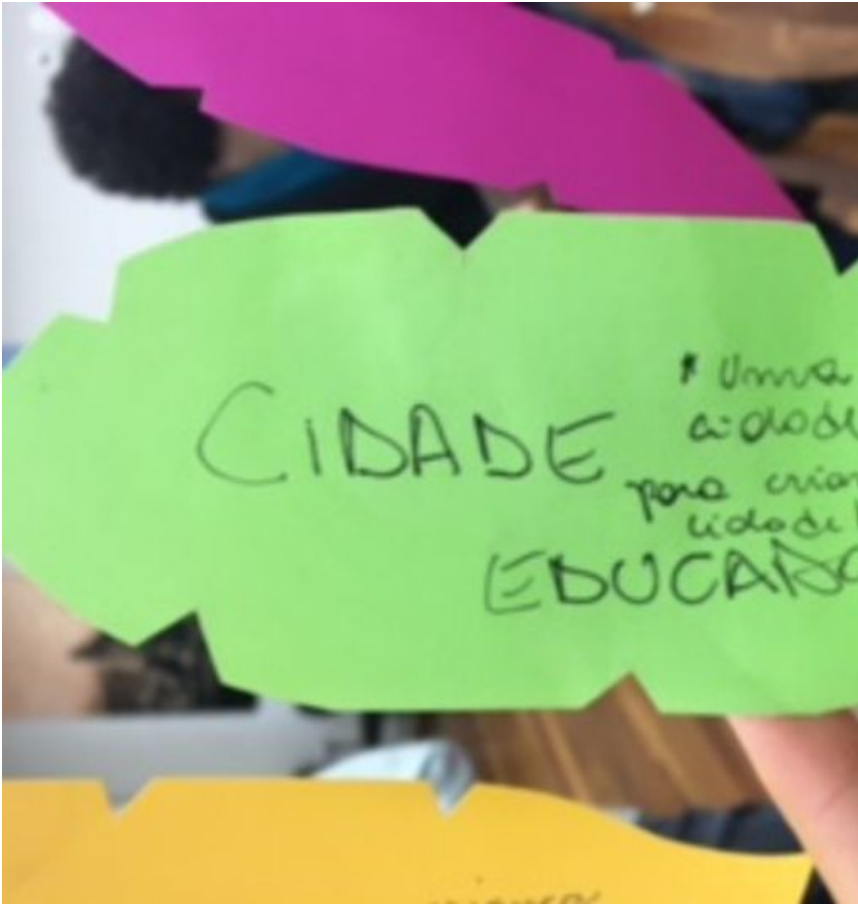


SAÚDE E EDUCAÇÃO  
Levar essa visão de pertencimento  
e ser essencial para os profissionais  
que atuam com o cuidado  
dentro dos hospitais para  
garantir as saúdes...  
1ª 2ª 3ª Adriana  
Fonseca

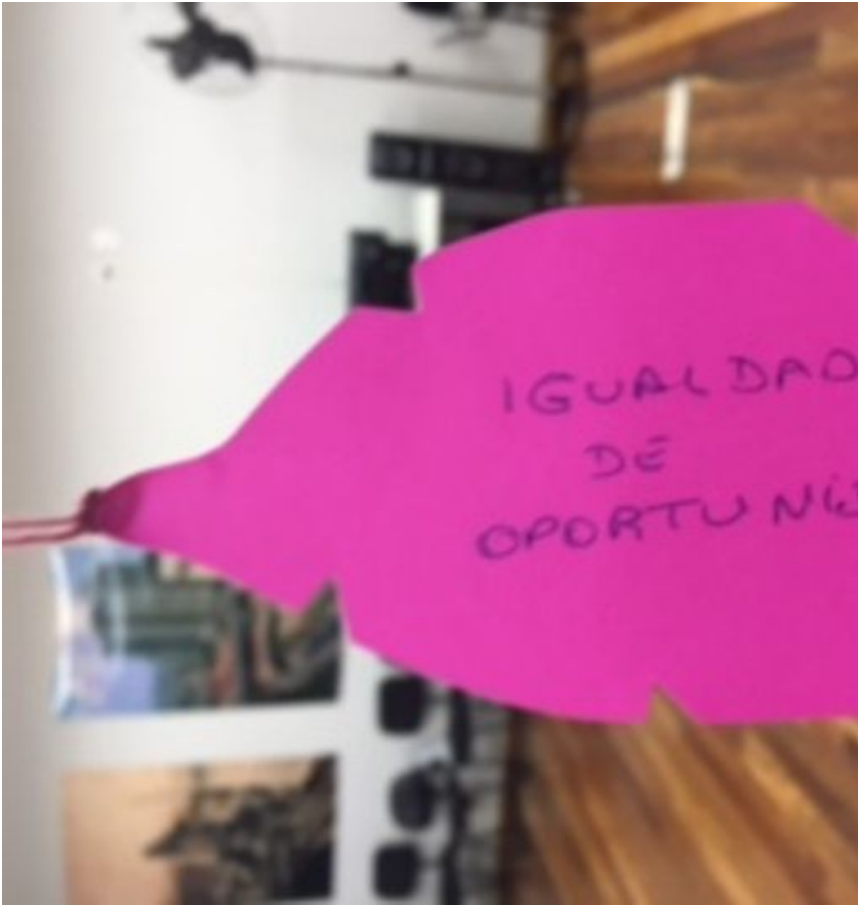
Sonho29



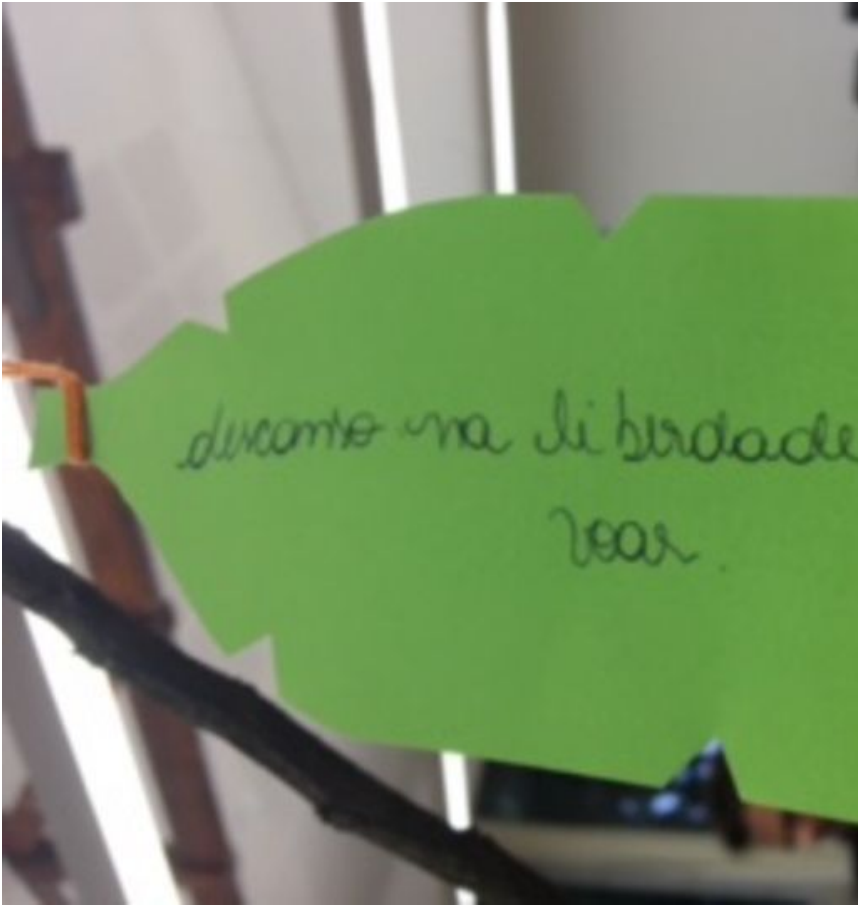
Sonho30



Sonho31

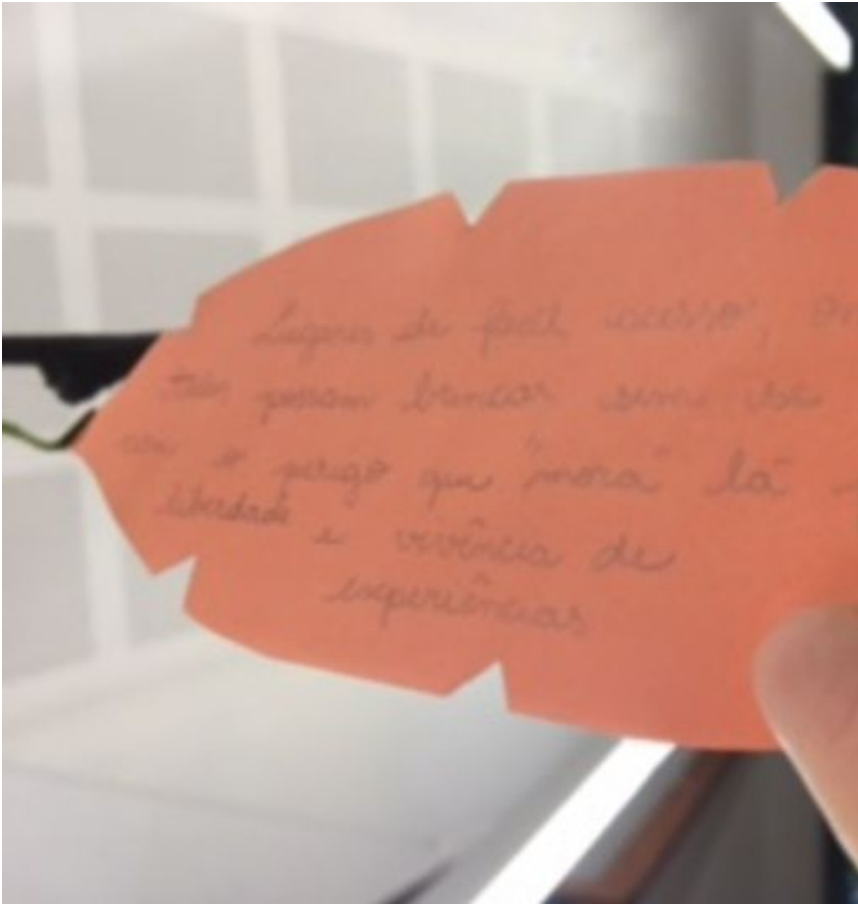


Sonho32

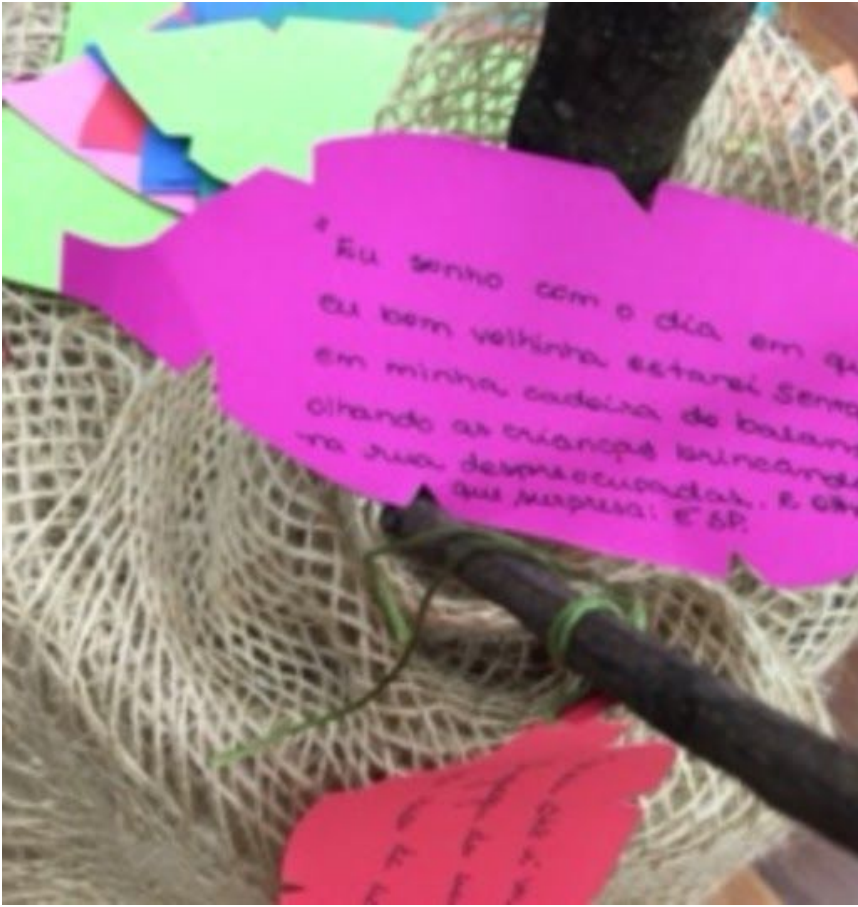


descontos na liberdade  
2002.

Sonho33



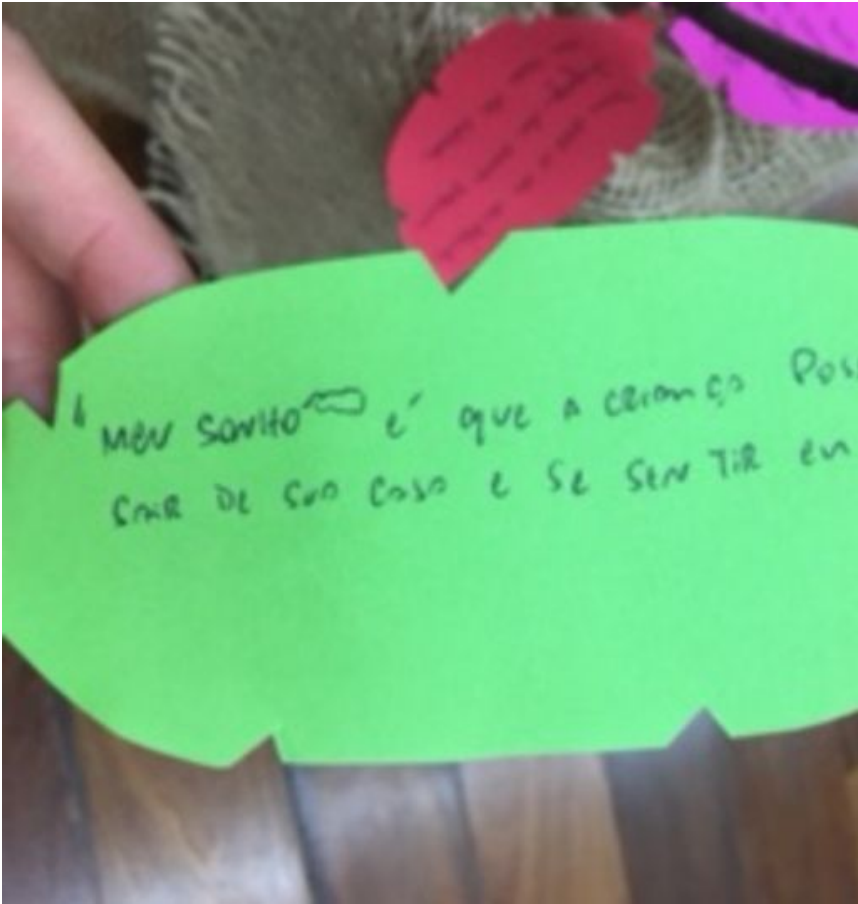
Sonho34



Sonho35

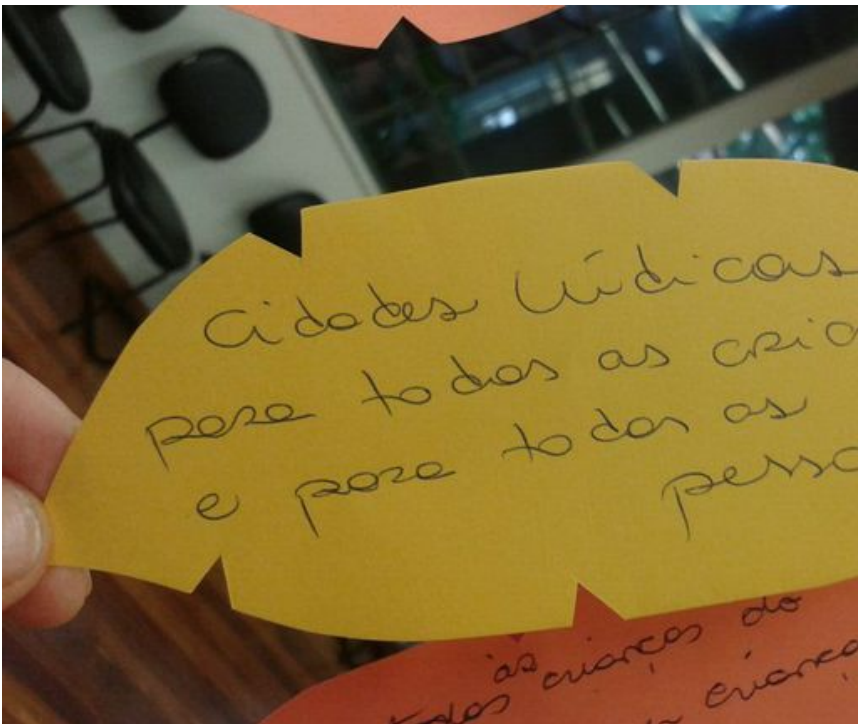


Sonho35



o meu sonho é que a criança possa  
cuidar de seu caso e se sentir em

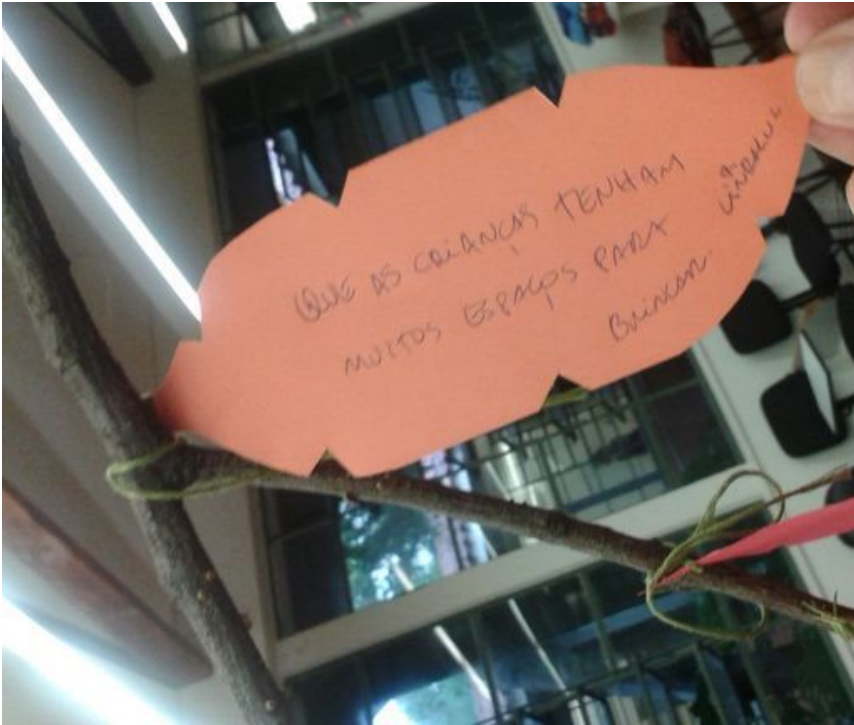
Sonho36



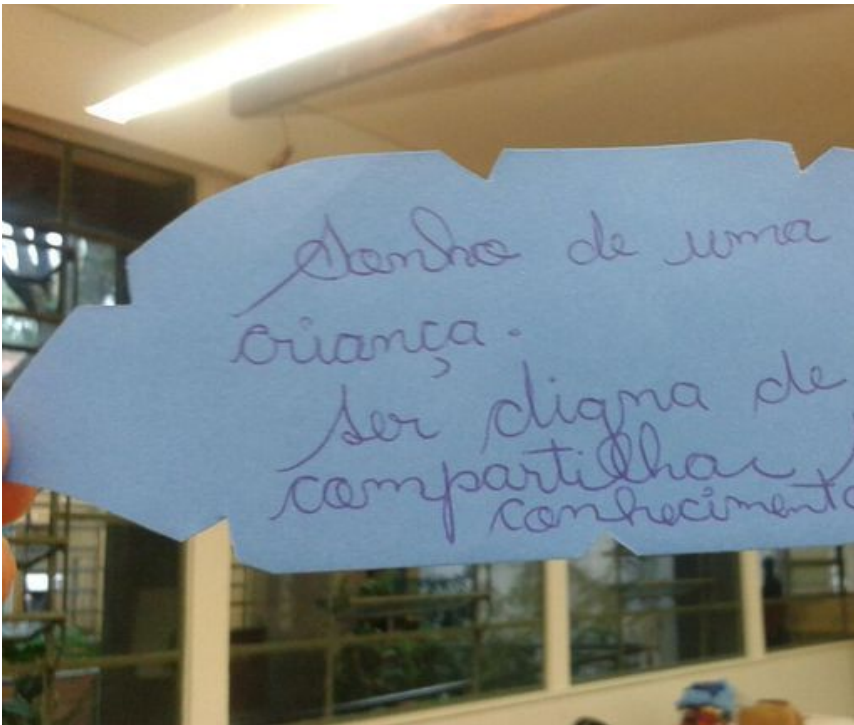
Cidades Lúdicas  
para todas as crianças  
e para todas as  
pessoas

as crianças de  
todas as idades

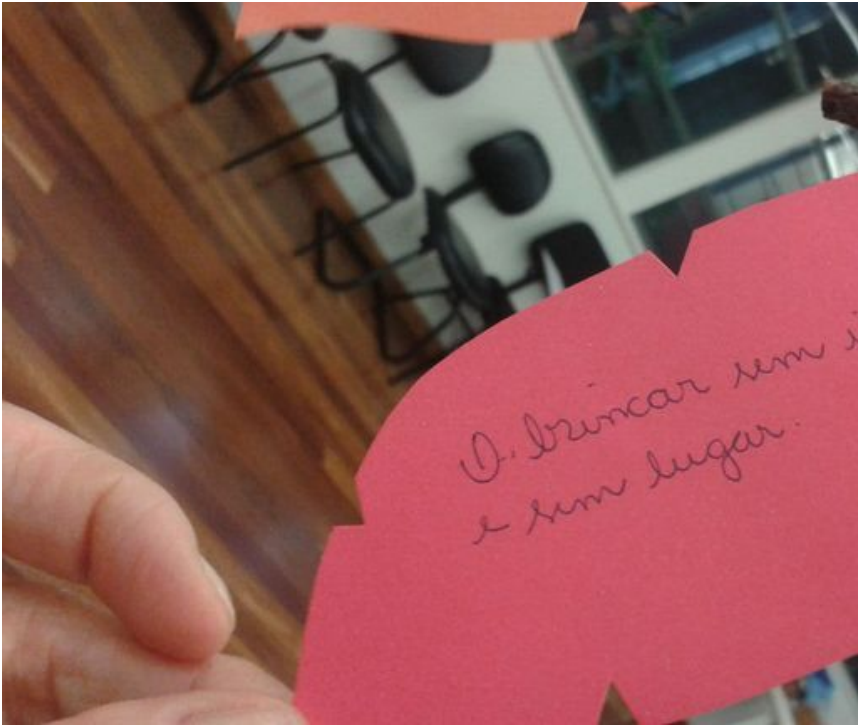
Sonho37



Sonho38

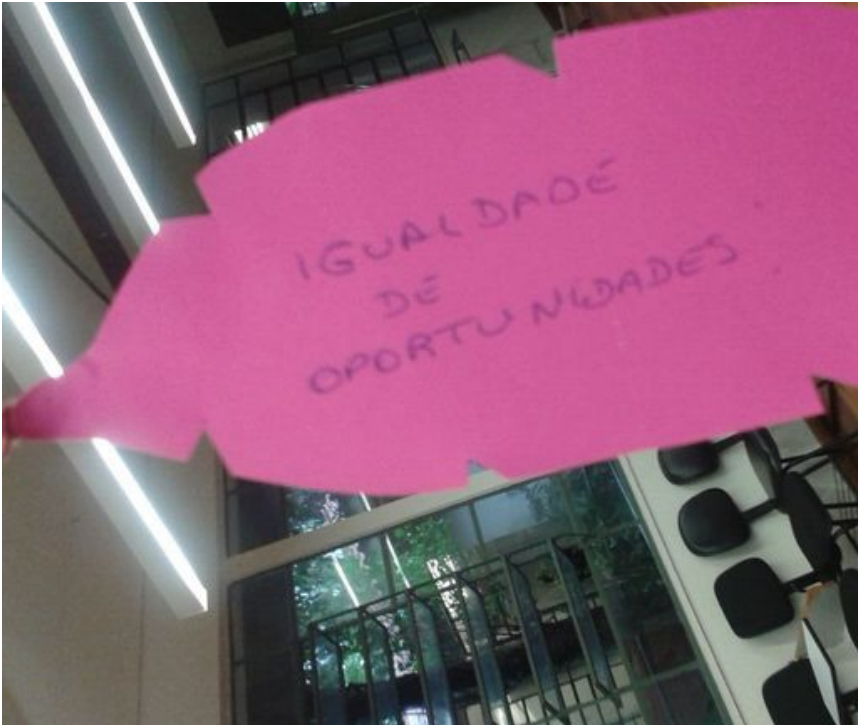


Sonho39



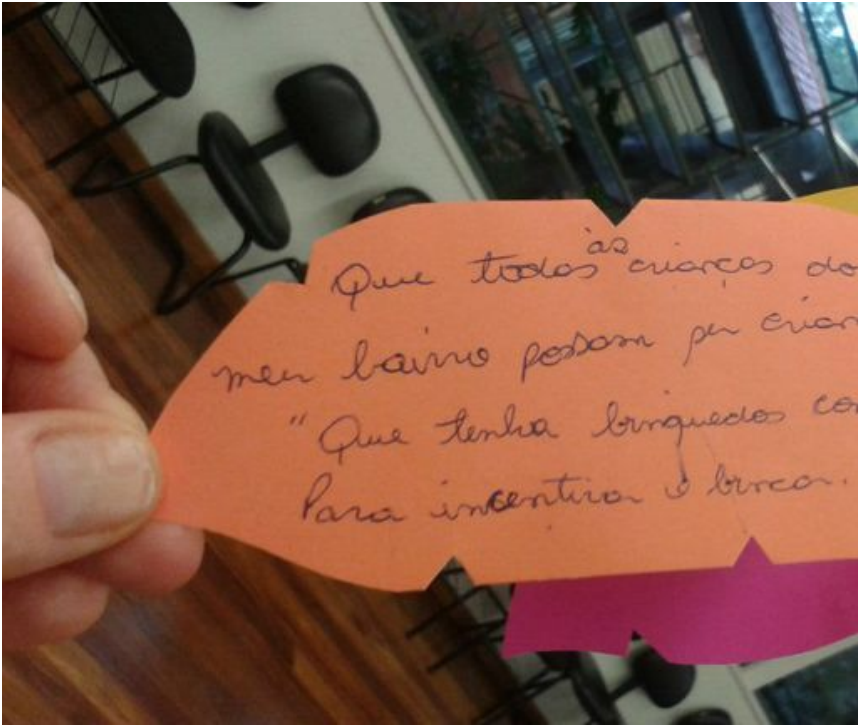
D. brincar sem  
e sem lugar.

Sonho40



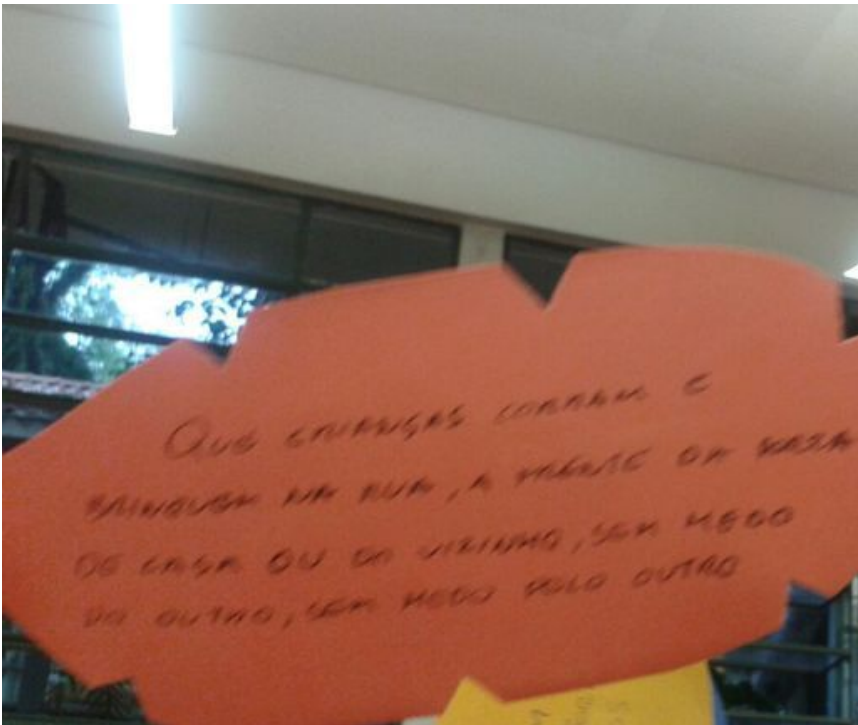
IGUALDADE  
DE  
OPORTUNIDADES

Sonho41



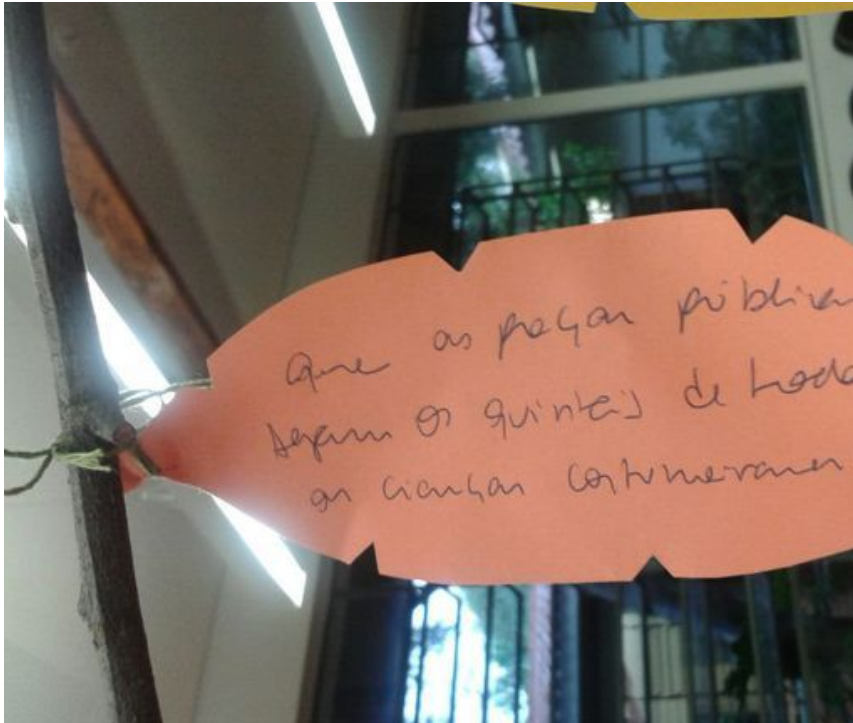
Que todos <sup>as</sup> crianças do  
meu bairro possam ler e escrever  
"Que tenha brinquedos com  
para incentivar o brincar."

Sonho42

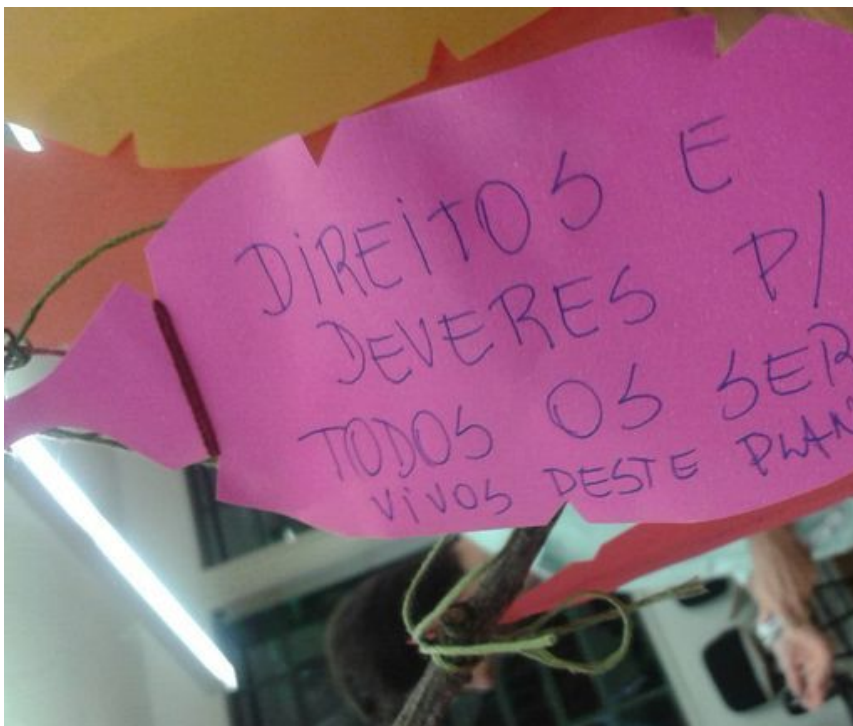


Que crianças possam ler e  
escrever em sua casa, a escola ou na  
rua, em casa ou na escola, em casa  
ou na escola, em casa ou na escola.

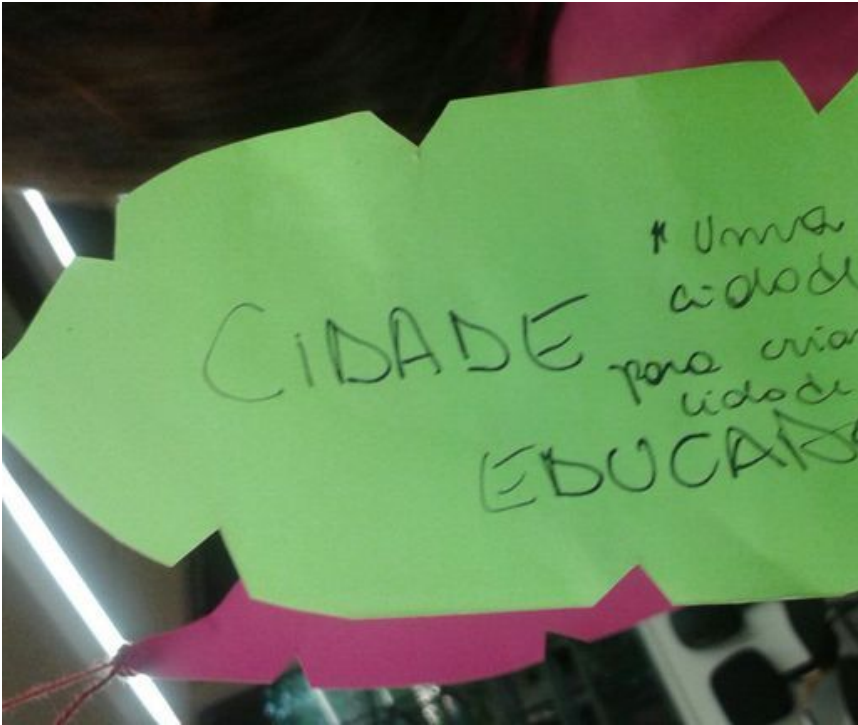
Sonho43



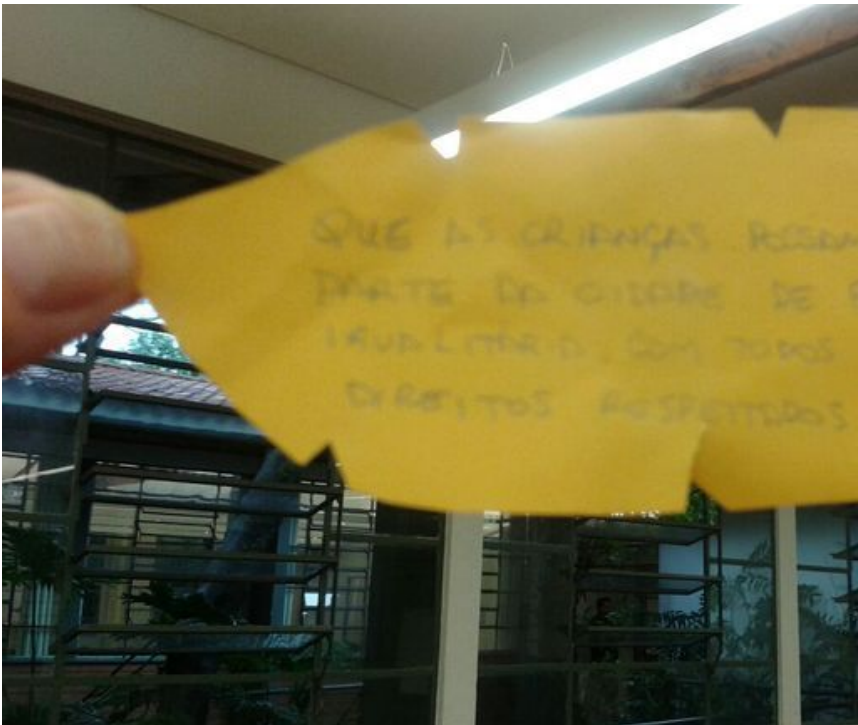
Sonho44



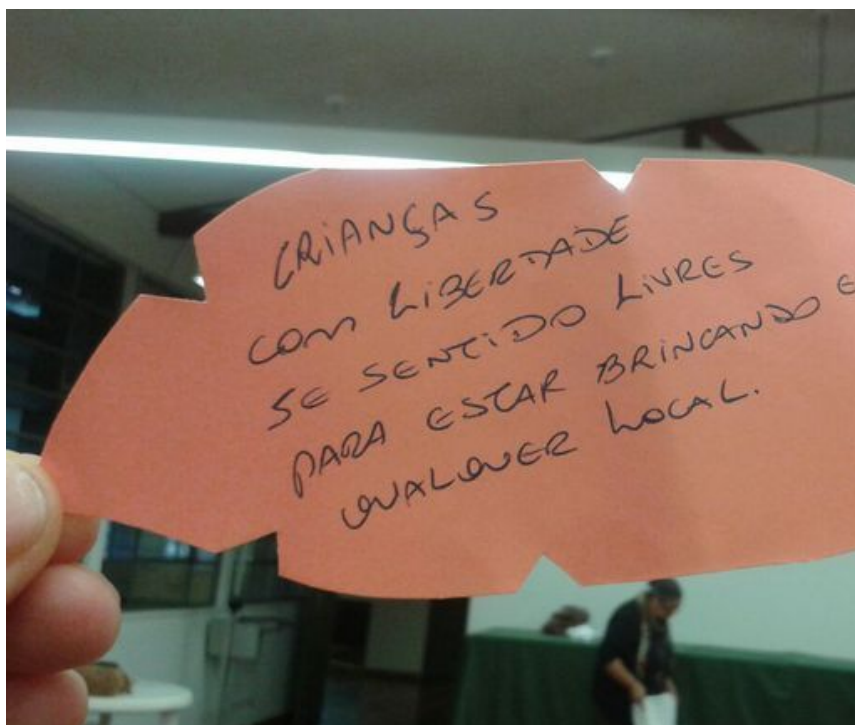
Sonho45



Sonho46



Sonho47



Sonho48

**Os sonhos a seguir foram compartilhados na página do MIB no Facebook, e também por e-mail, incentivando as iniciativas que fazem parte desta comunidade a que esses sonhos cheguem às crianças:**

Sonho 49: *"Travesseiros quentes e macios para os sorrisos e as chegadas chuva no olho de cada criança. Que nunca falte quintais para o brotar de pipas e brincadeiras. Que a nossa humanidade saiba sempre beber do olhar menino de enxergar o dia. Que a vida ecoe como balanço brincante de aconchego e paz. Que a poesia seja servida em fartos goles em todos os corações infantis. Que as pegadas miúdas leve as montanhas de nuvens e histórias. Desejo que em cada coração criança repouse uma fada a cuidar e proteger. Saudações," Ana Carolina Lemos*

Sonho 50: *"Que todo lugar por onde as crianças andarem tenha um espaço que as abrace com sabor de infância. Sonho acordada em escolas projetada dentro das expectativas das crianças. Minha maior tristeza as escolas parecem hospitais, outras parecem hotéis de luxo." Valéria Murati Figueiredo*

Sonho 51: *"Que as crianças de hoje quando adultos amanhã tenham um congresso renovado, sem nenhuma das velhas personagens nefastas de*

*hoje. Que hoje elas gostem de árvores, boas comidas, quintais e água boa para beber e banhar.” Paula Mendonça de Menezes*

*Sonho 52: “Que nossas crianças tenham educação de qualidade, com afeto, brincadeiras de verdade. Que sejam respeitadas por todos, obrigado, com licença e por favor quem ensina também deve usar. Que aprendam desde cedo a serem generosos, principalmente com elas mesmas. E honestidade, este valor tão desprezado... Garantir estas três coisas aos pequenos, este é o meu sonho... Para todos...” Erica Augusto de Freitas*

*Sonho 53: “Que a infância cosmocidadã na escola seja a maruja des-cobridora de um Outro Mundo, navegando em frota com seus colegas com a mão no leme do Barco de seu Destino, amorosamente investigadora e pesquisadora, capitaneada pelo/a professor/a impulsionando e soprando inspiração e velas para onde nenhuma criança jamais esteve: a família, a escola, a cidade, o país, o continente, o planeta e o universo realizados às imagens-em-ação de seus sonhos de bem-aventurança...” Leo Nogueira Paqonawta*

*Sonho 54: “Que a infância cosmocidadã no lar seja recebida nos braços da família como certeza de que o Cosmos tem esperança na re-vira-voltação de rodas as coisas para a criação de um Mundo de Luz, Alegria e Amor. Se é por isso que as crianças nascem e renascem no planeta, que nos lares tenham “pás” para cultivar a Paz nos corações dos pequeninos que reflorirão infinitas belezuras por todos os caminhos da sociedade renovada nas estações da.vida...” Leo Nogueira Paqonawta*

*Sonho 55: “Que a infância cosmocidadã no Mundo seja a re-evolução e o passo re-evolutivo da humanidade rumo às mais belas expressões da imaginação de crianças realizando o inimaginável ante adultos que um dia se perderam de sua meninice interior.” Leo Nogueira Paqonawta*

*Sonho 56: “Que as crianças possam ter PAZ para brincar e ser criança com toda a sua intensidade e infinitas possibilidades.” Alice Proença*

*Sonho 57: “A paz e o futuro das crianças passa pela construção de uma Parentalidade mais responsável por pais e mães.” Fernando Valentin*

Sonho 58: *“Crianças conectando e dividindo seus sentimentos com naturalidade, profundidade e respeito.”* Denise Granados

Sonho 59: *“Sonho com as crianças indo para escola felizes e estimuladas, com a mesma energia de quando brincam.”* Adriano Garbelini

Sonho 60: *“Que todos bebês e crianças possam contar com um colo!”* Débora Baccaro



Sonho61

Sonho 62: *“Dito por algumas crianças: "que o mundo fosse todo de lama pra gente poder pular", "que existisse uma piscina de sorvete de açaí", "que a escola fosse de chocolate".”* Jacqueline Oshima Franco

Sonho 63: *“Desejo a felicidade de estar e ser no presente, uma felicidade inteira, leve, livre.”* Luciana Tris

Sonho 64: *“Que os adultos tenham mais amor e responsabilidade com as crianças.”* Maria Rosa

Sonho 65: *“Que a a escola seja o lugar da realização de uma infância que prefigure o homem e a mulher nova.”* Daniel Raviolo

Sonho 66: *"Sonho com crianças brincando com asas de borboleta, poetizando a vida com consciência em busca de tempos melhores, para poderem ser simplesmente CRIANÇAS."* Sílvia Cristina Varella Queiroz



Sonho 67



Sonho68

*Sonho 69: “Que a elas não seja negado o amor, proteção e dignidade. Que sejam vistas no tempo do agora com olhos bem atentos...” Renata Martins*

Sonho 70: *“Que as crianças possam resgatar a infância.”* Sonia Regina Paroni

Sonho 71: *“Que todas as crianças tenham por perto adultos amadurecidos e lúdicos! Amor expresso com alegria e segurança 😊.”* Márcia Lorenzoni

Sonho 72: *“Eu tenho um sonho Utopia: De um dia nosso Mundo não basear suas relações no dinheiro, de vivermos em comunidades e não existir mais criança em guerra, em miséria, em trabalho forçado ou humilhada, espancada! Nesses tempos, sei que todas as crianças serão mais felizes e nossa vida no Mundo mais justa e Iguatária!”* Naime Silva

**Siga contribuindo com o baú dos sonhos, espalhando mais sonhos às nossas crianças.**

**Adicione seus sonhos nos comentários desta mensagem ou envie-nos por e-mail.**

## Família percorre interior do país e registra infância em série de livros

AUTOR (ES): **ANA LUÍSA VIEIRA E CAROLINA PEZZONI, DO PROMENINO, COM CIDADE ESCOLA APRENDIZ** 28 / MAI / 2016



*“Acho que o escritor volta sempre ao território da infância, que é o território do desejo de contar história. O desejo de ver o mundo convertido numa história é absolutamente vital, quer dizer, tão vital quanto comer ou dormir.” (Mia Couto, escritor moçambicano)*

Miguel tem 2 anos. Olhos espertos e ouvidos atentos, ele corre em volta das crianças maiores, sentadas em roda para contar histórias da comunidade ribeirinha onde moram. Cuiabá Mirim pertence ao município de Barão de Melgaço, no Mato Grosso. A viagem até a capital do estado dura 1h30 – são 128 km de distância. No povoado, vivem 300 famílias envolvidas pela natureza da região pantaneira.

Como qualquer menino de sua idade, Miguel não tem repertório para participar da brincadeira. Recorrer à imaginação, até conseguir a atenção da professora e dos colegas, é o truque infalível:

- *Tia, tia! Eu quero contar! Tia, tia! Sabia que eu sempre levo bicho pra minha casa?*
- *É verdade? Qual bicho você leva?*
- *Levo jacarés! E não tenho medo!*

- *O que você faz com eles?*
- *Eu brinco um pouco. Depois mando embora. Depois de depois do almoço, eu chamo eles de volta para brincar.*
- *Mentiiiiiiiiira!, grita uma menina mais velha.*

Todos começam a rir.

A criatividade precoce de Miguel é uma das lembranças de viagem da família Asse. Roberta, a “tia” mencionada, viajou com o marido Walter e as filhas Clara e Helena, em busca de inspiração para escrever sobre as diferentes formas de infância. Visitaram, os quatro, cidades pouco turísticas, distantes das capitais brasileiras, onde puderam conviver e aprender com as crianças locais.

A contadora desses causos – ou “criadeira”, como se define – é também arquiteta, designer e pesquisadora da antropologia da infância. Roberta ilustrou e narrou histórias de ficção, cunhadas a partir dessas experiências, para a recém-lançada “Coleção Crianças Daqui” (Cirandeira Livros, R\$ 30 cada exemplar). Das Ilhas Fluviais de Abaetetuba, no Pará, ao Vale dos Vinhedos, no Rio Grande do Sul, os oito livros passeiam pelas descobertas de Marina, Vito, Tininha, Adélia, Rosa, Isabel e Pedro Pio, entre outras personagens permeadas de cultura, tradição e sabedoria regional.

Durante a expedição, o pai, Walter, ficou responsável pelos registros fotográficos e em vídeo, que devem ser lançados em breve. À Clara (11 anos) e Helena (7) cabe o papel principal: brincar com as crianças que encontram nessas localidades.

“São as nossas filhas que nos abrem as portas para essa convivência, a partir do momento em que se reúnem com outras crianças. A linguagem do brincar é universal. Pode notar: as crianças se entendem em segundos”, diz Walter. “O que une as pessoas é a necessidade e o que as mantém unidas é a afinidade. A base que permeia tudo isso é o amor. E essa é a base das crianças: o amor e as brincadeiras, sem pré-conceitos.”



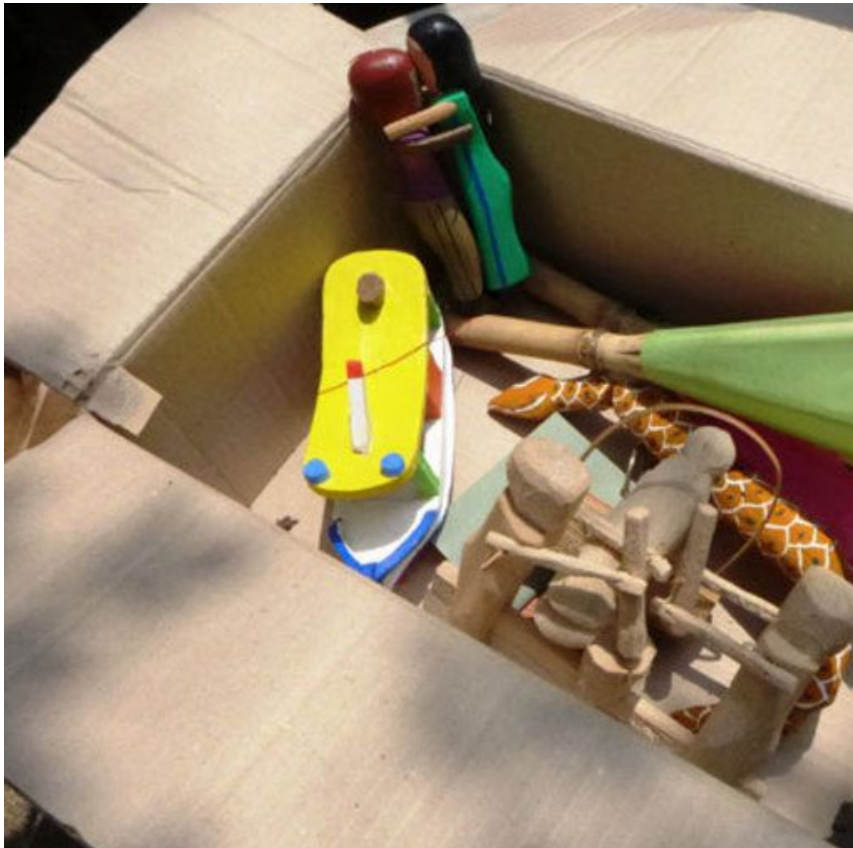
**Percurso dos livros pelo país**

## **Raízes brasileiras**

O casal se conheceu em 1996. Roberta, filha de um marceneiro e de uma professora do interior de São Paulo, cursou arquitetura e especializou-se em design gráfico. Criada na capital, nunca abandonou, porém, as raízes do campo. Walter, formado em Direito, gerencia uma tradicional gráfica paulistana. Antes de conhecê-la, estava acostumado a passar as férias em pontos turísticos comuns. Roberta o inspirou a mudar de rota, para, juntos, desbravarem o Brasil.

A vontade de transformar as viagens em registros escritos ganhou força com a chegada das filhas, que herdaram sua paixão pela natureza: “Adoro viajar para os lugares mais distantes porque as crianças de lá são mais livres, conhecem muito sobre seu lugar, sobre os animais, a natureza. Elas têm muita cultura!” diz Clara. “O melhor é quando não tem sinal na cidade: assim o papai não fica o tempo *inteeeeeeiro* no celular”, completa Helena.

Chegar de maneira respeitosa aos municípios escolhidos para a pesquisa sempre foi uma preocupação de Roberta. “Não há diferença. A gente apenas vive em uma comunidade um pouco maior e mais complexa. Isso ajudou muito na minha conduta, ao me reconhecer e me colocar como um igual e inserir essas crianças numa única comunidade, que é a de ser brasileiro”, conta.



**Lembranças de viagem**

### **Caixa de segredos**

Em celebração a este 12 de outubro, Dia das Crianças e Dia Nacional da Leitura, o Promenino pediu à família Asse que trouxesse algumas lembranças das comunidades por onde passaram para o bate-papo no quintal da Livraria da Vila, em São Paulo.

“Tá vendo aqui dentro? É uma lanterna colorida, com uma vela”, mostra Helena, eufórica, abrindo a caixa de papelão, repleta de pequenas preciosidades. “Ah, sim! É de uma procissão, que tem origem no norte da Alemanha”, começa a explicar o pai, logo interrompido pela menina: “Não, pai. Essa lanterna é da procissão do Matutu, que acontece de noite!”.

*“Eu vou com minha lanterna | E ela comigo vai | No céu, brilham estrelas | Na terra, brilhamos nós | A luz se apagou | Pra casa, eu vou | Balança, balança, lampião”*, canta a família em coro.

O Vale do Matutu, situado no município de Aiuruoca (Sul de Minas Gerais), é um lugar especial para os Asse, que visitam a cidade há nove anos. Por lá, frequentaram a Escola Arcanjo Miguel, onde se realizava a procissão descrita por Helena. A unidade deixou de funcionar faz dois anos, devido à construção de uma outra escola pela prefeitura. “O fechamento das escolas do campo, infelizmente, é uma realidade. Li a matéria no Promenino sobre o número cada vez menor dessas escolas, justificado com a oferta de transporte para a cidade. É uma questão polêmica, a de tirar crianças tão pequenas de seu ambiente”, reflete Roberta.

“Foi no Matutu que comecei a notar a semelhança das infâncias, principalmente no que se refere à autonomia. Crianças das comunidades têm isso: vão e voltam com liberdade, porque todos se conhecem e há uma relação intensa com o ambiente”, diz a autora.

“Uma coisa muito legal das comunidades é porque os moradores, todos, conhecem bem o lugar. Entre as crianças, não tem essa coisa de separar a turma por idade. Dá pra brincar todo mundo, de todas as brincadeiras, dos dois aos 15 anos”, observa Clara.

Na festa de São João, os adultos de Matutu se preocupam em estimular o imaginário das crianças. “Eles preparavam uma fogueira gigante, com um cabo de aço escondido para acendê-la. Por meio de um sinal, os moradores jogavam uma bola que virava fogo e descia pelo cabo, invisível à noite. Queriam ver as crianças acreditando que uma estrela do céu acendia a fogueira. Era lindo”, emociona-se Roberta.

## **Central do Brasil**

Helena segura um pequeno vidro transparente na mão direita. “Para mim, isso aqui é o mais lindo da viagem”, diz, sorrindo. “É a areia das dunas do Jalapão... a mais fofinha e mais quente que eu já vi”, completa Clara. “São sete horas de viagem para chegar a um mundo cor de laranja”, descreve Helena.

O Parque Estadual do Jalapão fica em Tocantins. É a única região que produz capim dourado, fibra usada para produtos de artesanato. “É tudo cultivado no meio da vereda, aos pés das montanhas, por onde chega água

quente do fundo da terra”, explica Walter. “Lá havia uma senhora, a dona Miúda. Ela costumava dizer: ‘Esse é o nosso ouro, e é assim que a gente vai mudar a cara da nossa comunidade’.”

“Ganhei esses ramos das mulheres do povoado, como agradecimento pela nossa passagem. Sei que isso é raro, esses raminhos não são vendidos. Foi um ato de carinho”, relembra Roberta, vaso nas mãos.

A família também passou pela comunidade quilombola de Mumbuca, a poucos quilômetros do Jalapão. “Com a chegada de uma determinada igreja, que não permite a difusão da cultura africana oral, muito está se perdendo. É preciso olhar com cuidado para os patrimônios do Brasil”, indigna-se Walter.

### **Dos livros às telas**

A coleção de livros começa a ganhar novos formatos. Logo estará disponível na versão digital. O plano é voltar aos municípios pesquisados e também criar um aplicativo capaz de conectar as crianças dessas localidades. O músico Beto Villares já transformou três contos em canções – o lançamento do CD está previsto para breve.

Por meio de uma parceria da ComKids com o canal holandês Wadada News for Kids, o livro “A Travessia de Marina” ganhou um concurso e se transformará num documentário de 15 minutos, que será dirigido por Marcelo Machado. A obra foi inspirada nas crianças do povoado de Saco do Mamanguá, em Paraty (Rio de Janeiro). “Lá, as crianças não têm o Ensino Fundamental 2 perto da comunidade. Precisam se mudar para Paraty ou ir e voltar todos os dias de barco, acordando às 4h30 da manhã. Isso reflete a questão do crescimento acelerado, longe da família”, opina Roberta.

### **Análise: “O cotidiano é uma aventura”**

“Lorena, será que tu enxerga do mesmo jeito que eu? E o som, será que tu ouve a mesma coisa que eu ouço?”, pergunta Vito a sua irmã Lorena, em um momento de descanso, depois de brincarem colhendo as uvas do parreiral. Tataranetos de imigrantes italianos, esses são os personagens principais do livro “Pé de Uva, Mão de Menino”, parte da Coleção das Crianças Daqui.

A reflexão do menino empresta sentido a toda a coleção, resultado de uma jornada familiar em busca da valorização das realidades diversas de comunidades afastadas das grandes capitais brasileiras. Nos oito livros que a compõem, sua autora, Roberta Asse, recria, escrevendo e ilustrando, o cotidiano infantil, assegurando em cada narrativa o caráter de aventura, tão caro às crianças.

Embora sejam ficcionais, apenas inspiradas nas experiências vividas pela autora e sua família nessas viagens, todas as histórias trazem a forma de falar própria das crianças dali. “Eu já te falei que quero ir junto e não ficar suzinho aqui”, diz Vito. “Vai vim maresia”, observa Cauê. “Vó, eu queria que o tio chegasse e nunca mais isso”, fala Tião.

“Esse personagem só é verdadeiro se fala como uma criança do lugar. Ouvi exaustivamente e reproduzi nos diálogos a maneira de se falar. Não está dentro dos parâmetros do certo ou errado. Está dentro do falar diferente. É uma riqueza”, defende a autora, ante as críticas à sua decisão. E cada exemplar traz o aviso: “Expressões da oralidade e regionalismos foram respeitados e escritos da forma como são falados”.

Em um passeio pelas radiantes ilustrações de Roberta, o leitor fica conhecendo também Marina, Tininha, Francisco, Mauk, Ana Rara, Ravi e Adélia, Daniel e Rosa, Isabel, Berê e Toninho, que – com entusiasmo – nos apresentam seus brinquedos, famílias, amigos e festejos. Às vezes, eles também se metem em situação de perigo, mas você vai descobrir que, no fim, são como as crianças daqui.

Por Cidade Escola Aprendiz

## Diálogos do Brincar: A voz da criança

AUTOR (ES): **TEXTO: CAROLINA PRESTES | FOTOS: RENATA FRANCO | VÍDEO: INTERROGAÇÃO FILMES** 02 / MAI / 2016



No último dia 28 de abril de 2016 ocorreu o terceiro encontro da série 'Diálogos do Brincar'. Correalizada pelo Projeto Território do Brincar e pelo Instituto Alana, a iniciativa tem periodicidade mensal e busca travar discussões sobre temas que tocam a infância, a educação e o brincar.

O tema 'A voz da criança' foi debatido pela antropóloga e educadora Adriana Friedmann. Especialista, palestrante e consultora nas temáticas da infância e do brincar, Adriana também fundou e coordena o MIB (Mapa da Infância Brasileira) e o NEPSID (Núcleo de Estudos e Pesquisas em Simbolismo, Infância e Desenvolvimento).

No bate-papo, que teve duração de 1h e contou com a participação de internautas de diversas regiões do país, Adriana comentou sobre como podemos ouvir e acolher as diversas linguagens e expressões da infância.

“Antes de tudo, precisamos oferecer às crianças tempo e espaço para que elas possam se expressar”, afirmou a especialista, destacando que escutar a criança vai muito além do verbal: “as artes e a cultura podem nos ajudar nesta escuta, pois trazem a diversidade das linguagens: as expressões plásticas, o corpo e o movimento também dizem muito”.

Adriana pontuou também a Antropologia e a Psicologia como áreas que podem servir de bússola para adentrarmos o labirinto que é o universo da criança.

Questionada por um internauta sobre qual o papel do adulto nesta relação de escuta com as crianças, a especialista destacou: “O adulto precisa sair desse lugar que prega, que ensina, e colocar-se no lugar do ouvinte, do aprendiz, no lugar de quem brinca junto”. E falou sobre a importância do educador ter sensibilidade para perceber os temas que emergem das próprias crianças e descobrir maneiras de trabalhar tais temas: “Se vejo que as crianças são muito corporais, quais espaços posso oferecer a elas?”.

Assista o vídeo do bate-papo on line.

## Publicação registra a experiência de redes de advocacy pelos direitos das crianças

AUTOR (ES): **ANA OLIVA MARCILIO** 01 / MAI / 2014 - 02 / JAN / 2016



“Primeira Infância em Primeiro Lugar: um levantamento de redes de advocacy pelos direitos da criança” é o relato de ricas experiências brasileiras, latino americanas e da África do Sul na luta pelos direitos da primeira infância por meio de estratégias de articulação em rede. A publicação, que já se encontra disponível para consulta no site da Avante – Educação e Mobilização Social e da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI), além de já ter sido disponibilizada para o site do World Forum on Early Childhood Care and Education, é o produto final de um grupo de Global Leaders brasileiras, apresentado durante o Seminário Global Leaders que aconteceu em Salvador em 2015.

O trabalho é uma realização da Avante – Educação e Mobilização Social – integrante da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI) e secretaria executiva da Rede Estadual Primeira Infância – Bahia (REPI – BA), organizado por três Global Leaders brasileiras e integrantes da RNPI: a consultora associada da Avante, Ana Oliva Marcilio; a coordenadora do projeto Criança Pequena em Foco (CECIP), Moana Van de Beuque; e a coordenadora da área de Conhecimento Aplicado da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, Gabriela Pluciennik. O grupo deu prosseguimento ao trabalho organizado por dois ex Global Leaders (2010) – Maria Thereza Marcílio, sócia fundadora da Avante e Gustavo Amora, integrante da COMOVA. Maria Thereza e Gustavo lançaram a publicação: “Primeira Infância em Primeiro Lugar – Experiências e Estratégias de Advocacy”, e tiveram como foco ações de incidência política para a primeira infância.

Nessa nova publicação, as Global Leaders deram ênfase às articulações em rede, “sobretudo em contextos de iniquidade e violação de direitos, como uma estratégia fundamental para a incidência política e o controle social; o fortalecimento da primeira infância na perspectiva de sujeito de direitos e criança cidadã; uma perspectiva regional e um olhar sul-sul de experiências em rede como estratégia de advocacy, ampliando a possibilidade de articulações para além do nível local”, como descrito na apresentação.

A publicação traz, por exemplo, informações referentes à experiência brasileira da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI), com destaque para as ações das articulações das Redes Estaduais Primeira Infância da Bahia (REPI-BA); Mato Grosso do Sul (REPI-MS) e Ceará (REPI-CE). Apresenta, ainda, duas experiências Latino-Americanas (Equidad para la Infância e Red del Grupo Consultivo para la Primera Infância em Latino America) e uma do

Zimbabwe – África do Sul (Zimbabwe Early Childhood Development Network – ZINECDA).

O artigo de abertura, escrito pela Beatriz Pérez e Marina Castro, da Secretaria Executiva da RNPI/ CECIP, traz um panorama dos direitos das crianças no Brasil, fala sobre o histórico da RNPI e sua atuação e destaca os desafios ainda existentes para a garantia desses direitos. Beatriz e Marina enfatizam, ainda, que o trabalho em rede é uma aposta na ampliação e no fortalecimento dessa luta. “As organizações, muitas vezes, ficam limitadas às suas articulações institucionais, enquanto que, em rede, é possível pensar os direitos da criança de forma integral através da capilaridade e da diversificação de temas essenciais para o cuidado das crianças”.

A expectativa é que a publicação contribua para aproximar redes, permitindo que os diálogos sejam mais abrangentes e os impactos em prol da primeira infância sejam mais significativos!

### **Global Leader**

“Primeira Infância em Primeiro Lugar: um levantamento de redes de advocacy pelos direitos da criança” foi um dos projetos apresentados no Seminário Global Leaders das Américas, em setembro de 2015. Durante o evento, o Brasil teve a maior representação no grupo das Américas. Além da publicação citada, o país apresentou o Viral em prol da Primeira Infância, que aborda os cuidados e a importância de prover boas condições para o desenvolvimento na primeira infância.

# Publicação registra a experiência de redes de advocacy pelos direitos das crianças



“Primeira Infância em Primeiro Lugar: um levantamento de redes de advocacy pelos direitos da criança” é o relato de ricas experiências brasileiras, latino americanas e da África do Sul na luta pelos direitos da primeira infância por meio de estratégias de articulação em rede. A publicação, que já se encontra disponível para consulta no site da Avante – Educação e Mobilização Social e da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI), além de já ter sido disponibilizada para o site do World Forum on Early Childhood Care and Education, é o produto final de um grupo de Global Leaders brasileiras, apresentado durante o Seminário Global Leaders que aconteceu em Salvador em 2015.

O trabalho é uma realização da Avante – Educação e Mobilização Social – integrante da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI) e secretaria executiva da Rede Estadual Primeira Infância – Bahia (REPI – BA), organizado por três Global Leaders brasileiras e integrantes da RNPI: a consultora associada da Avante, Ana Oliva Marcílio; a coordenadora do projeto Criança Pequena em Foco (CECIP), Moana Van de Beuque; e a coordenadora da área de Conhecimento Aplicado da Fundação Maria Cecília Souto Vidigal, Gabriela Pluciennik. O grupo deu prosseguimento ao trabalho organizado por dois ex Global Leaders (2010) – Maria Thereza Marcílio, sócia fundadora da Avante e Gustavo Amora, integrante da COMOVA. Maria Thereza e Gustavo lançaram a publicação: “Primeira Infância em Primeiro Lugar – Experiências e Estratégias de Advocacy”, e tiveram como foco ações de incidência política para a primeira infância.

Nessa nova publicação, as Global Leaders deram ênfase às articulações em rede, “sobretudo em contextos de iniquidade e violação de direitos, como uma estratégia fundamental para a incidência política e o controle social; o fortalecimento da primeira infância na perspectiva de sujeito de direitos e criança cidadã; uma perspectiva regional e um olhar sul-sul de experiências em rede como estratégia de advocacy, ampliando a possibilidade de articulações para além do nível local”, como descrito na apresentação.

A publicação traz, por exemplo, informações referentes à experiência brasileira da Rede Nacional Primeira Infância (RNPI), com destaque para as ações das articulações das Redes Estaduais Primeira Infância da Bahia (REPI-BA); Mato Grosso do Sul (REPI-MS) e Ceará (REPI-CE). Apresenta, ainda, duas experiências Latino-Americanas (Equidad para la Infância e Red del Grupo Consultivo para la Primera Infância em Latino America) e uma do Zimbábwe – África do Sul (Zimbabwe Early Childhood Development Network – ZINECDA).

O artigo de abertura, escrito pela Beatriz Pérez e Marina Castro, da Secretaria Executiva da RNPI/ CECIP, traz um panorama dos direitos das crianças no Brasil, fala sobre o histórico da RNPI e sua atuação e destaca os desafios ainda existentes para a garantia desses direitos. Beatriz e Marina enfatizam, ainda, que o trabalho em rede é uma aposta na ampliação e no fortalecimento dessa luta. “As organizações, muitas vezes, ficam limitadas às suas articulações institucionais, enquanto que, em rede, é possível pensar os direitos da criança de forma integral através da capilaridade e da diversificação de temas essenciais para o cuidado das crianças”.

A expectativa é que a publicação contribua para aproximar redes, permitindo que os diálogos sejam mais abrangentes e os impactos em prol da primeira infância sejam mais significativos!

## **Global Leader**

“Primeira Infância em Primeiro Lugar: um levantamento de redes de advocacy pelos direitos da criança” foi um dos projetos apresentados no Seminário Global Leaders das Américas, em setembro de 2015. Durante o evento, o Brasil teve a maior representação no grupo das Américas. Além da publicação citada, o país apresentou o Viral em prol da Primeira Infância, que

aborda os cuidados e a importância de prover boas condições para o desenvolvimento na primeira infância.

## As crianças e suas vozes

AUTOR (ES): **MIB** 04 / ABR / 2016



*“As crianças têm uma ligação poética com tudo. A gente precisa ser alfabetizado para a poesia da criança, ficar atento para o 'deslugar'.”*

Lindalva Souza

*“Como diz a letra de Emicida, ‘Somos todos concreto. Tem que definir quem é muro e quem é ponte’. Como artista, sou ponte.”*

Marie Ange Bordas

*“Há que se ficar muito atento [no encontro com as crianças], pois nossos gestos tendem sempre a adultocentrismos.”*

Gabriela Romeu

*“A minha experiência de escuta foi muito diversa, inclusive algumas delas com poucas palavras.”*

Roberta Asse

Essas são algumas frases que ecoaram na primeira roda de conversa da série Encontros com as Infâncias, realizada em março na UMAPAZ, em São Paulo. Para falar sobre a escuta das crianças e suas vozes, entraram na roda a arte-educadora Lindalva Souza (Vozes das Crianças Brasileiras), a artista visual Marie Ange Bordas (Tecendo Saberes), a designer Roberta Asse (Coleção das Crianças Daqui) e a jornalista Gabriela Romeu (Infâncias), que também atuou como mediadora na prosa.

Com a plateia cheia, o encontro reflete um crescimento de projetos, iniciativas ou experiências que desenvolvem ações de uma escuta sensível, uma observação atenta e um diálogo aberto com as crianças, diversos deles com o objetivo de destacar saberes próprios da infância e delinear melhor as necessidades, os desejos e os sonhos infantis, servindo como fonte significativa para se entender melhor as crianças e para se pensar melhor as infâncias nas cidades e comunidades, nas escolas e famílias, nas políticas públicas.

Para abrir a conversa, cada uma das quatro participantes foi convidada a apresentar um objeto significativo que lançasse luz a algum aspecto do tema debatido. Num vídeo que mostra um pouco da infância do povo Xikrin, lá do Pará, a documentarista Gabriela Romeu chamou a atenção para o jogo dialógico que se estabelece com a criança sempre que há adultos disponíveis por perto. *“Chegamos cheios de narrativas e as crianças também querem nos escutar.”*

Marie Ange trouxe um tamborete (um banquinho), objeto que remete à sua biografia de menina, quando começou a construir sua ideia de estar no mundo. *“Um estar no mundo a partir de uma ideia de igualdade, que é bem diferente da ideia de alteridade que rege o pensamento eurocêntrico e etnocêntrico, em que o outro é aquele que é temido, dominado, civilizado, exótico, tem que ser assistido. Em oposição a isso tudo, eu sempre preferi a*

*ideia da ética do outro, que deriva dessa experiência do encontro”, diz a artista visual.*

Roberta Asse, criadeira da Coleção das Crianças Daqui, narrou num vídeo a leitura de trechos dos oito livros que trazem histórias das cinco regiões brasileiras. O projeto literário, escrito e ilustrado pela autora, foi realizado depois de uma série de viagens que ela fez pelo país para ouvir as crianças e suas narrativas. *“A criança fala e conversa ao perceber nossa disponibilidade e interesse sobre aquilo que ela tem a dizer.”*

Quem teceu toda a prosa num gesto simbólico foi a arte-educadora Lindalva Souza, que trouxe como objeto que marca sua trajetória um fio de barbante. Ao criar uma figura com o barbante entre os dedos, ela destacou o entrelaçamento de relações que ocorrem na observação de crianças e no diálogo entre gerações.

Coordenadora do Vozes da Infância Brasileira, Lindalva explica que esse instrumento de escuta lúdica tem sido criado coletivamente por um grupo de pesquisadores ligado ao Mapa da Infância Brasileira, coordenado por Adriana Friedmann. *“O desafio é mergulhar no universo das crianças. A gente ouve as crianças para poder entendê-las e aprender sobre elas e com elas”,* conta a pesquisadora, que tem atuado em diversas iniciativas de São Paulo, como Movimento Boa Praça, Projeto Casulo, Sacolão das Artes e Espaço Alana, abrangendo diferentes regiões da cidade.

Para Marie Ange, que oferece ferramentas para as crianças construírem sua identidade nos projetos que desenvolve, é preciso *“criar espaço onde as crianças se sintam instigadas e seguras para falar”*. São espaços de encontro, em que é fundamental que saibam que são detentoras de saberes. Assim, são as crianças protagonistas que fotografam lugares da comunidade, desenham mapas afetivos, entrevistam os mais velhos, em diversas atividades que vão sendo tecidas coletivamente. *“Achei na arte um lugar mais livre para ser um agente transformador, um agente que é uma ponte, alguém que fica entre vários mundos, questiona esses vários mundos e talvez consiga fazer algo de bom.”*

Atenta do começo ao fim, assim como num processo de escuta, a plateia lançou questões que ampliaram o diálogo. Uma delas tratava de questionar

quem é a criança de hoje. *“Há aspectos universais envolvendo a infância, mas temos que nos ater que são muitas as infâncias e diversas as realidades infantis. É urgente conhecê-las”*, contou Gabriela, que ilustrou a diversidade de infâncias ao lembrar que só no Pará, ao longo do rio Xingu, encontramos diferentes concepções para o que é ser criança.

Na relação com as crianças, Lindalva ainda destacou a importância de estar *“desperta para o inusitado”*. *“O que as crianças estão contando pra gente muitas vezes não é observado. Elas apontam novos caminhos, têm outros interesses. No inusitado, existe um conteúdo bem importante para que a gente consiga ouvir e olhar as crianças”*, diz a arte-educadora, que lembra o quanto as crianças são *“poetas em potencial”*. Poetas de um deslugar.



Encontro com as Infâncias



Encontro com as Infâncias



Encontro com as Infâncias



Encontro com as Infâncias

Para saber mais

Vozes da Infância Brasileira – [www.mapadainfanciabrasileira.com.br](http://www.mapadainfanciabrasileira.com.br)

Infâncias – [www.projetoinfancias.com.br](http://www.projetoinfancias.com.br)

Coleção das Crianças Daqui – [www.criadeira.com.br](http://www.criadeira.com.br)

Tecendo Saberes – [www.tecendosaberes.com](http://www.tecendosaberes.com)

Abaixo, as biografias de infância das participantes do encontro.

Gabriela Romeu

Nasceu em São Paulo e cresceu num bairro periférico da cidade de São Bernardo do Campo, numa época (não muito distante, vejam bem!) em que circos de lonas furadas ainda por lá circulavam e as ruas eram tomadas de crianças de pés descalços. Mas, apesar da infância urbana, "viveu" uma infância rural a partir das muitas histórias sua minha mãe e suas tias (todas mineiras e conversadeiras) contavam. Era capaz de ficar um bom tempo ouvindo as reinações delas, meninas de pé na terra. Tempos depois descobriu que essas foram suas primeiras incursões etnográficas pelas infâncias de um Brasil profundo (bem profundo na menina). Virou jornalista e documentarista, há 15 anos escreve sobre e para crianças e coordena o projeto Infâncias, que documenta a vida de meninos e meninas pelo Brasil.

Lindalva Souza

É de São Paulo, capital e passou toda a minha infância na Mooca, um bairro tranquilo, onde naquela época, as brincadeiras na rua e no campinho eram espaços para muitas aventuras. Pular corda, esconde-esconde, pega-pega, amarelinha e escorregar no papelão foram as brincadeiras preferidas da maioria das crianças que moravam em sua rua. No campinho deitava no chão para observar as nuvens. Com o movimento, elas formavam desenhos incríveis que tentava decifrar e a partir daí muitas histórias surgiam. Gostava também de observar as estrelas do céu. Ficava imaginando como elas conseguiam ficar penduradas lá a noite toda... De tanto observar a natureza das nuvens e das estrelas, a menina se aparelhou para observar meninos e meninas por onde passa. É arte-educadora, tem larga experiência com pesquisa e desenvolvimento de projetos culturais com crianças e em projetos com a temática do brincar. Coordena a área de pesquisa do MIV – o Vozes da Infância Brasileira – VIB.

Roberta Asse

Nascida em São Paulo, capital, passava as férias de menina nas cidades interioranas dos pais aos lados de muitos primos. Subiam na seringueira da frente da casa da avó, onde cada galho era casa de um. Lá brincou de pular na enxurrada laranja de barro, queimou o pé no asfalto quente, pendurou dinheirinho no portão para o padeiro parar, cheio de sonhos na carroça. Fez correntinha de crochê, participou da procissão da sexta-santa andando pela cidade silenciada. Ouviu histórias de circo e ciganos que roubavam criancinhas, histórias de pescador e peixes monstro, mentiras de caipira. Tudo isso ficou encantado na menina, e a fez ter esta vontade de encontrar e conhecer mais crianças assim, feito ela, para a ajudarem a contar nossas histórias em formato de livros. Virou arquiteta e, atuando como design gráfico, já fez muitos livros até que passou a escrever e ilustrar suas histórias a partir das narrativas que ouviu pelo Brasil. Lançou a Coleção das Crianças Daqui.

Marie Ange Bordas

Filha de mãe gaúcha e pai francês, cresceu numa família aberta e curiosa para diferentes culturas. Estrangeiros em sua casa não eram a exceção, eram a regra, começando pelo pai e seus colegas pesquisadores que vinham de vários cantos do mundo. O pai tinha alma de explorador e adorava colocar filhos e sobrinhos no carro para desbravar estradas fora do mapa. Não raro

essas incursões terminavam em algum sítio no fim de uma estrada enlameada ou numa casa de beira de estrada, onde eram acolhidos com chimarrão e cuca por gente hospitaleira que não conhecia. Acho que foi daí que tomou gosto por gente, tomou gosto de ser forasteira acolhida, de sentar em tamboretas perto de um fogo e de ouvir, de conversar, de aprender sobre outros modos de viver sem mediações. Depois "de grande", fazer arte foi o jeito que encontrou para continuar sentando em tamboretas mundo afora. Jornalista de formação, seguir caminho pela arte. Há anos desenvolve trabalhos de arte participativa e alfabetização visual em diferentes países; desde 2008 faz projetos em comunidades tradicionais brasileiras, o que culminou no Tecendo Saberes.

*O 2º Encontro com as Infâncias - A criança e a Cidade - será realizado no dia 21 de Maio, na UMAPAZ, e contará com a participação de: Ana Estela Haddad (São Paulo Carinhosa), Irene Quintáns (Rede Ocara), Raiana Ribeiro (Associação Cidade Escola Aprendiz) e Rodrigo Rubido (Instituto Elos). Fique atento! Em breve, inscrições abertas.*

Assista o vídeo do encontro na íntegra:

## Vamos ouvir as crianças?

AUTOR (ES): **CECIP** 01 / ABR / 2016

# Vamos ouvir as crianças?



**Caderno de metodologias participativas  
do Projeto Criança Pequena em Foco**



Crianças entre 4 e 12 anos podem ajudar a formular políticas públicas. É o que demonstra o projeto Criança Pequena em Foco, que ao longo de 2012 envolveu cerca de 100 crianças das favelas Santa Marta, Babilônia e Chapéu-Mangueira em atividades para retratarem sua comunidade e identificarem suas necessidades.

O resultado desse processo e a metodologia empregada estão na publicação "Vamos Ouvir as Crianças?". Esse Caderno de Metodologias divulga e explica em detalhes as dinâmicas realizadas nas oficinas e foi disponibilizado pelo CECIP - Centro de Criação de Imagem Popular.

Para ler o ebook clique aqui:

[https://issuu.com/cecip6/docs/vamos\\_ouvir\\_criancas-ebook\\_309a7c7fb02497](https://issuu.com/cecip6/docs/vamos_ouvir_criancas-ebook_309a7c7fb02497)

O objetivo do projeto é promover um espaço onde as crianças possam falar e trocar impressões sobre os lugares onde moram, os seus modos de vida, o que gostam de fazer, os espaços que frequentam, as dificuldades e os problemas que enfrentam em seu cotidiano.

As opiniões desses meninos e meninas — registradas em mapas, vídeos, desenhos, fotos — podem servir de subsídio a diferentes atores interessados em políticas públicas voltadas a essa faixa etária.

E então, vamos ouvir as crianças?

## O que as crianças pensam sobre crescer?

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 21 / MAR / 2016



Crescer e se desenvolver não são processos restritos às crianças. Adolescentes, jovens e adultos também seguem aprendendo e criando

recursos ao longo da vida. Certamente os desafios de cada faixa etária são diferentes, bem como os caminhos de enfrentamento e a velocidade das mudanças físicas, psicológicas, comportamentais e intelectuais.

Comissionado para criar um curta-metragem pela VIZIO Television, o cineasta Mishka Kornai realizou em 2015 o documentário Growth, registrando a percepção de 75 pessoas de diferentes idades a respeito do tema do crescimento. O que será que as crianças disseram? Registramos aqui algumas das falas compartilhadas por elas no filme:

“Crescer é como uma linha, pois nunca pára.”

“Growing old is like a line because it never stops.”

“É na verdade mudar... Seu corpo muda, você fica maior, seu sangue muda, na verdade, e sua mente muda!”

“It’s actually changing... Your body changes, you get bigger, your blood changes, actually, and your mind changes!”

“É divertido ver o mundo todo quando você cresce. Você se torna capaz de explorar mais coisas, ver mais coisas que você nunca havia visto.”

“It’s fun to see the whole world when you grow up. You get to explore more things, see more things you’ve never seen.”

“Ciclos. São ciclos que se repetem e se repetem...”

“Cycles. It’s cycles again and again...”

“Eu sinto que os irmãos mais novos meio que crescem mais rápido, porque eles vêm as coisas que os irmãos mais velhos estão fazendo e pensam: ‘oh! Eu quero fazer isso!’”

“I feel like younger siblings kind of grow up faster, because they see stuff that their older siblings are doing and they are like: ‘Oh! I wanna do that!’”

“Eu não acho que exista muita relação entre o tamanho do seu corpo e o que a sua mente é capaz de fazer.”

“I don't think there is much correlation between how big your body is and what your mind can do.”

E você? O que pensa sobre o crescimento? Já conversou com alguma criança sobre isso? Conte para nós como foi!

Acesse o vídeo aqui: <https://vimeo.com/133375530>. Infelizmente ainda não há uma versão disponível do documentário com legendas em português.

# Infâncias em Rede integra campanha internacional contra violência doméstica

AUTOR (ES): **CRIANÇAS DO CALABAR, AVANTE, COMOVA** 14 / MAR / 2016



“Vou tocar o berimbau enquanto brincamos de capoeira. Samara vai tomar uma rasteira de Patrick e nessa hora ela vai ouvir alguém batendo em uma criança. Então ela levanta e sai correndo, procurando de onde vem o barulho da violência e a gente vai atrás dela até que encontramos a casa onde o pai está batendo na criança. Ela bate na porta da casa. O pai vai abrir e vai acabar com a confusão porque ele vai ter que nos atender e com isso dá um tempo e se acalma.” Assim Leo Magalhães de oliveira, 8 anos, resume o

roteiro do vídeo que foi filmado na comunidade do Calabar, por meio do projeto Infâncias em Rede – Bata na Porta.

O vídeo integra um movimento que começa a se expandir mundo afora, que encoraja as pessoas a baterem na porta das casas e interromper uma situação de violência doméstica. Já existem peças prontas em outras partes do mundo, como Índia (Ring the Bell) e Peru (Toca La Puerta). “No Brasil, em Salvador, no Calabar, o Infâncias em Rede está dando continuidade à campanha”, conta Ana Marcílio, consultora associada da Avante – Educação e Mobilização Social e coordenadora do projeto.

Ana Marcílio relata que foi apresentada à ideia da campanha quando esteve no Peru, em 2012, para a Consulta Internacional de Expertos em Prevenção e Resposta à Violência contra a Criança na Primeira Infância. “Assisti ao Ring The Bell, realizado pelos indianos. O enfoque do vídeo é mais a violência contra a mulher. Os peruanos compraram a ideia, mas focaram na violência doméstica contra a criança, linha que estamos seguindo no Calabar”. O Infâncias em Rede vem trabalhando a questão da violência contra as crianças há algum tempo e o vídeo não é o único resultado desse trabalho.

Os meninos/as do Calabar fizeram, no ano passado, uma peça para falar da Lei Menino Bernardo, depois transformada em música, já gravada. “Como a peça não pode ter o alcance de um vídeo e por termos uma parceria com a produtora COMOVA, optamos por fazer o vídeo para fortalecer um movimento no qual acreditamos”, explicou Ana Marcílio.

## VoC faz sua última parada na Ásia para escuta de crianças

AUTOR (ES): **AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 09 / MAR / 2016



A equipe do Voices of Children – VoC decola de Bangalore e chega a Singapura. Última parada para as oficinas de Vídeo Mobile, ampliação dos horizontes dos educadores na perspectiva dos direitos das crianças e escuta desse público para o documentário de mesmo nome – produto final do projeto idealizado e executado pelo GT Children’s Rights, da World Forum Foundation. “A semana em Bangalore foi intensa, fizemos oficinas mais focadas na abordagem pedagógica, sobre direitos, e várias rodadas de gravações e filmagens com as crianças”, conta Gustavo Amora, cientista político, integrante do GT e da equipe da COMOVA, instituição que trabalha com advocacy por meio de estratégias de comunicação, responsável pela direção do áudio visual.

Gustavo Amora postou no perfil da COMOVA no facebook detalhes sobre os desafios do trabalho que, para além do registro das falas de crianças de diversas partes do mundo sobre seus direitos, carrega em sua essência a mobilização e formação dos adultos sobre esses direitos. “A abordagem deste projeto tem sido um grande aprendizado para nós. É um projeto que mistura vídeo, pedagogia e direito das crianças. Não é apenas ter um roteiro e ligar a câmera, é um desafio de convencer educadores, familiares e comunidade sobre a importância de se ouvir as crianças e buscar soluções para os desafios da infância a partir das propostas que essas crianças tem a apresentar”.

Para Gustavo Amora, o conceito não é fácil de entender, mas, segundo ele, “na prática o que ocorre é um desafio de diálogo constante no nosso time, para equilibrar a demanda de se fazer um vídeo de qualidade, com a necessidade de se fazer uma experiência pedagógica proveitosa para as escolas e ainda assim, respeitar e valorizar os direitos das crianças”. O time a que o integrante da COMOVA se refere inclui tanto aqueles que estão com o

pé na estrada ao seu lado: Ana Oliva, consultora associada da Avante – Educação e Mobilização Social; seu parceiro na produtora – Alan Shivas; John Nimmo, doutor em educação e professor da Wheelock College (EUA); e Vashima Goyal, idealizadora do programa Eduretreat; como os que, ao lado dos primeiros, pensaram e planejaram a iniciativa: Maria Thereza Marcilio, consultora associada fundadora da Avante; Ellen Hall; Sam Hall; e Angela Fowler.

Já em Singapura, a equipe mantém os primeiros contatos com as crianças, em sua maioria de origem chinesa, vivendo em um dos mais poderosos centros financeiros do planeta, uma das principais refinadoras de petróleo e com o IDH mais elevado de toda a Ásia. O que será que elas têm a dizer sobre seus direitos? Quais os seus desejos? O que elas têm em comum com as crianças de Bangalore, Mumbai e Salvador? Esta última, locação das primeiras filmagens do VoC.

## Pequenos notáveis: a superexposição na infância

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER (LABORATÓRIO DE EDUCAÇÃO)** 24 / FEV / 2016



A internet nos traz cada vez mais exemplos de crianças que ficam famosas por suas habilidades precoces. Mas será que toda essa atenção e reconhecimento valorizam de fato a infância? E nós como, adultos, devemos permitir essa exposição?

O lugar ocupado pela criança em nossa sociedade é algo bastante complexo. Há um olhar cada vez mais atento ao que é específico da infância e às necessidades e particularidades desse momento de vida. Ao mesmo tempo, existe também a perspectiva que enxerga na criança um pequeno consumidor, cujas realizações só são valorizadas à medida que se aproximam das habilidades adultas.

Nesse contexto, muitas crianças têm se destacado na internet por sua precocidade: há os pianistas mirins, os pequenos pensadores, as modelos infantis... Uma série de mini-prodígios que se sobressaem por capacidades que não são próprias de sua idade. Adultos deslumbrados observam essas “estrelas” com fascínio e admiração. Mas será que isso faz bem para essas crianças? Será que a fama, a exposição ou mesmo o investimento nessas habilidades específicas favorecem seu desenvolvimento?

O jornal O Estado de S. Paulo trouxe à tona esta discussão num conjunto de duas matérias intitulado “Infância Deletada”, publicadas no caderno Aliás em fevereiro de 2015. Em “O peso de ser criança”, Ana Lúcia Villela, uma das fundadoras do Instituto Alana, comenta sobre os efeitos negativos da superexposição na infância. Ao longo da entrevista, ela conta que, em nosso país, não é apenas o critério da família que influencia nas decisões acerca do bem estar da criança. Segundo Ana Lúcia, nossa Constituição assegura que a infância seja protegida também pelo Estado e pela sociedade: "Aqui a criança é de todo mundo, como se fosse da aldeia. É dever de todos cuidar, proteger e fazer com que a criança se desenvolva de uma forma saudável."

A segunda matéria do conjunto, “As pedrinática pira”, comenta o caso de MC Pedrinho, menino de 12 anos que se tornou funkeiro reconhecido. As letras de suas músicas, recheadas de conteúdos sexuais, fazem sucesso no YouTube e nos shows do garoto. Cada apresentação rende cerca de R\$ 5 mil por madrugada, em várias cidades do Brasil. Mas será que a família de Pedrinho e os produtores e marqueteiros dessa criança estão de fato permitindo que o menino se desenvolva e cresça de modo saudável? Que tempo essa criança tem para brincar, estudar e encontrar os amigos? Como lida com as viagens constantes, a ansiedade antes dos shows e as noites mal dormidas? O que aprende ao viver essas situações do universo adulto?

A partir dessas situações e problemáticas levantadas pelas matérias do Estado de S. Paulo, propomos algumas reflexões: A exposição precoce pode ser prejudicial? A criança deve ser apenas responsabilidade da família? Ou a sociedade e o Estado devem ajudar a garantir seus direitos?

## Vozes da Cidade diversifica as vozes das crianças

AUTOR (ES): **ASSESSORIA DE COMUNICAÇÃO DA AVANTE - EDUCAÇÃO E MOBILIZAÇÃO SOCIAL** 12 / JAN / 2015 - 30 / JUN / 2016



Incluir crianças oriundas de famílias com maior poder aquisitivo foi uma necessidade detectada para aumentar a diversidade de vozes das crianças escutadas até então pelo projeto Vozes da Cidade. Depois de escutar grupos de crianças que representam a maioria menos favorecida da cidade, a equipe do projeto esteve, no dia 27 de outubro, no Curumim Espaço de Convívio. O lugar recebe crianças da Pituba, Rio Vermelho, Caminho das Árvores e Federação. Foi o 11º grupo de crianças escutado. No total foram escutadas 120 crianças.

O encontro no Espaço Curumim ajudou a qualificar as escutas ao expor, por meio da fala das crianças, as marcas das disparidades socioeconômicas de uma cidade onde coexistem proteção social com violação de direitos e altos índices de violência. As vozes dessas crianças ajudam a expor os tons dessas desigualdades e traçam o que há de comum entre esses mundos.

## **Mobilidade urbana**

Para iniciar a escuta, a equipe do projeto quis saber sobre o caminho até a escola. Emília, de 8 anos, conta que enfrenta um engarrafamento diário para chegar. Ela e outros, que também vivem na mesma área – alguns estudam na mesma escola –, acreditam que o engarrafamento é devido a outra escola que fica localizada no meio do caminho, na via principal do bairro da Federação. Mariza diz que “sofre muito” para sair de sua casa no Rio Vermelho para chegar à escola, localizada na Federação, por conta do mesmo engarrafamento.

Gabriela, de 8 anos, acha que começar mais cedo as aulas da escola que fica na via principal, cujo fluxo de carros é intensa, seria a forma de diminuir o engarrafamento, que é fruto da falta de estacionamento para os pais deixarem seus filhos. Emília, apesar de ir a pé para a sua escola, propõe que cada instituição comece as aulas em horários diferentes, acreditando que isso poderia resolver o problema de seus coleguinhas. E para mobilizar/educar a população, não faltaram sugestões do grupo: “Tem que falar com todo mundo sobre sair em horários diferentes”, “a gente pode ir no rádio”, “fazer um protesto na rua”, “fazer um vídeo e botar no facebook”.

## **Com o pé na rua**

O fato de ir à pé para a escola não evita que Emília também veja problemas no caminho. “As calçadas têm muito cocô de cachorro”, diz. Gabriela também reconhece que as ruas e calçadas perto de sua casa são muito sujas porque os donos dos cães não recolhem seus dejetos.

O tema higiene inspira Gabriela a continuar falando. “Moro perto do Iguatemi e são muitas construções e elas causam muita sujeira, tem muita poeira também, até pombo morto já encontrei na rua”.

Expandindo um pouco mais a visão da cidade, os meninos e meninas do Espaço Curumim começaram a falar das praças. Ao contrário de outras crianças escutadas anteriormente, elas vivem em áreas da cidade com oferta de espaços públicos de melhor qualidade, o que não diminui a visão crítica das crianças.

Emília, que tem três cachorros, por exemplo, diz que não conhece uma praça pensada para os seus animais de estimação. “Não tem espaço para eles correrem alucinadamente”, aponta. Arthur, por outro lado, reclamou do fato de que os cachorros nas praças criam um ambiente sem higiene. “Eu já peguei

micose porque brinquei em terra que tinha cocô e xixi de cachorro”. Mariza propôs que se colocassem placas nas praças dizendo para os donos levarem seus animais pra fazer xixi nos postes e também recolherem as fezes. Maya quer que concertem os brinquedos que estão quebrados nas praças. Valentina, de três anos, conta que já caiu de um balanço que se quebrou.

## **Segurança**

Mariza afirma que não se sente segura em Salvador. Emília lembra que a irmã foi assaltada e chegou descalça em casa. O celular da babá de Gabriela foi levado pelos ladrões. Maya deu a entender que a violência envolve uma questão de classe e raça. “Só porque é negro não pode dizer que é ladrão”, disse. Gabriela conta que tem um ladrão que todo mundo sabe quem é, sabe a roupa que usa, inclusive o boné, e que ninguém faz nada. Para Mariza, um policial na frente de cada casa resolve o problema da insegurança. Contudo, quase todos disseram confiar na Polícia.

A psicóloga responsável pela equipe de escuta da crianças no projeto e consultora associada da Avante – Educação e Mobilização Social, Ana Marcílio, lembrando das escutas anteriores, diz acreditar que os menos abastados “convivem com uma dicotomia sobre a força de segurança, que deveriam protegê-los, mas matam as pessoas. Ou seja, ao mesmo tempo que valorizam a proteção da polícia, eles também temem essa polícia que mata pessoas”.

Contudo, ressalta ela, “a violência está presente em ambos os discursos, ainda que para as crianças de famílias de classe média essa violência os atinja de maneira apareça de maneira diferente, indireta, seja pela televisão ou nos assaltos aos adultos, como no exemplo das babás. Ainda que seja uma violência mais protegida e regulamentada, eles sabem e temem a violência na cidade”.

## **Diferenças**

Para Ana Marcílio, a diferença mais marcante nas visões de cidade entre os grupos de crianças de classes sociais diferentes é “o desnível entre as proteções em que vivem”. Há crianças extremamente desprotegidas e outras bastante protegidas, “até mais do que talvez fosse necessário”. Outro ponto destacado por Ana Marcílio é a pouca convivência nos espaços públicos das crianças de classe média. “A relação com a vida é muito mais privatizada, o

público desaparece. É legal esse movimento deles irem às praças, mas suas escolas não são públicas, os melhores espaços para brincar não são públicos, hospital e médico não são públicos, nem a mobilidade. É tudo privado. Então é outra lógica de pertencimento da cidade. Já as crianças das famílias pobres estão nos espaços públicos o tempo inteiro”.

## Medos

Foram as similitudes em relação a aspectos da infância entre as duas realidades que chamaram a atenção de Ana Marcilio. “Encontramos muito pouco da fantasia da infância, mesmo com os pequenos de 4 e 5 anos. O medo do fantástico desaparece. O medo é de morte, de sangue, de assalto, de tiroteio, etc. Não tem monstro, dragão, bicho papão. Ao mesmo tempo que me deixa curiosa, me assombra um pouco o grau de realidade que está infiltrado na infância. Os medos são muito reais”, pondera.

Para a psicóloga Ivanna Castro, consultora associada da Avante, que fez parte da equipe de escuta, a experiência têm sido enriquecedora, não só no Espaço Curumim, mas em todos os outros espaços de crianças onde o projeto atuou. “Elas trazem aspectos que as vezes não imaginamos que viria de uma criança. Eu tinha expectativa de que seriam coisas interessantes, mas não tinha ideia do que. E a surpresa veio da leitura que elas têm da cidade, do conhecimento sobre suas problemáticas. Elas não fantasiam quando se pergunta sobre o lugar onde moram, elas falam do real, do concreto. Além disso, trazem contribuições para as soluções que, independente da classe social e da idade, são parecidas com a dos adultos.”

# O desenho e o desenvolvimento das crianças

AUTOR (ES): **THAIS GURGEL / NOVA ESCOLA** 21 / FEV / 2016



"Sabia que eu sei desenhar um cavalo? Ele está fazendo cocô."

"Vou desenhar aqui, que tem espaço vazio."

"O cavalo ficou escondido debaixo disso tudo!" Joana, 3 anos

*Reprodução/Agradecimento Creche Central da Universidade de São Paulo (USP)*

No início, o que se vê é um emaranhado de linhas, traços leves, pontos e círculos, que, muitas vezes, se sobrepõem em várias demãos. Poucos anos depois, já se verifica uma cena complexa, com edifícios e figuras humanas detalhados. O desenho acompanha o desenvolvimento dos pequenos como uma espécie de radiografia. Nele, vê-se como se relacionam com a realidade e com os elementos de sua cultura e como traduzem essa percepção graficamente.

Toda criança desenha. Pode ser com lápis e papel ou com caco de tijolo na parede. Agir com um riscador sobre um suporte é algo que ela aprende por imitação - ao ver os adultos escrevendo ou os irmãos desenhando, por exemplo. "Com a exploração de movimentos em papéis variados, ela adquire coordenação para desenhá-lo", explica Mirian Celeste Martins, especialista no

ensino de arte e professora da Universidade Presbiteriana Mackenzie. A primeira relação da meninada com o desenho se dá, de fato, pelo movimento: o prazer de produzir um traço sobre o papel faz agir.

Os rabiscos realizados pelos menores, denominados garatujas, tiveram o sentido ampliado sob o olhar da pesquisadora norte-americana Rhoda Kellogg, que observou regularidades nessas produções abstratas (veja no topo da página o desenho de Joana, 3 anos, e sua explicação). Observando cerca de 300 mil produções, ela analisou principalmente a forma dos traçados (rabiscos básicos) e a maneira de ocupar o espaço do papel (modelos de implantação) até a entrada da criança no desenho figurativo, o que ocorre por volta dos 4 anos.

No período de produção de garatujas, ocorre uma importante exploração de suportes e instrumentos. A criança experimenta, por exemplo, desenhar nas paredes ou no chão e se interessa pelo efeito de diferentes materiais e formas de manipulá-los, como pressionar o marcador com força e fazer pontinhos. Essa atitude de experimentação tem valor indiscutível na opinião de Rhoda: "Para ela 'ver é crer' e o desenho se desenvolve com base nas observações que a criança realiza sobre sua própria ação gráfica", ressalta Rosa Iavelberg, especialista em desenho e docente da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), no livro *O Desenho Cultivado da Criança: Práticas e Formação de Educadores*. Esse aprendizado durante a ação é frisado pela artista plástica e estudiosa Edith Derdyk: "O desenho se torna mais expressivo quando existe uma conjunção afinada entre mão, gesto e instrumento, de maneira que, ao desenhar, o pensamento se faz".

De início, a criança desenha pelo prazer de riscar sobre o papel e pesquisa formas de ocupar a folha.

### **Com o tempo, a criança busca registrar as coisas do mundo**

Uma das principais funções do desenho no desenvolvimento infantil é a possibilidade que oferece de representação da realidade. Trazer os objetos vistos no mundo para o papel é uma forma de lidar com os elementos do dia a dia. "Quando a criança veste uma roupa da mãe, admite-se que ela esteja procurando entender o papel da mulher", explica Maria Lúcia Batezat,

especialista em Artes Visuais da Universidade Estadual de Santa Catarina (Udesc). "No desenho, ocorre a mesma coisa. A diferença é que ela não usa o corpo, mas a visualidade e a motricidade." Esse processo caracteriza o desenhar como um jogo simbólico (*veja abaixo o comentário de Yolanda, 5 anos, sobre seu desenho*).



*Desenho de  
Yolanda, 5 anos*

"Esse aqui não é um coelho. Não me diga que é um coelho porque é um boi bebê. Eu estou fazendo uma galinha que foi botar ovo no mato. Quer dizer, uma menina que foi pegar plantas no mato para dar ao marido." Yolanda, 5 anos

Muitos autores se debruçaram sobre as produções gráficas infantis, analisando e organizando-as em fases ou momentos conceituais. Embora trabalhem com concepções diferentes e tenham chegado a classificações diversas, é possível estabelecer pontos em comum entre as evolutivas que estabelecem. Pesquisadores como Georges-Henri Luquet (1876-1965), Viktor Lowenfeld (1903-1960) e Florence de Mèridieu oferecem elementos para a compreensão dos desenhos figurativos das crianças, destacando algumas regularidades nas representações dos objetos.

Desenhar é uma forma de a criança lidar com a realidade que a cerca, representando situações que lhe interessam.

Mais cedo ou mais tarde, todos os pequenos se interessam em registrar no papel algo que seja reconhecido pelos outros. No começo, é comum observar o que se convencionou chamar de boneco girino, uma primeira figura humana constituída por um círculo de onde sai um traço representando o tronco, dois riscos para os braços e outros dois para as pernas. Depois, essa figura incorpora cada vez mais detalhes, conforme a criança refine seu esquema corporal e ganhe repertório imagético ao ver desenhos de sua cultura e dos próprios colegas.

Uma das primeiras pesquisas dos pequenos, assim que entram na figuração, é a relação topológica entre os objetos, como a proximidade e a distância entre eles, a continuidade e a descontinuidade e assim por diante. Em seguida, eles se interessam em registrar tudo o que sabem sobre o modelo ao qual se referem no desenho, e é possível verificar o uso de recursos como a transparência (o bebê visível dentro da barriga mãe, por exemplo) e o rebatimento (a figura vista, ao mesmo tempo, por mais de um ponto de vista). Assim, a criança se aproxima das noções iniciais de perspectiva e escala, estruturando o desenho em uma cena, sem misturar na mesma produção elementos de diferentes contextos (*veja abaixo a produção de Anita, 5 anos, que detém essas características*).



Desenho de Anita, 5 anos

"Vou desenhar a minha casa. Aqui é o portão e tem uma janela aqui." Anita, 5 anos

"Dá para ver a sua mãe dentro de casa?" Repórter

"Não, porque a porta parece um espelho. Só daria se a janela estivesse aberta." Anita

### **O desenho é espontâneo ou é fruto da cultura?**

Entre os principais estudiosos, há uma cisânia. Há os que defendem que o desenho é espontâneo e o contato com a cultura visual empobrece as produções, até que a criança se convence de que não sabe desenhar e para de fazê-lo. E há aqueles que depositam justamente no seu repertório visual o desenvolvimento do desenho. Nas discussões atuais, domina a segunda posição. "A única coisa que sabemos ser universal no desenho infantil é a garatuja. Todo o resto depende do contexto cultural", diz Rosa Lavelberg.

Detalhes da figura humana, noções de perspectiva e realismo visual são elementos da evolução do desenho.

Essa perspectiva não admite o empobrecimento do desenho infantil, mas entende que a criança reconhece a forma de representar graficamente sua cultura e deseja aprendê-la. Assim, cai por terra o mito de que ela se afasta dessa prática quando se alfabetiza. "O desenho é uma forma de linguagem que tem seus próprios códigos", diz Mirian Celeste Martins. "Para se aproximar do que ele expressa, é preciso fazer uma escuta atenta enquanto ele é produzido." Para Mirian, a relação entre a aquisição da escrita e a diminuição do desenho ocorre porque a escola dá pouco espaço a este quando a criança se alfabetiza - algo a ser repensado em defesa de nossos desenhistas.

*\* Os desenhos e os diálogos publicados nesta reportagem são de crianças de 3 a 5 anos da Creche Central da Universidade de São Paulo (USP)*

#### **BIBLIOGRAFIA**

*O Desenho Cultivado da Criança: Práticas e Formação de Educadores, Rosa Iavelberg, 112 págs., Ed. Zouk, tel. (51) 3024-7554, 23 reais*

*Tratado de Psicologia Experimental, vol. 8, Paul Fraisse e Jean Piaget, 313 págs., Ed. Forense, tel. (11) 4062-5152 (edição esgotada)*

*Fonte:*

*<http://revistaescola.abril.com.br/formacao/rabiscos-ideias-desenho-infantil-garatuja-evolucao-cogni...>*

## O que as crianças pensam sobre... os seres vivos e não vivos?

AUTOR (ES): **TODA CRIANÇA PODE APRENDER** 15 / JAN / 2016



As crianças responderam o que pensam sobre os seres vivos e não vivos!!!  
Querem saber suas respostas? São simplesmente ma-ra-vi-lho-sas!!!

Há algum tempo convidamos leitores a perguntarem para as crianças...

**Qual a diferença entre um ser vivo e um ser não vivo?**

As respostas foram simplesmente incríveis:

**Gabriel**, 7 anos: "As coisas de são ocas e o ser vivo não".

**Patrícia**, 6 anos: "Tudo que é f homem não é ser vivo. Tudo o pela natureza é ser vivo."

**Bento**, 7 anos: "O prédio, quando acaba de cortar a madeira, tem alguma coisa de vivo. As madeiras ainda estão um pouco vivas. Elas ficando velhas e secando. O prédio é vivo, mas as madeiras dele seque durante um tempo."

**Lana**, 7 anos: "As coisas da natureza usadas pelo ser humano e de acordo com o parecer da natureza."

**Antônia**, 7 anos: “A árvore é u  
Ela sente dor, por isso é viva. S  
arrancar uma folha dela vai d  
se arrancassem uma perna da

**Tomé**, 7 anos: “A árvore come  
semente e cresceu. A pedra n  
por isso não é viva.”

**Anita**, 6 anos: “Quando corta  
não é mais vivo. Se cortar a g  
também.”

1- 000.

Perguntados se a abelha é ser vivo...

**Fernando**, 7 anos: “É, porque t  
coração, sangue e sentimento

**Tina**, 6 anos: “A gente machu  
e não morre, mas ela pica alg  
morre.”

2- 000.

Em uma conversa sobre como os seres vivos se reproduzem...

**Helena, 6 anos:** “Eles nascem dos outros seres vivos grandes”.

Professora: "Semente é um ser vivo"

**Ian, 7 anos:** “Sim, ela é o coração de todas as plantas. Mas é um coração que fica em outro lugar, diferente do nosso”.

**Nina, 6 anos:** “As plantas são sementes e elas estão crescendo”

3- 000.

Agradecimentos:

Inez Angelina da Fonseca, São Paulo, SP

Eloísa Aparecida Martins, Rio de Janeiro, RJ

Maria Antonia Menezes, Belo Horizonte, MG

## A criança de 0 a 3 - Observação e Movimento



Saber observar a criança pequena é a chave para interagir com ela. Para isso, é preciso aprender a escutar, olhar e sentir o que ela tem a expressar e a comunicar com sua linguagem corporal. Mas, esta atitude de observação deve ser treinada e afinada pelo educador, para que aos poucos se estabeleça entre ele e a criança um vínculo, uma relação de qualidade que favoreça a troca de afeto e o aprendizado.

A partir de sua vinda ao mundo, o bebê já pode interagir, de acordo com o seu ritmo próprio, que se transforma no decorrer do desenvolvimento. Mas, muitas vezes, um adulto mal preparado estabelece um verdadeiro monólogo no contato com um bebê, demonstrando dificuldade de enxergá-lo como um ser ativo, como alguém que possui capacidade expressiva e comunicativa. André Trindade nos aponta a importância da observação corporal. “Como compreender e atender esse pequeno ser que fala uma língua própria? Pela linguagem do corpo encontraremos alguns caminhos de comunicação que podem ser aprendidos por nós adultos”. (Trindade, 2007, p. 18 e 19). Este treino de observação pode melhor acontecer em um ambiente preparado, onde a criança pequena se sinta segura e motivada para se

locomover livremente, explorando objetos adequados a ela. Neste local, ela pode vivenciar situações de acolhimento, limites e desafios. Entre estes desafios está a interação com os objetos, os adultos e as outras crianças, que representam mediadores importantes no aprendizado, assim como as questões relativas ao espaço e ao tempo.

Se a ferramenta principal do educador é a observação, ele vai utilizar o saber adquirido a partir desta prática, na organização do tempo, do espaço e dos materiais no ambiente, de modo a favorecer as interações criança/criança e educador/criança, sendo que as crianças pequenas utilizam sua capacidade e sua autonomia para escolher com que objeto, com quem e como vão interagir.

Emmi Pikler também se baseia nos conceitos de vínculo, observação, autonomia, brincadeira livre e movimento e suas pesquisas com crianças de 0 a 3 anos, realizadas durante os anos em que dirigiu o Instituto Lóczy, um abrigo em Budapeste, muito tem a nos ensinar.

O papel do educador, segundo a abordagem Pikler-Lóczy, envolve muita observação e bastante cuidado com a interferência direta nas brincadeiras, para não tolher as iniciativas das crianças e promover um sentimento de competência. É fundamental respeitar o ritmo sem interromper a ação e o movimento e, também, confiar na capacidade de cada criança.

## MIB entrevista Denise Cesario

AUTOR (ES): **MIB** 24 / NOV / 2015



Entrevistamos Denise Cesario, gerente executiva da Fundação Abrinq, que há 25 anos promove a defesa dos direitos e o exercício da cidadania de crianças e adolescentes.

Denise participou do 2º Encontro de Especialistas do MIB e compartilhou inúmeras reflexões sobre a infância. *"Precisamos de forma intersectorial ter um olhar integrado para a criança para as questões da educação, da saúde e da violência."*

**1) Denise, que ações e medidas são urgentes para que as crianças brasileiras tenham infâncias significativas hoje e no futuro?**

Penso que é pauta crucial ampliar o conhecimento sobre o desenvolvimento físico, mental, emocional e sobre os direitos que devem ser assegurados às crianças. O tema precisa ser compreendido e priorizado pela sociedade brasileira e requer a soma de esforços entre o poder público, o setor privado, as famílias e comunidades.

É fundamental conhecer quais são os aspectos que proporcionam uma infância plena e estimuladora das distintas potencialidades do indivíduo e que serão determinantes para a vida adulta.

Quando se trata de direitos das crianças, precisamos assegurar a promoção e a defesa a todas as crianças, independente da renda familiar, da questão de gênero, raça; é necessário olhar para os aspectos da educação, saúde e proteção da criança de forma integrada e articulada.

Transformar a abordagem e importância que damos à infância hoje é preparar adequadamente as gerações futuras, no contexto educativo, profissional e social.

## **2) De que forma a Plataforma Colaborativa Mapa da Infância Brasileira pode ser útil para os atores sociais que trabalham em prol das crianças?**

A iniciativa do MIB é muito importante, pois propõe a integração e troca de experiências teóricas e práticas em um espaço virtual colaborativo e possibilita a participação de distintos atores/setores, quer sejam, públicos, privados, do terceiro setor, pesquisadores, voluntários, coletivos.

## **3) Como podemos unir esforços e usar a potência dos trabalhos dos diferentes atores e iniciativas que lutam pelos direitos das crianças?**

Identificando e compartilhando boas iniciativas, locais/regionais, contando com parcerias entre as instituições, indivíduos e coletivos e levando a melhor solução para cada comunidade ou localidade. O desafio é enorme, mas não intransponível; requer entendimento do tema, disposição para avançar e envolvimento de muitos atores e setores.

# A menina que doa livros

AUTOR (ES): **WANEZZA SOARES**



Perdido num lugar distante de tudo, um homem se abriga na casa de uma família simpática e diferente. Essa gente tem um hábito esquisito: sair todas as noites para buscar o dia. Quando passa de novo por ali, o homem leva um presente que muda a rotina daquelas pessoas...”

Na infância, o fotógrafo Paulo Pampolin adorava esta história de Edy Lima, “A gente que ia buscar o dia”, contada pela mãe. O livro se perdeu, mas Pampolin guardou a fábula na cabeça e, a seu modo, passou a recontá-la para embalar os sonhos da filha Giovanna, hoje com 9 anos. Tal era a conexão entre pai e filha que Patrícia, atual mulher de Pampolin e madastra de Gigi, decidiu procurar um exemplar da obra nos sebos de São Paulo. Lima repousa atualmente nas estantes da família e é um dos raros livros aos quais a menina se apega. Os demais ela faz questão de compartilhar, depois de lidos, obviamente, com quem quiser. Quase todos os domingos ela e o pai oferecem literatura de graça aos pedestres do Minhocão, região central da capital paulista.

A ideia de doar livros começou há pouco mais de seis meses. Dona de uma biblioteca invejável para a idade, Gigi se perguntou: por que não compartilhar com outros leitores? Encontro-a em uma manhã fria e cinzenta de inverno. O termômetro marca 13 graus, mas não a desanima. A menina empurra um

carrinho repleto de obras de sua coleção rumo a um ponto do elevado, fechado aos carros no domingo. Entre artistas, ourives, ciclistas e turistas, ela monta sua pequena banca de exposição de tomos gratuitos.

Diante do empenho da filha, Pampolin criou no Facebook a página “A menina que doa livros”. Pela rede social, avisa quando estará ao lado de Gigi no Minhocão (as doações acontecem nos fins de semana que a menina passa com o pai), elenca os títulos disponíveis e aceita pedidos de encomendas. Giovanna lê todos os comentários, mas, por motivos de segurança, deixa as respostas a cargo do pai. “Em uma tarde, a página passou de 30 curtidas (seguidores) para mais de mil. Com isso comecei a juntar meus livros para doar também”, diz o fotógrafo.

Os adultos são a maioria dos frequentadores e também os mais desconfiados. Já perguntaram se havia câmeras escondidas ou se era pegadinha. Chegam tímidos, mas no fim sempre escolhem um título. Vários se comprometem a trazer seus livros para doar, embora poucos o façam de verdade.

O movimento varia e depende muito do clima. Nesse domingo frio e cinzento, Gigi doou apenas 5 dos 41 livros à disposição. Em dias mais ensolarados, relata a menina, não sobra nenhum exemplar. Eros, o cão da família, também é um bom garoto-propaganda. Quando ele vai junto, a visita aumenta. “O pessoal chega para brincar com ele e acaba pegando um livro”, conta a garota, ciente da empatia causada pelo animal.

Há quem peça para tirar fotos com a menina. Outros querem uma dedicatória no título escolhido, caso de Eliana Raposo, que passeava com o marido e aproveitou para dar uma olhada nas opções. Ela escolheu Trem-Bala, de Martha Medeiros, presente para a mãe. “Ela está querendo esse livro há tempos e encontrei aqui”, comemora Eliana. O marido, Wilson Rodrigues, até pensou em levar o poeta chileno Pablo Neruda, mas mudou de ideia e escolheu A Cidade dos Bichos, texto infantil de Arlette Piai. Dará a uma criança. Prova de que gentileza gera gentileza, como dizia o poeta carioca.

Aos leitores Gigi e Pampolin só pedem um favor: a manutenção da corrente de doações. “O ideal é que o livro circule, não só troque de estante”, explica o

fotógrafo. Para quem tem dificuldade em se livrar de seus livros (discos etc.), a menina aconselha: “Desapega”.

Pai e filho têm um trato. Gigi ganha livros quando quer. Outro tipo de presente só em datas muito especiais (aniversário, Dia das Crianças e Natal). Depois de sorver cada página, a menina coloca o exemplar na lista de doações. É o que acaba de fazer com O Pequeno Príncipe, do francês Antoine de Saint-Exupéry, clássico preferido das aspirantes a miss. Encomenda, aliás, de um frequentador da página no Facebook.

Apesar de leitora voraz, Gigi não abre mão de um momento de prazer: a leitura noturna feita pelo pai antes de ela dormir. A voz a conecta com sua mais tenra infância. Só não valem histórias tristes.

Fonte:

<http://www.cartacapital.com.br/revista/859/a-menina-que-doa-livros.html>

## ‘Ora direis ouvir crianças!’ Olhares sensíveis para as infâncias

AUTOR (ES): **ADRIANA FRIEDMANN**



E lá se vai mais um Dia das Crianças.

E o que fica?

Fica um 'entre-lugar'.

Um espaço de tempo entre as comemorações e a volta para o cotidiano.

Algo diferente aconteceu neste dia.

Tanto para as crianças quanto para nós adultos.

Ficam as emoções, as sensações e as percepções.

Alegrias, agitação, descobertas.

Mas muitas vezes frustrações, tristezas, melancolias...

Tanto para as crianças quanto para os pais, cuidadores, artistas, tios, avós,  
para todos nós.

Faço um convite para que olhemos para este 'entre-lugar' e nos permitamos  
ficar em contato com nossas emoções.

Acredite que as emoções, sentimentos e percepções são a 'bússola' que  
poderá guiá-lo daqui em diante para não perder de vista o que de verdade  
importa quando falamos, pensamos e fazemos ou inventamos para e pelas  
crianças. Aquilo que realmente nos toca, nos comove, nos emociona, nos

arrepia; aquilo que precisamos para nos guiar pelos universos das crianças e de suas infâncias.

## **O que realmente importa**

### *As lembranças do fundo do baú*

*Lembra* daquela coleção de figurinhas, guardanapos, tampinhas, a alegria daqueles tesouros? E depois quando ia para a rua e trocava com seus amigos. A alegria de conseguir aquela mais rara ou difícil. Ou a frustração de não conseguir...

*Lembra* quando você brincava escondido dos seus pais que pensavam que você já estava dormindo? Frio na barriga, esperteza, ouvidos atentos, segredos...

*Lembra* da sua mãe ou avó preparando aquele mousse de chocolate e você, atraído pelo cheiro, enfiando o dedo e se deliciando?

*Lembra* daquela sensação de prazer-arrepio-medo quando você balançava muito alto, ou escorregava no papelão descendo pela duna ou por aquela montanha?

*Lembra* das confidências com seu amigo invisível? E como você tentava explicar para os seus pais que era seu melhor amigo?

*Lembra* de sentir-se apaixonado por aquele moleque ou aquela menina? E morrer de vergonha de falar com ele(a)? E sentir-se eternamente emocionado com esta lembrança?

*Lembra* da sensação de liberdade quando saía correndo com seu cachorro pelo mato ou pela praia? E a cumplicidade que tinha com ele? O carinho e fidelidade que recebia dele e o afeto que partilhavam? Você cuidava mas também fazia maldades...

*Lembra* quando flutuava na água do lago, do mar ou da banheira, sentindo aquela sensação de leveza, ficando à toa? E de repente alguém chegava e 'interrompia' seu 'sonho'?

*Quais suas lembranças de infância?*

*Pare neste 'entre-lugar' e lembre, traga de volta suas emoções...*

### *As pérolas-crianças*

*Sabe aquela emoção que sobe na gente quando uma criança faz um comentário, ou conta um segredo, ou chora de tristeza?*

*Sabe aquele olhar profundo que a criança tem e do qual muitas vezes nos desviamos? Porque ali há algo tão verdadeiro que muitas vezes não conseguimos confrontar!*

*Sabe aquela brincadeira que ela está brincando e a gente, adulto, tem vontade de brincar junto?*

*Sabe aquela música de infância que toca e a gente relembra cantando e se emociona porque já a cantou também?*

*Sabe aquela criança se lambuzando na areia, mergulhando na água, construindo castelos e depois pisando, pulando e começando tudo de novo? Vontade e impulso de sentar com ela junto. Ou mergulhar o pé, a perna, o corpo todo na areia úmida? E depois correr e mergulhar na água fria gritando de prazer?*

*Sabe aquela alegria, surpresa que a criança tem quando descobre que conseguiu, seja lá o que for?*

*Sabe a criança lá embaixo das cobertas e você entrando devagarinho com seus dedos fazendo cócegas e rindo junto com ela, até arrancar lágrimas e gritos e beijos e abraços?*

*Sabe quando você vai chegando devagarinho e pelos olhares das crianças você percebe que eles estão aprontando alguma, e você finge que não sabe?*

*Sabe aqueles olhos cheios d'água da criança quando apanha? E a gente se segura para manter-se firme e não chorar mais do que ela?*

*Sabe aquele medo que dá quando a criança está tentando aprender a andar de bicicleta? E ela cai, machuca e chora e dói na gente também? Mas esta não é mais do que uma das primeiras e tantas feridas que a vida nos prepara!*

*Sabe aquele cheiro de tintas com que a criança está pintando-experimentando e a saudade de quando você tinha essa liberdade?*

*Sabe quando a criança está construindo 'sua cidade' ou 'sua casinha' deitada no chão, criando, imaginando e narrando? E você deita junto maravilhado com esse mundo desconhecido?*

*Você sabe, consegue 'olhar' para as emoções das suas crianças?  
Pare neste 'entre-lugar' e escute desde o seu coração estas emoções...*

### **Dizer crianças, tocar infâncias**

Ou a simplicidade de se reconectar.

Onde se originam os olhares sensíveis e mais genuínos para as crianças e suas infâncias?

Das nossas lembranças, das nossas sensações e emoções. Das nossas infâncias e das crianças com quem temos o privilégio de estar aqui e agora. Essas emoções são as bússolas para a gente não se perder nos labirintos que vivemos de tanto estímulo e informação.

Nos caminhos das infâncias atuais, há muitas armadilhas e perigos que, muitas vezes, nos desviam nesses labirintos que são hoje os universos das crianças. E quantas vezes nos perdemos da nossa essência, daquilo que lá atrás foi nossa inspiração. E a partir do momento em que nos perdemos, deixamos de ter olhos e ouvidos para a essência das crianças com quem convivemos.

É disso que se trata: pensar crianças, estudar crianças, voltar-se, fazer e estar com e para elas; olhar para elas com o olhar sensível do coração.

O grande desafio é trazer essas sensações para o nosso corpo, para o nosso coração: trazer e sentir nossas verdades, aquilo que a gente faz, gosta e sabe fazer.

A gente se deter nesses 'entre-lugares', nas sensações e emoções das nossas lembranças e das que as crianças nos deixam cotidianamente.

E resgatar espaços de SER.

## **E contar, dialogar, inspirar**

Como é importante poder compartilhar verdades e sonhos!

O MIB abre este espaço para que tantas pessoas, como você, conectadas com suas verdades, com seu coração, com aquilo que lá no início as motivou, as inspirou a criar e a propor alguma iniciativa para as crianças; divida, conte, compartilhe a sua experiência.

O MIB abre esta plataforma para dar voz a todos aqueles que fazem – pequenas ou grandes ações, não importa – mas que fazem pelas crianças a partir do que sabem, do que os toca, do que os mobiliza. E por isso com tanto envolvimento e verdade.

Venha inspirar-se e nos inspirar!

# A Casa Azul

AUTOR (ES): **GABRIELA ROMEU** / FOTO: **SAMUEL MACEDO**



“Sai do meio!”, “olha a lapada”, “errou, deita, deita!”. Depois que a chuva deixa o chão de terra do terreiro da Casa Azul batidinho, os meninos se amontoam por ali, braços ligeiros e falas apressadas, para fazer o pião rodopiar em manobras arriscadas. No meio de tamanha agitação, entre os intensos zunidos dos giros do brinquedo e as disputas narradas de forma acalorada pelo meninos, ouvimos um grito lá de dentro: “Augusto, larga aí, cabinha, tá na hora do programa!”.

Augusto é um dos cabinhas que corre os dias pela Fundação Casa Grande – Memorial do Homem Kariri, lugar onde viver-aprender-brincar-crescer-ser são verbos conjugados com a mesma intensidade. O programa é Submarino Amarelo, que há tempos vai ao ar na Rádio Casa Grande FM. Já a Casa Azul, assim como os meninos-personagens dessa história, é importante protagonista de uma narrativa afetiva que se desenrola no dia a dia de um pedaço de Brasil que se configura em Nova Olinda, cidadezinha sertaneja do Cariri cearense. (Ah, e cabinha é como as crianças são chamadas na região do Cariri. Cabra vira caba, que vira cabinha.)

São muitas as histórias que já ouvi os meninos, os tais cabinhas, narrando sobre suas peripécias na Casa Azul. Ela, a Casa, está nas muitas fotos que as crianças de lá tiram, também surge entre os versos das narrativas infantis

escritas em cordel nessa terra de Patativa do Assaré. Talvez, não sei bem, a Casa Azul seja a maior protagonista dessa história contada aqui – e olha que a galeria de personagens ilustres é extensa: as crianças (e as já não mais tão crianças) Miguel, Samuel, Helinho, Aécio (Bilu), Júnior, Fabiana, João Paulo, Aureliano, Yasmin, Samara, Bruninha, Taynara, Letícia, Thiaguinho, Felipim, Thales, Alycia e, claro, Alemberg e Rosiane (menino e menina crescidos que estão na origem de tudo).

Convido então o leitor a entrar nessa Casa e conhecer um pouco tal experiência – se é que isso é possível em tão poucas palavras. Do terreiro onde há pouco os meninos rodavam o pião (sinto ainda o cheiro de terra molhada), adentramos na sala do Memorial do Homem Kariri. Ali, logo somos recepcionados por Cariuzinho, imagem de madeira de um menino índio, antigo cariú, herdado de uma senhora cabocla da região. O indiozinho, imóvel, aparece ao lado de uma das saltitantes crianças (talvez Yasmin, Bruninha ou Thales), provavelmente com a fardinha (o uniforme de camiseta branca e calça vermelha) suja de terra – coisa de criança que brinca.

Na parede da mesma sala, Santo Antônio, São Miguel e São Jorge se misturam com as fotos antigas, já esmaecidas, de duas crianças, um menino e uma menina – símbolo da eterna infância, uma Terra do Nunca sertaneja. São as imagens de Alemberg Quindins e Rosiane Limaverde, casal que nos anos 80 se dividia entre a vida nos festivais de música e as pesquisas das narrativas míticas do Cariri a bordo de uma moto. Nessas andanças, foram reunindo histórias, fotos, objetos, peças da arqueologia (vasos de cerâmica, ferramentas de pedra) da região. Assim, criaram em 1992 um memorial numa casa do século 18, construção que deu origem à Nova Olinda, onde vivia Neco Trajano, avô de Alemberg. Era um jeito de preservar suas origens e retribuir tudo àquela gente.

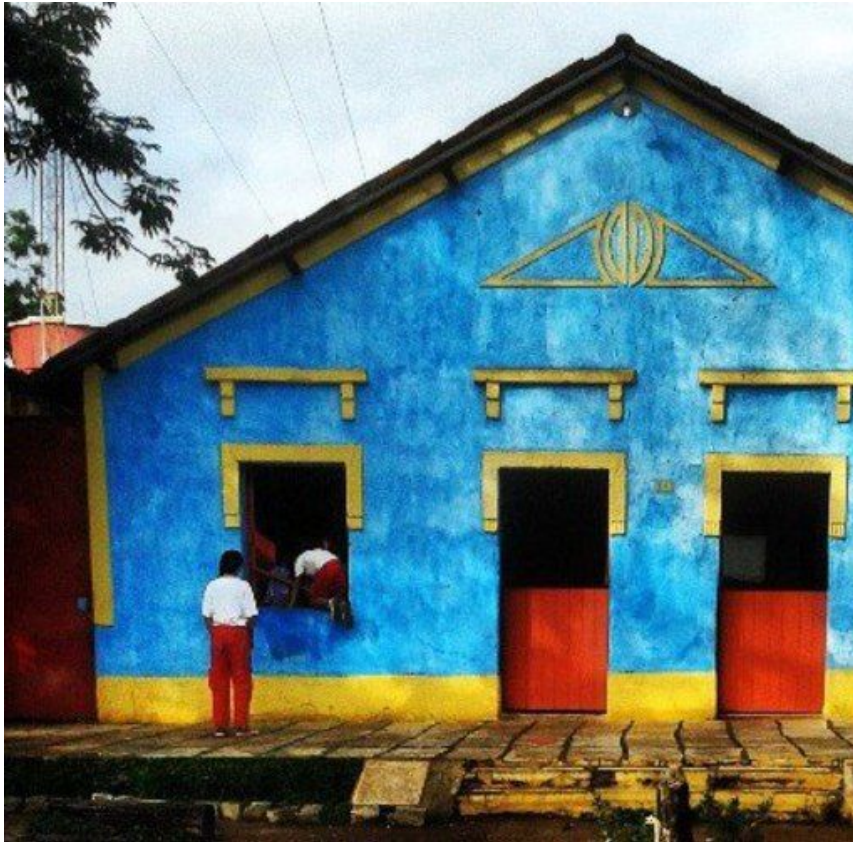
Das janelas laterais da Casa Azul, avistamos o Parque do Véio Leonso, onde as crianças brincam de escorregar e balançar, entre o entra-e-sai das atividades nas salas que abrigam diversos laboratórios da Fundação Casa Grande. Numa se faz gibi, na outra há uma DVDteca com filmes de arte, numa terceira aprendem arqueologia. Há ainda biblioteca, estúdio de edição de audiovisual e teatro, este último numa construção que remete às antigas casas de engenho da região. Todo canto da Casa tem uma história a ser contada – e diz a lenda que a Tapera (em tupi-guarani, casa velha

abandonada, como já foi chamada) foi mal-assombrada no passado. Hoje, só o assombro de quem chega desavisado.

Na Casa Azul, as crianças carregam nas mãos uma vassoura do mesmo jeito que empunham uma filmadora. Elas recebem os visitantes no memorial (local que percorremos em palavras nos parágrafos anteriores), escolhem as músicas e contam histórias nos programas da rádio, acompanham a arqueóloga Rosiane em trabalhos de escavação nos sítios arqueológicos, brigam para definir os rodízios de tarefas às vezes (ou quase sempre), organizam a programação do teatro, que já recebeu artistas como Manu Chao, recolhem o lixo do banheiro. Se existe protagonismo infantil, ele mora na Casa Azul.

Entre o parquinho e a biblioteca, meninos e meninas são autoras e autônomas, o que é visível em suas criações, que têm a marca da irreverência das crianças. Quando conheci a Fundação Casa Grande, estavam no auge das paradas de sucesso da Rádio Casa Grande FM as músicas da bandinha de lata Os Cabinha, que reunia um grupo incrível de cinco meninos (Momô, Iêdo, Rodrigo, Artur e Renê). Crias da FCG, eles tocavam na lata, cantavam no gogó sem medo de errar e inventavam composições como Noite de Lua, com versos animados assim:

“Um dia, noite de lua  
Abri a porta, fui cagar no meio da rua  
A bosta endureceu, passou um jipe e furou o pneu  
Levaram pra prefeitura, examinaram, era bosta pura  
Levaram para o xadrez; se duvidarem, eu cago outra vez.”



Casa Azul

Já li várias definições para o trabalho da Fundação Casa Grande, coisas como uma “escola de comunicação e gestão dos meninos do sertão”. Pra mim, a Casa Azul é um verdadeiro laboratório de experiências de infância – ou para experimentar, viver e habitar com vontade a infância. Laboratório “experimental” esse que nasceu na infância de seu fundador, Alemberg Quindins, que se lembra com fervor de suas criações mirabolantes de menino, inventor de cineminha em caixa de papelão numa cidade onde não chegava nem gibi e repórter das partidas de futebol que rolavam no “campinho do pé-de-pequi”. Sem se apegar a teorias pedagógicas, Alemberg costuma dizer que a Fundação Casa Grande não é espaço de formação, mas lugar de vivência. A Casa Azul é morada da infância.\*

*\* Texto feito especialmente para a publicação comKids Inovação. Também publicado no site do Infâncias ([www.projetoinfancias.com.br](http://www.projetoinfancias.com.br))*

# Memórias de Infância

AUTOR (ES): **LINDALVA SOUZA**



“A criança, ser sensível diante do mundo, busca significações, empresta seu corpo ao mundo e transforma-o em pensamento, apropriando-se da cultura, tornando-a parte de sua natureza”. Marina Célia Moraes Dias

Brincar de boneca de papel no jardim da Dona Rosa era uma felicidade... Na metade dos anos 60, muitas brincadeiras da minha infância foram vividas na rua onde morava na Moóca, bairro da cidade de São Paulo.

A rua ainda era o espaço para fazer amigos e compartilhar brincadeiras. Naquela época eu era uma menina tímida e mesmo compartilhando de oportunidades únicas na convivência com os amigos, gostava muito de ficar sozinha.

Para viver a minha solidão eu adorava correr para o jardim da minha vizinha a Dona Rosa. Dona Rosa era costureira e sempre me recebia com largo sorriso. Naquele pequeno espaço de jardim eu ficava livre e podia brincar horas com a minha boneca de papel. A boneca tinha roupa de praia; de

passar aos domingos; calçados para todas as estações; muitos vestidos, blusas e acessórios.

Perfumadas roseiras, as espadas de São Jorge e o gramado, me ajudavam a compor o cenário para que a minha boneca e eu pudéssemos inventar e recriar muitas histórias

As roupas de inverno da boneca eram as minhas preferidas e eu ficava imaginando como é que era viver num lugar muito frio, coberto de neve. Muitas vezes misturava as roupas de inverno com as roupas de verão; as roupas de outono com as roupas de inverno e eu achava esta brincadeira muito divertida.

Minha boneca era a mais bonita da rua e nós duas morávamos num belo jardim. Quando precisava voltar pra casa, guardava o meu precioso tesouro em um envelope com muito cuidado, cada pedacinho, uma joia rara.

Vivi esses momentos com muita felicidade e a brincadeira era o meu principal alimento. Naquele tempo com meus pais trabalhando fora o dia todo, eu ficava bastante à vontade com a vizinha que me acolhia e me deixava livre para que pudesse desvelar o meu universo de criança.

*Texto publicado no livro Brincar um baú de possibilidades – Caixinha de preciosidades, por Ana Leite, Biba Rigo e Lindalva Souza – organização Núcleo de Projetos do Instituto Sidarta.*

## Seu Google, nós existimos

AUTOR (ES): **ELIANE BRUM / ÉPOCA**

- Mãe, estou fazendo um mapa da nossa comunidade porque não existe nenhum – disse Sikha, uma menina de 12 anos e olhos muito vivos de uma favela de Calcutá, na Índia.

- Mas tem mapa de todos os lugares, deve ter um daqui também – disse a mãe.

- Não tem – Sikha respondeu.

- Você tem certeza?

- Procuramos no Google e não conseguimos encontrar um mapa da nossa comunidade.

Ao buscar o Google Maps para se enxergar nele, as crianças descobriram que não estavam lá. No lugar onde viviam suas vidas, suas dores, seus sonhos, suas fomes e suas faltas, onde dançavam e choravam, nasciam e morriam, havia só um vazio – um grande nada.

Sua luta para existir – também no mapa – é contada no premiado documentário *The revolutionary optimists* (Os otimistas revolucionários), de Nicole Newnham e Maren Grainger-Monsen, filmado ao longo de três anos e meio. Com a ajuda do empreendedor social Amlan Ganguly, Sikha e outras crianças desenharam seu mapa. Ao forjar sua inscrição na geografia do mundo, mudaram destinos e salvaram vidas.

O mundo, como Sikha tão bem percebeu, é dividido entre os que estão no mapa – e aqueles que não estão. Não é esquecimento, não é acaso. É violência. Uma violência original – a invisibilidade – que gera todas as outras. Nem os mapas, ou muito menos os mapas, são inocentes. Na Índia, em toda parte. E também aqui.

Era um grande vazio de gente o que os “descobridores” enxergavam ao avistar a terra que chamariam de América. Era um vazio o que se batizaria de “Brasil” no olhar dos portugueses que aportaram aqui. E, mesmo havendo centenas de povos habitando o mapa, foi vazio o que continuaram enxergando enquanto o sangue era derramado e penetrava a topografia. E de novo foi vazio o que a ditadura militar viu ao lançar sua política para a Amazônia, nos anos 70, perfurando-a com o slogan “Terra sem homens para homens sem terra”, matando primeiro numa frase, depois a tiros, aqueles que não poderiam continuar no mapa. Ainda é vazio o que os grandes grileiros de terra tentam convencer os outros que veem, para que então possam se apossar de vastas porções habitadas do território e dizer que não há nada lá. Agora mesmo é vazio o que o governo federal diz ver quando condena povos indígenas, quilombolas, extrativistas e ribeirinhos ao construir as hidrelétricas amazônicas, trocando a frase obscena da ditadura por outra, mais vaga, mas não menos terrível: “Não serão afetados”. O único jeito de não ser “afetados” é não existir. Assim como só foi possível expulsar as comunidades pobres

que estavam no caminho das grandes obras da Copa nas capitais enxergando-as como vazio – e não como uma geografia humana e amorosa em que brasileiros que também jogam suas peladas de futebol esculpem suas vidas duramente dia após dia.

As crianças das favelas de Calcutá lembraram ao mundo essa violência que atravessa a história – os sem-mapa. A que o Google Maps deu uma atualidade quase hiper-real. Elas descobriram num clique que não estavam lá. Mas como não estavam lá? O que eram suas vidas para aqueles que não as reconheciam lá? Eram invisíveis, então? Por quê? Se no mapa de quem manda no mundo eram vazio, eram um nada, então decidiram mapear-se, contrapor seu olhar ao não olhar que os varria da história. O que outros têm travado no campo da política e até mesmo no campo da guerra, os pequenos favelados enfrentaram com papel e caneta colorida.

Para fazer o mapa perceberam que precisavam se tornar seus próprios descobridores. Tão importante quanto enxergar o que estava ali era enxergar também o que não estava. E por que não estava? “Que problemas você vê aqui? Por que você acha que nós não temos água potável?”, pergunta a uma vizinha Salim, o menino que acorda as quatro horas da manhã e percorre três quilômetros para conseguir água, como fazem as 884 milhões de pessoas no mundo que a cada dia enfrentam o desafio de encontrar água para beber.

As crianças de Calcutá desenharam as ruas, desenharam cada casa, deram a cada uma um número, para que pudessem ser encontradas. “Para ser honesto, às vezes a gente cometia erros e perdia uma casa ou outra”, disse um dos meninos. Conseguiram, então, com o apoio da Universidade Columbia, celulares com GPS. E passaram a fotografar e a localizar casas e pessoas com o auxílio da tecnologia. Colocaram-se no mapa. E, graças a essa façanha, pela primeira vez uma campanha de vacinação contra a poliomielite atingiu 80% de cobertura na comunidade. (Assista a um vídeo imperdível de quatro minutos aqui. Ainda que as legendas sejam em inglês, dá para escutar muita coisa.)

Se era possível mudar o mapa, como não seria possível mudar a vida? “Como uma menina, eu sempre disse que as coisas aconteciam porque era destino”, diz uma das crianças. “Mas são as coisas que eu faço que determinam meu destino, não a sorte. Então, precisamos esquecer do destino

e seguir em frente.” Uma frase poderosa na boca de uma garota de uma favela de Calcutá, já que 47% das meninas indianas são casadas antes dos 18 anos, e menos da metade chega a se matricular no equivalente ao ensino médio. Uma frase poderosa na boca de qualquer menina, em qualquer lugar. Sikha tenta dissuadir as meninas de se casar cedo e luta para que possam jogar futebol. Quer ser advogada ou jornalista. Ao entrar no mapa, ingressou também no território das possibilidades.

As crianças das favelas de Calcutá seguiram em frente. Ao desenhar os contornos da sua geografia, perceberam que era preciso embrenhar-se ainda mais. Tinham de detectar o que devia e o que não devia estar no mapa. Malária, não devia. Diarreia, não devia. Dança, sim. Descobriram que se apropriar do mapa do seu mundo torna possível mudá-lo. E agora, as crianças de Calcutá, os daredevils (“destemidos”), como se autodenominaram, estão no mapa. E passaram a influenciar o mundo para além do seu. Entre as inspirações do *The revolutionary optimists*, está o lançamento do *Map your world* (Mapeie seu mundo), que coloca o poder das novas tecnologias nas mãos de agentes de mudança em lugares pobres do planeta.

Ainda que o primeiro passo seja reconhecer e esquadrihar seu território, como nos mostraram Sikha e Salim, acabar a tarefa por aí seria ainda permanecer passivo, como eles também nos mostraram. É preciso ter a coragem de imaginar um mapa mais largo para conseguir chegar perto de eliminar a poliomielite ou incluir água potável nas casas. Quando moradores de rua distribuem seus pertences por uma casa invisível para a maioria, embaixo da ponte ou mesmo numa esquina, como se estivessem passando da cozinha ao quarto ou conversando na sala com um amigo, evoluem por seu próprio mapa, ainda que ninguém possa ver. Antes de existirem, os mapas são sonhados.

É também a capacidade de imaginar um mapa, de fora e de dentro, que nos define, já que a primeira cartografia de cada um é o corpo. Depois, a casa onde evoluímos em nossa geografia íntima. É triste que os mapas de nossas vidas estejam cada vez mais restritos, mais tacanhos, cheios de barreiras e de senhas, ao refletir esse mundo que vai se apequenando pelo medo do mundo de quase todos os outros. Cada vez mais nosso mapa inclui menos gente, restrito aos interesses territoriais da família ou nem isso, e acaba na

porta da rua. Os muros que erguemos internamente deveriam nos escandalizar tanto quanto aqueles que separavam – e separam – os povos no embate da história. Os muitos muros fincados na forma de vidros escuros, portas gradeadas, cercas eletrificadas, as concretas e as subjetivas, são um aviso também de que não reconhecemos todos os outros como parte do nosso mapa. E de que para nós é mais natural desejar um pequeno lago individual que um rio que mata a sede de muitas aldeias. Ao contrário das crianças das favelas de Calcutá, temos sido maus construtores de pontes.

Sikha e Salim só conseguiram se colocar no mapa do mundo porque derrubaram primeiro as barreiras internas e petrificadas por séculos de opressão, que determinavam o que cada um deles podia ser ou realizar. “Agora está na minha cabeça que posso fazer mais pela minha comunidade”, diz uma das crianças. “E quem sabe eu coloque na sua cabeça que você também pode.”

Os “destemidos” das favelas de Calcutá não apenas desafiaram o Google e se colocaram no mapa a partir do seu próprio olhar. Também desenharam-se sem fronteiras e só por isso nos alcançam aqui, em toda parte, incluindo-nos em seu mapa afetivo. Esses meninos e meninas sem água potável para beber foram capazes de tornar o mundo maior – também para nós.

Fonte:

<http://epoca.globo.com/colunas-e-blogs/eliane-brum/noticia/2013/07/seu-bgoogle-nos-existimos.htm>

## Tempo de ser criança

AUTOR (ES): **LAIS FONTENELLE** / FOTO: **ANDRÉ MOURA**



Na semana passada li sobre duas iniciativas internacionais que tratam da mesma questão, apesar de parecerem contraditórias, e fiquei feliz em saber que essas modas podem pegar aqui pelo Brasil também. Uma das pautas era sobre a necessidade de oferecermos mais tempo em contato com a natureza para nossas crianças que hoje ficam muito tempo do seu dia em frente às telas e longe de sua natureza brincante, criativa e imaginativa [http://oglobo.globo.com/ciencia/revista-amanha/menos-computadores-mais-brincadeiras-ao-ar-livre-1074....](http://oglobo.globo.com/ciencia/revista-amanha/menos-computadores-mais-brincadeiras-ao-ar-livre-1074...) Vale destacar aqui que as crianças brasileiras então entre as que mais assistem tv no mundo e passam mais de 5 horas por dia em frente às telas, sem a mediação de um adulto, e em classes menos favorecidas esse numero sobe para espantosas 9 horas diárias segundo últimos dados de pesquisa.

Essa mesma reportagem contava que a Inglaterra, preocupada com o sedentarismo das novas gerações, lançou uma campanha nacional para convencer as crianças a passar mais tempo em contato com a natureza. O projeto denominado “The Wild Network” conta com uma colaboração que reúne 400 organizações, entre escolas, grupos de escoteiros, empresas, ativistas e ambientalistas em torno do mesmo objetivo: convidar as crianças a trocar as telas por brincadeiras ao ar livre. Isso mesmo! Essa é, talvez, a maior iniciativa já realizada no país para reaproximar as crianças da natureza.

Segundo a mesma matéria, para as autoridades inglesas, o que não faltam são evidências sobre os efeitos negativos de uma infância sedentária. Um relatório do National Trust (organização dedicada a preservar as riquezas culturais e ambientais do país) indica, inclusive, que o que chamam de “déficit de natureza” é “dramático” para a saúde e a educação dos pequenos. Para a associação, o trânsito cada vez mais intenso e a atração por telas digitais são, sem dúvida, fatores decisivos. Mas, não se pode negar também que o nível de estresse e ansiedade dos próprios pais contribui bastante para a questão.

E esses dados têm tudo a ver com uma outra matéria que li na mesma semana <http://www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2013/11/1370057-movimento-prega-a-desaceleracao-da-rot...> e que trazia a ideia de desaceleração da rotina das crianças baseado no conceito do jornalista inglês Carl Honoré de slow parenting- que mostra que os pais hoje, por estarem sob constante pressão, acabam passando isso aos pequenos e lotando suas rotinas com milhões de atividades diárias extracurriculares. A reportagem, no fundo trazia questões parecidas com a primeira por nos fazer o mesmo convite de repensarmos a rotina com a qual temos enclausurado nossas crianças seja em frente às telas ou em tantos compromissos. Ou seja, hoje parece que ou temos crianças paradas ou aquelas que não param nunca com agendas repletas de atividades. A matéria nos mostrava então como atividades alternativas podem fazer bem não só a saúde das crianças, mas para a relação de pais e filhos. Fato que ficou evidente no evento Slow Kids, realizado em São Paulo e incentivado pelo Instituto Alana, que esse mês levou mais de 1.500 pessoas a um Domingo no Parque com uma programação repleta de atividades nada tecnológicas: oficina de jardinagem, brincadeiras antigas e piquenique. O sucesso do evento demonstrou que é possível por o pé no freio e desacelerar o ritmo familiar.

Confesso que desde que minha filha nasceu reflito bastante sobre o tempo de ser criança já que o mercado criou milhões de atividades para mães e bebês em diferentes formatos, mas todas com a mesma pretensão: estimular o bebê. São aulas de musicalização, psicomotricidade, natação, yoga e o que mais você desejar, com preços para lá de salgados e em espaços criados exclusivamente para receber a dupla mão e bebê. Mas, será que bebês precisam realmente de tantos estímulos para se desenvolver ou o que estamos fazendo é convidando esses pequenos a ingressar, precocemente,

na loucura do tempo de consumo desenfreado de nossa sociedade contemporânea? Ao meu ver isso seria somente a porta de entrada para todas as outras atividades desenhadas sob medida para manter as crianças, em idade escolar, entretidas no contra período da escola.

Vale lembrarmos aqui que o tempo da infância é outro: mais imaginativo e contemplativo. Crianças precisam exclusivamente de tempo livre para brincar e assim se expressar e exercitar sua liberdade de criação. Mas, além desse tempo de brincar as crianças precisam também de mais tempo com seus pais porque essa relação, de fato, é a que faz diferença em seu desenvolvimento. Pais e filhos precisam de mais tempo de encontro um com o outro e com a natureza para se conectar. E para isso precisamos nos desconectarmos. Que tal então desacelerar, desligar-se das telas e fazer parte desses movimentos? A dica é simples: basta entrar em contato com a natureza e com nossas crianças. A sua saúde e nossas crianças vão agradecer.

*Lais Fontenelle Pereira, mestre em Psicologia Clínica pela PUC-Rio e autora de livros infantis, é especialista no tema Criança, Consumo e Mídia. Ativista pelos direitos da criança frente às relações de consumo, é consultora do Instituto Alana, onde coordenou durante 6 anos as áreas de Educação e Pesquisa do Projeto Criança e Consumo.*

Texto original no Blog Infância de Clarice:

<https://infanciadeclarice.wordpress.com/2013/11/21/tempo-de-ser-crianca/>

## Grom Social: uma rede social onde os adultos não entram

AUTOR (ES): **MATHEUS MANS / BLOG ESTADÃO**



Aos 11 anos de idade, Zach Marks foi proibido pelo pai de utilizar redes sociais. Sua intenção era proteger o filho de conteúdo impróprio. Enquanto os colegas da escola possuíam contas nos mais diversos sites, o garoto não tinha permissão para acessar Facebook, Twitter, Instagram ou qualquer outra comunidade digital que fosse frequentada por adultos. A solução de Zach? Criar sua própria rede social.

Com a ajuda de um amigo da família e de um especialista em código de programação HTML, Zach começou a projetar uma rede voltada para crianças e adolescentes em 2012. Durante quatro meses, ele e sua diminuta equipe criaram gráficos, códigos e desenharam o que viria a se tornar o maior site exclusivo para o público jovem no mundo: o Grom Social.

Ao mostrar o primeiro resultado para os familiares – que não sabiam de nada até então –, Zach recebeu total apoio. O pai, que sempre teve receio com novas tecnologias, entrou com investimento financeiro, convertido na contratação de especialistas e em uma equipe maior. Assim, a rede começou a tomar forma e a se consolidar.

## **Funcionamento**

O Grom Social é pensado para manter crianças e adolescentes, entre 5 e 16 anos, distantes de qualquer contato digital com maiores de idade. “Qualquer um pode, em tese, criar uma conta no Grom”, contou Zach ao Estado. “O acesso ao site, porém, é limitado. A criança precisa inserir o e-mail do responsável. Em seguida, os pais deverão entrar em contato com a nossa equipe para autorizar a entrada do filho na rede. E para isso, precisa telefonar, assinar um termo de compromisso ou pagar uma taxa com o cartão de crédito”, conta o criador do Grom Social. “Assim, o acesso à rede fica limitado e controlado por nós.”

Além disso, toda a interação no site possui um acompanhamento de professores e pedagogos treinados para notar e alertar sobre qualquer tipo de violação dos termos de uso.

Segundo Zach, a rede é um treinamento para migrar, aos 16 anos, para o Facebook. “Quando a criança não puder mais acessar o Grom, vai estar pronta para entrar em redes para adultos.”

## **Brasil**

Recentemente, a rede atingiu 1 milhão de usuários e Zach decidiu, então, que deveria ampliar a marca para outros idiomas e culturas.

Escolheu o Brasil para ser o segundo país a receber oficialmente o Grom Social.

“A escolha pelo Brasil foi natural. O número de crianças brasileiras que utilizam redes sociais é enorme”, conta Zach. “E se você conversar com elas, verá que o desejo principal é entrar em um ambiente em que o pai não está. E os pais, por sua vez, desejam que os filhos estejam seguros na web.”

Atualmente com 14 anos, o garoto nascido na Flórida veio ao Brasil com toda a família para promover o site em português. Para isso, visitou uma escola particular de Mogi das Cruzes, em São Paulo, para testar a rede com algumas crianças e procurar “embaixadores”. Segundo Zach, estes iriam “receber materiais exclusivos e testar jogos, plataformas e apps do Grom Social antes do lançamento. Com isso, seria possível descobrir se determinado produto também funciona na cultura daqui.”

Apesar do esforço, a versão do Grom em português possui alguns problemas estruturais e que podem afastar possíveis usuários.

A tradução do site parece ter sido realizada em um programa automatizado, resultando em frases soltas e sem sentido. Outras expressões nem ao menos foram traduzidas, permanecendo em inglês, o que pode causar confusão em crianças que não falam a língua.

O procedimento de autorização dos pais é igual ao dos EUA, só que os brasileiros tem que ligar ou mandar seu termo de compromisso para aquele país, já que a empresa ainda não possui escritório no Brasil. A opção mais fácil para usuários daqui será mesmo o pagamento de US\$1,99 com o cartão de crédito do pai.

## **Presente e futuro**

Curiosamente, Zach se empenha hoje em aumentar a influência do Grom Social nas redes sociais “de adultos” – Facebook, Twitter, Instagram ou Pintrest. Além disso, está trabalhando em um game para smartphones.

Ao ser chamado de “o futuro Mark Zuckerberg” pela mídia americana, um brilho surge nos olhos do garoto e um sorriso surge em seu rosto. “Eu não sei se concordo, mas acho ótimo. Ele é um dos meus ídolos e espero, um dia, fazer algo com ele.”

Sobre os planos futuros do Grom, Zach prefere não comentar. Diz apenas que está “trabalhando na expansão da rede”. “O objetivo é levar o site para outras línguas e países, tornando-o ainda mais influente na cultura de crianças e jovens ao redor do mundo.”

## **Outras comunidades**

Existem diversas outras comunidades online no Brasil voltadas exclusivamente às crianças e adolescentes. Mundo do Sítio e Club Penguin, por exemplo, oferecem jogos e uma interatividade limitada entre os usuários. Visando restringir a possibilidade de conversas, ambas as redes permitem apenas a utilização de frases pré-determinadas pela equipe responsável pelas páginas, impossibilitando uma conversa livre entre os jovens.

O Fantage se diferencia ao permitir conversas sem restrições de frases e expressões. Todo o bate-papo, porém, é monitorado por uma equipe. Os

usuários são banidos imediatamente da rede caso alguém pergunte nome real, idade, localização ou pratique bullying com outras crianças.

Alguns sites, porém, são menos restritos. É o caso de Neopets e Moshi Monsters, que possuem jogos e permitem a adoção de seres virtuais como bichinhos de estimação. A conversa entre usuários em ambas as redes é completamente livre de restrições. Há apenas algumas regras de utilização e um monitoramento esporádico sobre o que é dito nos fóruns e conversas reservadas.

Fonte: Blog Estadão:

<http://blogs.estadao.com.br/link/uma-rede-social-onde-os-adultos-nao-entram/>

## Menina de 7 anos cria Quadrinhos sobre Cabelo Afro Mágico

AUTOR (ES): **GELEDES**



Aos 7 anos, a americana Natalie McGriff, começou a ter problemas de auto-estima sobre sua capacidade de leitura e também pela textura de seu cabelo. Sua mãe Angie Nixon, uma verdadeira Pac Mãe, resolveu agir!

Juntas, elas criaram “The Adventures of Moxie Girl”, um quadrinho sobre uma garotinha que usa um shampoo mágico em seu cabelo afro todo colorido e se torna uma super-heróína. Com sua cabeleira incrível, Moxie Girl consegue deter monstros comedores de livros de destruírem a Biblioteca Pública de Jacksonville.

McGriff apresentou sua revista no festival de crowdfunding One Spark, e conseguiu arrecadar \$16.423, 69, superando mais de 530 outros projetos concorrentes.

De acordo com o Instagram da Moxie Girl, a revista oficial foi publicada em Junho.

Leia a matéria original em:

<http://www.geledes.org.br/menina-de-7-anos-cria-quadrinhos-sobre-cabelo-afr-o-magico/#ixzz3k3Ec4ocM>